

**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Regina Amorim Antunes

***A Reportagem Especial* no conteúdo informativo da SIC**

Regina Amorim Antunes **A Reportagem Especial** no conteúdo informativo da SIC

UMinho | 2017

outubro de 2017



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Regina Amorim Antunes

***A Reportagem Especial* no conteúdo  
informativo da SIC**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Ciências da Comunicação  
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Helena Sousa**

## DECLARAÇÃO

Nome: Regina Amorim Antunes

Endereço electrónico: reginaantunes94@gmail.com Telefone: 918453787 / 252312938

Número do Bilhete de Identidade: 14528283

Relatório de Estágio: A *Reportagem Especial* no conteúdo informativo da SIC

Orientadora: Professora Doutora Helena Sousa

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado: Ciências da Comunicação – Área de Especialização de Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 25/10/2017

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Agradecimentos

Aos meus pais. Sempre aos meus pais. Sem eles – que são a minha âncora – não teria chegado a bom porto. São os dois seres humanos que mais admiro, por terem lutado constantemente para que continuasse os meus estudos. Muito obrigada por todo o apoio que me foram dando ao longo destes cinco anos para que, com toda a coragem, lutasse pelos meus sonhos. Sou uma mulher mais capaz e com uma bagagem carregada de experiências enriquecedoras.

Ao Hélder, que mais uma vez esteve ao meu lado para me apoiar incondicionalmente nesta caminhada. Obrigada pelas vezes que me ouviu e deu a palavra de conforto sempre que perdia o rumo. Obrigada pelos sorrisos e as palavras de carinho cada vez que alcancei sucesso no meu percurso.

À minha família SIC Porto, onde encontrei pessoas incríveis que levo comigo para a vida. Obrigada por tudo o que me foi ensinado e até por tudo o que ficou por aprender, pois faz-me ter vontade de continuar. Foram três meses de muitos sorrisos, mas que no final deixou uma lágrima no canto do olho, de saudade e de vontade de não partir. Foi muito gratificante conviver de perto com jornalistas experientes e com um espírito de equipa tão bom. De novembro a fevereiro vivi a realidade que quero para mim, e isso sim, não tem preço. E se a saudade me deixa o coração do tamanho de uma ervilha, esta experiência enche-o do tamanho do mundo.

Uma palavra de agradecimento também à SIC Lisboa que me recebeu super bem durante a semana que lá passei. Muito obrigada a todos os jornalistas e coordenadores que despenderam um pouco do seu precioso tempo para permitir que este relatório fosse possível.

À Universidade do Minho, que me deu a oportunidade de conhecer colegas e professores fantásticos. Em especial à professora Helena Sousa que me ofereceu todas as ferramentas para que este projeto andasse para a frente e resultasse num produto final de qualidade.

À Cátia e à Beatriz, as minhas companheiras de relatório: Obrigada por terem tornado esta jornada bem mais divertida! Até pareceu fácil.

Dedico não só este relatório, como a concretização de mais um dos meus objetivos, ao meu avô Joaquim, à minha bisavó Laurentina e ao meu grande amigo Daniel, que partiram demasiado cedo. Sei que iam ficar orgulhosos de mim e iam partilhar este momento de felicidade comigo. Vão permanecer no meu coração.



## Resumo

O presente relatório procura traçar o perfil da rubrica *Reportagem Especial SIC*. A partir da experiência vivida ao longo de três meses de estágio curricular na redação do Porto, pretende-se refletir sobre o que leva à realização destas reportagens. Para o efeito, são analisadas 18 reportagens, inseridas no período de estágio, de 2 de novembro de 2016 a 2 de fevereiro de 2017. Procedeu-se à criação uma tabela de análise, que possibilitou a categorização dos temas, subtemas, geografia, atualidade, duração, periodicidade e audiência. Para uma investigação mais aprofundada, foram realizadas entrevistas a cada um dos jornalistas que realizou as reportagens e ainda aos coordenadores, no sentido de compreender como surge e qual é a filosofia do programa. A componente empírica permite, então, tirar importantes conclusões, nomeadamente no que diz respeito à aposta em conteúdos informativos alargados, no sentido em que as audiências apontam para um interesse do público neste formato.

**Palavras-Chave:** reportagem especial, jornalismo, televisão, SIC.



## Abstract

The following report seeks to explain the *Reportagem Especial SIC*. From the three months internship in Porto's redaction, the aim is to reflect on what leads to the realization of these reports. For that, 18 reports are analyzed, inserted on the internship period, from November 2, 2016 to February 2, 2017. An analysis table was created, which made it possible to categorize themes, sub-themes, geography, actuality, duration, periodicity and audience. For further investigation, journalists who carried out the reports and coordinators were interviewed, in order to understand what the program's philosophy is and how it emerges. So the empirical component makes it possible to draw important conclusions, in particular the bet on broader information content, in the sense that the audiences point to an interest of the public in this format.

**Key-Words:** special report, journalism, television, SIC.





## Índice

1.	INTRODUÇÃO .....	1
2.	EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO .....	3
2.1.	GRUPO IMPRESA .....	3
2.2.	SIC – Sociedade Independente da Comunicação .....	4
2.2.1.	SIC Notícias.....	5
2.3.	ESTÁGIO CURRICULAR.....	8
2.4.	MOTIVOS DE REFLEXÃO .....	15
3.	ENQUADRAMENTO DO TEMA .....	17
3.1.	LINGUAGEM TELEVISIVA .....	17
3.1.1.	Terminologias De Televisão.....	17
3.1.2.	As Peças Televisivas .....	17
3.2.	A REPORTAGEM.....	23
3.3.	CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	26
3.3.1.	Os Valores-Notícia De Seleção – Os Critérios Substantivos.....	27
3.3.2.	Os Valores De Notícia De Seleção – Os Critérios Contextuais.....	29
3.3.3.	Os Valores-Notícia de Construção.....	30
3.4.	AUDIÊNCIAS .....	32
4.	ESTUDO DE CASO: A REPORTAGEM ESPECIAL.....	37
4.1.	METODOLOGIA .....	37
4.2.	CARACTERIZAÇÃO DO CASO.....	41
4.3.	APRESENTAÇÃO DOS DADOS: .....	46
4.3.1.	As 18 Reportagens Especiais.....	46
4.3.1.1.	Reportagem Especial: <i>Tinta Permanente</i> .....	46
4.3.1.2.	Reportagem Especial: <i>Quebrar Silêncios</i> .....	47
4.3.1.3.	Reportagem Especial: “ <i>Vistos Dourados Mas Atrasados</i> ”.....	49
4.3.1.4.	Reportagem Especial: <i>O Meu Lugar Não É Aqui</i> .....	49
4.3.1.5.	Reportagem Especial: <i>Amazônia: Plantar o Futuro</i> .....	51
4.3.1.6.	Reportagem Especial: <i>O Saramago</i> .....	53
4.3.1.7.	Reportagem Especial: <i>A Gigafábrica</i> .....	54
4.3.1.8.	Reportagem Especial: <i>Estrada Sem Rumo</i> .....	55

4.3.1.9.	Reportagem Especial: <i>O Natal Mágico na Disney</i> .....	56
4.3.1.10.	Reportagem Especial: <i>Vida de Cão</i> .....	57
4.3.1.11.	Reportagem Especial: <i>A Língua do Bacalhau</i> .....	58
4.3.1.12.	Reportagem Especial: <i>O Legado de Fidel</i> .....	59
4.3.1.13.	Reportagem Especial: <i>Vamos ao Espumante</i> .....	61
4.3.1.14.	Reportagem Especial: <i>Valquíria na Dinamarca</i> .....	62
4.3.1.15.	Reportagem Especial: <i>A Gripe e as Urgências</i> .....	64
4.3.1.16.	Reportagem Especial: <i>Longe de Casa</i> .....	65
4.3.1.17.	Reportagem Especial: <i>Aqui Também Se Vive</i> .....	66
4.3.1.18.	Reportagem Especial: <i>Haja Saúde</i> .....	67
4.3.2.	Categorização das reportagens .....	69
4.3.3.	Categorias e Subcategorias Temáticas .....	71
4.3.4.	Categoria Geográfica .....	72
4.3.5.	Categoria de Atualidade .....	74
5.	DISCUSSÃO DOS DADOS .....	75
6.	NOTAS CONCLUSIVAS .....	81
	BIBLIOGRAFIA .....	85
	WEBGRAFIA.....	87
	APÊNDICES.....	89
	Apêndice I – E-mails enviados para os jornalistas da SIC Lisboa .....	89
	Apêndice II – Entrevista Marta Brito dos Reis – Coordenadora Jornal da Noite .....	90
	Apêndice III – Entrevista Luís Marçal – Coordenador Jornal da Noite fim-de-semana .....	93
	Apêndice IV – Entrevista Pedro Coelho – Autor da primeira RE “Um dia na prisão” .....	96
	Apêndice V – Entrevista Catarina Lázaro – “Tinta Permanente” .....	99
	Apêndice VI – Entrevista Amélia Moura Ramos – “Quebrar Silêncios” .....	102
	Apêndice VII – Entrevista Luís Garriapa – “Vistos Dourados mas Atrasados” .....	104
	Apêndice VIII – Entrevista Alberto Fragoso – “O Meu Lugar Não É Aqui” .....	105
	Apêndice IX – Entrevista Graça Costa Pereira – “ Amazónia: Plantar o Futuro” e “A Língua do Bacalhau” .....	107
	Apêndice X – Entrevista Catarina Neves -“O Saramago” .....	112
	Apêndice XI – Entrevista Carla Castelo -“A Gigafábrica” .....	114
	Apêndice XII – Entrevista Nelson Mateus -“Estrada Sem Rumo” .....	116
	Apêndice XIII – Entrevista Sílvia Lima Rato – “O Natal Mágico na Disney” .....	118

Apêndice XIV – Entrevista Nuno Figueiredo – “Vida de Cão” .....	120
Apêndice XV – Entrevista Pedro Benevides – O Legado de Fidel .....	122
Apêndice XVI – Entrevista Lúcia Gonçalves – “Vamos ao Espumante” .....	126
Apêndice XVII – Entrevista Cristiana Reis – “Valquíria na Dinamarca” .....	129
Apêndice XVIII – Entrevista Susana Bastos – “A Gripe e as Urgências” .....	130
Apêndice XIX – Entrevista Raquel Marinho – “Longe de casa” .....	132
Apêndice XX – Entrevista Madalena Ferreira – “Aqui Também Se Vive” .....	134
Apêndice XXI – Entrevista Hugo Alcântara – “Haja Saúde” .....	136

## Índice de Imagens

Imagem 1: Portefólio de Marcas do Grupo Impresa. Imagem retirada do site oficial do Grupo ....	3
Imagem 2: Planning da primeira vez que saí apenas com o RI a acompanhar, três dias após o início do estágio.....	10
Imagem 4: Alinhamento do Jornal, antes da morte de Mário Soares .....	13

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Programação da SIC Notícias consultada no <i>site</i> oficial da SIC Notícias.....	6
Tabela 2: Conceitos e significados em linguagem televisiva. (Simões & Fernandes, 2007, p. 45-46).....	17
Tabela 3: Modelo de Análise .....	38
Tabela 4: Jornalistas entrevistados.....	39
Tabela 5: Caminho Metodológico .....	40
Tabela 6: Quadro de análise das Reportagens Especiais.....	70

## Índice de Gráficos

Gráfico 1: Uma tipologia da formação da audiência dos <i>media</i> de massas. (McQuail, 2003, p. 375).....	34
Gráfico 2: Modelo estrutural do uso dos <i>media</i> . (McQuail, 2003, p. 391).....	35
Gráfico 3: Gráfico circular dos temas abordados no programa .....	71
Gráfico 4: Gráfico circular dos subtemas abordados na rubrica.....	72
Gráfico 5: Gráfico circular da categoria geográfica .....	73
Gráfico 6: Gráfico circular das subcategorias geográficas.....	73
Gráfico 7: Gráfico circular da atualidade dos temas abordados na rubrica.....	74

## Lista de Abreviaturas

RE	Reportagem Especial
GR	Grande Reportagem
JN	Jornal da Noite
RI	Repórter de Imagem
SIC	Sociedade Independente da Comunicação, S.A.
ENPS	Electronic News Production System

## 1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação surgiu do confronto direto com o jornalismo de 2 novembro de 2016 a 2 de fevereiro de 2017, período em que foram executadas funções de jornalista estagiária na redação da SIC, em Matosinhos, sob orientação da jornalista Lúcia Gonçalves.

O ponto de partida deste relatório é descrever a experiência de estágio e fazer uma breve alusão ao Grupo Impresa, à SIC e à SIC Notícias (Capítulo 2), que foi possível realizar com a conclusão do Mestrado da Universidade do Minho, em Ciências da Comunicação, na área de especialização de Informação e Jornalismo. Os conhecimentos adquiridos no percurso académico permitiram que integrasse o estágio curricular com competências e saberes que culminaram num progresso a nível profissional e pessoal.

A inspiração para o desenvolvimento do tema partiu da oportunidade de acompanhar uma *Reportagem Especial SIC*, no decurso do estágio curricular. Deste modo, o objetivo central deste estudo é analisar e perceber os contornos da rubrica, chegando ao seguinte tema de investigação: ***A Reportagem Especial no conteúdo informativo da SIC.***

Para a melhor compreensão deste tema, é necessário aprofundar conhecimentos teóricos (Capítulo 3) no que diz respeito à linguagem televisiva, ao género jornalístico reportagem, aos valores-notícia e às audiências. Concluídas as leituras, iniciam-se os procedimentos práticos, que consistem em analisar, na íntegra, 18 reportagens, exibidas durante o período dos três meses de estágio, e entrevistar cada um dos jornalistas que as assinou. Para compreender como surge e qual a filosofia da rubrica, torna-se imperativo contactar também com os atuais coordenadores do Jornal da Noite e com o primeiro coordenador da *Reportagem Especial*. Desta forma, foi possível caracterizar a rubrica e partir para a apresentação e explicação de cada uma das reportagens. Trata-se, então, de um estudo de caso, com uma metodologia mista, que conta com técnicas de recolha de dados por observação direta, por entrevistas e por documentos, e com técnicas de análise conteúdo.

Neste sentido, o capítulo 4 apresenta o estudo empírico, onde se insere a metodologia do trabalho e, após a apresentação e discussão dos resultados (capítulo 5), são expostas as conclusões desta investigação no capítulo 6.



## 2. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

### 2.1. GRUPO IMPRESA

Francisco Pinto Balsemão criou o Sojornal/Expresso, em 1972, dando assim o pontapé de saída para a criação do Grupo Impresa. Anos mais tarde, em Abril de 1988, surge a Controljornal, com o objetivo de ser a empresa *holding* de todo o Grupo de Comunicação Social.

Assim como refere no *site* oficial do Grupo Impresa, o capital Social da Controljornal é aberto, em Março de 1991, a investidores externos, nascendo assim o Grupo Impresa, que se torna num dos acionistas fundadores da SIC, que viu a sua primeira emissão ir para o ar a 6 de Outubro de 1992. Surgiu assim a primeira estação de televisão portuguesa de carácter privado e o terceiro canal generalista.

Sete anos depois, em 1999, o Grupo Impresa passou a deter o controlo de 51% do capital da SIC e 37.3% do interesse económico, sendo que um ano depois, em Junho de 2000, é admitido na Bolsa de Valores de Lisboa.

Em 2008, o Grupo Impresa adquiriu a totalidade do capital Edimpresa, que até então detinha apenas 50%, e ficou com mais de 30 publicações como o Expresso, a Visão, a Caras, a Activa, entre outras. A Impresa é, no final deste ano, o maior grupo de Comunicação Social a atuar em Portugal.

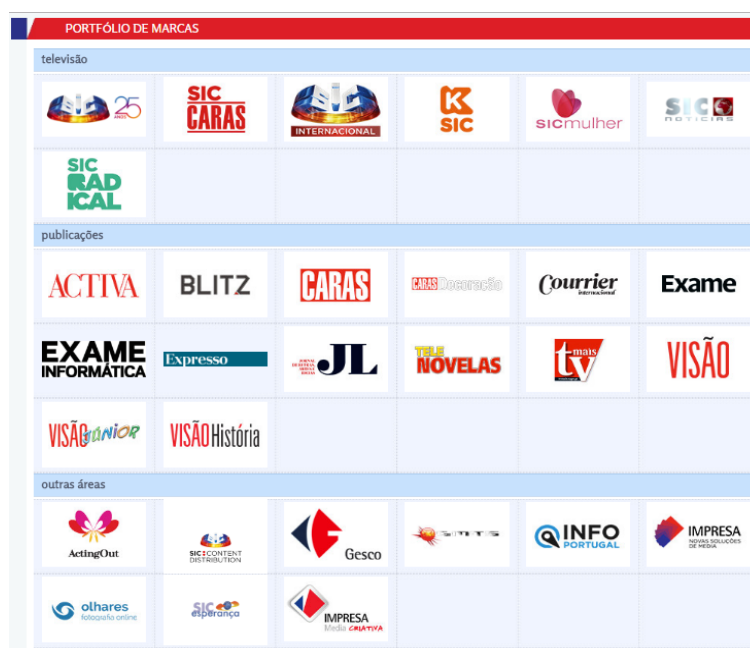


Imagem 1: Portefólio de Marcas do Grupo Impresa. Imagem retirada do site oficial do Grupo



O Grupo Impresa não se desmarca da sua responsabilidade social e, por isto, transmitem valores que praticam e privilegiam, como a “defesa da liberdade de expressão”, o “papel dos meios de comunicação social independentes e de qualidade no funcionamento da democracia” e o “desenvolvimento de relações fortes com *stakeholders*, parceiros locais e a sociedade portuguesa em geral”<sup>1</sup>.

A gestão da sociedade está a cargo do Conselho de Administração, órgão mais alto a quem compete aprovar as orientações estratégicas da empresa. O órgão é presidido por Francisco Pinto de Balsemão, o Vice-Presidente é Francisco Maria Supico Pinto Balsemão e o vogal é Francisco Pedro Presas Pinto de Balsemão<sup>2</sup>.

## 2.2. SIC – Sociedade Independente da Comunicação

“A SIC é a empresa concessionária de um canal privado de televisão, de âmbito nacional, cujo principal objeto é a difusão de uma programação de qualidade e rigor informativo, independente do poder político ou económico e de qualquer doutrina ou ideologia.”<sup>3</sup>

A SIC iniciou a emissão a 6 de Outubro de 1992, finalizando, deste modo, os 35 anos de domínio do monopólio do Estado, assegurado pela RTP. Surge assim a primeira televisão privada, independente e comercial. A estação de Carnaxide acaba por apostar numa grande diversidade de conteúdos, nomeadamente na informação, onde passou a ser permitido, pela primeira vez em Portugal, “ver a zona de retaguarda das notícias: o lugar onde elas são fabricadas” (Lopes, 2007, p. 7). Também no entretenimento e ficção nacional e internacional, onde constam as telenovelas brasileiras importadas diretamente da TV Globo, com quem a SIC tem parceria, foram uma mais-valia da estação.

No dia em que a SIC assinalou o 24º aniversário, em 2016, começou a disponibilizar o seu canal generalista e todos os seus canais temáticos em Alta Definição, tornando-se assim a primeira televisão nacional com versões em HD.

---

<sup>1</sup> Citações retiradas do *site* oficial do Grupo Impresa, acessado a 17/10/2017, em: <http://www.impresa.pt/arquivo/2016-02-24-Responsabilidade-Social>

<sup>2</sup> Informações retiradas do *site* oficial da SIC, acessado a 17/10/2017, em: <http://sic.sapo.pt/institucional3/2011-03-24-Ficha-Tecnica>

<sup>3</sup> Artigo 1 do Estatuto Editorial SIC – Sociedade Independente De Comunicação, S.A., acessado no *site* oficial da SIC, a 17/10/2017, em: <http://sic.sapo.pt/institucional3/2011-03-24-estatuto-editorial-sic-sociedade-independente-de-comunicacao-sa>

O ano de 2017 fica marcado com os 25 anos de SIC. O objetivo a que o canal se propõe é continuar a crescer e a captar a atenção do público. Programas novos e um visual aprimorado fazem com que a estação de Carnaxide esteja em concordância com os valores que dizem defender, como a qualidade, modernidade, diversidade, inovação, dinamismo, proximidade e credibilidade.

“O melhor ainda está para ver” é o mote do aniversário que foi apresentado juntamente com as novidades que a SIC prepara para comemorar o quarto de século. Foram desvendadas as estreias dos novos programas de informação, como o “Vidas Suspensas”, “Fora da Caixa”, “Sub 25” e “Era Assim”, e anunciadas as novas temporadas de “E Se Fosse Consigo?” e “Histórias Com Gente Dentro”<sup>4</sup>.

No entanto, o grupo atravessa uma fase de sérios problemas financeiros. O início de 2017 fica também marcado por um despedimento coletivo de cerca de 20 trabalhadores da SIC, sendo “sete são da direção de informação, englobando jornalistas, repórteres de imagem e produtores”, como refere o Observador (2017)<sup>5</sup>. Mais tarde, em agosto de 2017, foi avançada a notícia que o grupo pretende vender revistas até ao final do ano, e não se confirmando o cenário, podem mesmo vir a fechar, como é o caso, por exemplo, da “Visão”<sup>6</sup>. Nem um mês depois, a Impresa volta a ser notícia, pelos piores motivos, desta feita porque as ações haviam caído pelo terceiro dia consecutivo, como refere o Jornal de Negócios (2017)<sup>7</sup>.

### 2.2.1. SIC Notícias

“A SIC Notícias é um serviço de programas, de âmbito nacional, cujo principal objeto é a difusão de uma programação de qualidade e rigor informativo, independente do poder político ou económico e de qualquer doutrina ou ideologia.”<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> Informações acedidas em: <https://espalhafactos.com/2017/04/18/25-anos-sic/> [Acedido a 17/10/2017]

<sup>5</sup> Informações acedidas em: <http://observador.pt/2017/03/08/sic-quer-despedir-vinte-trabalhadores/> [Acedido a 17/10/2017]

<sup>6</sup> Informações acedidas em: <http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/impresa-estara-a-ponderar-fechar-a-revista-visao> [Acedido a 17/10/2017]

<sup>7</sup> Informação acedida em: <http://www.jornaldenegocios.pt/mercados/bolsa/detalhe/impresa-afunda-e-perde-mais-de-30-desde-cancelamento-da-emissao-de-divida> [Acedida a 17/10/2017]

<sup>8</sup> Artigo 1 do Estatuto Editorial Sic Notícias, acedido a 17/10/2017, no site oficial da SIC, em: <http://sic.sapo.pt/institucional3/2011-03-24-estatuto-editorial-sic-noticias>

Foi o segundo canal temático criado, em 2001, pela estação de Carnaxide. Pensado e dedicado inteiramente à informação em língua Portuguesa. A SIC Notícias destina-se a um público exigente que quer estar informado sobre o que se passa no país e no mundo, assim como é referido no *site* oficial do canal<sup>9</sup>.

Entende-se que um canal como a SIC Notícias prime pelos blocos de informação diários, porém, oferecem edições especiais e programas com destaque para temas como a economia, a saúde, o desporto, a sociedade, moda e cultura. O canal tem ainda espaços para os debates e as entrevistas, que captam sempre uma atenção especial do telespectador. A Edição da Tarde de Desporto, às 16h30 é a única emitida através do estúdio da SIC em Matosinhos, apresentado pela Cristina Freitas e pelo António Reis.

MANHÃ	TARDE	NOITE
6h Edição da Manhã 9h45 Exame Informática 10h Jornal das 10 10h45 The Next Big Idea 11h Opinião Pública	12h Jornal do Meio Dia: Desporto 13h Jornal Síntese 13h30 Espaços & Casas 13h45 The Next Big Idea 14h Jornal das 2 14h45 Cartaz 15h Edição da Tarde 15h30 Opinião Pública 16h30 Edição da Tarde: Desporto 17h Edição da Tarde 19h Jornal das 7	20h Jornal da Noite 21h Edição da Noite 21h45 O Dia Seguinte 23h Negócios da Semana 00h Jornal da Meia Noite 01h Primeira Página 01h15 Cartaz 01h30 The Next Big Idea 01h45 Toda a Verdade 02h30 Primeira Página 02h45 Negócios da Semana 03h45 Primeira Página 04h Contas Poupança 04h15 Espaços & Casas 04h30 Primeira Página 04h45 Cartaz 05h Exame Informática 05h15 Golf Report 05h30 The Next Big Idea 05h45 Primeira Página

Tabela 1: Programação da SIC Notícias consultada no *site* oficial da SIC Notícias<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Informação acedida em: <http://sicnoticias.sapo.pt/institucional/2013-12-27-o-que-e-a-sic-noticias> [Acedida a 17/10/2017]

<sup>10</sup> Programação consultada no dia 29 de maio de 2017, no *site* oficial da SIC Notícias, acedido em : <http://sicnoticias.sapo.pt/guia-tv>

“O Mundo Em 2 Minutos” é a assinatura do *SIC Notícias Prime*, um projeto inovador da SIC Notícias. Trata-se de um noticiário *online* em vídeo, com a duração de dois minutos, disponibilizado nas redes sociais e no *site* oficial do canal, com as principais notícias do dia. Conta com duas edições diárias: uma antes das 9h e a segunda antes das 13h. Outros órgãos do Grupo Impresa, como o *Expresso* e a *Visão*, também partilham o conteúdo com o novo formato de noticiário. O feedback do produto foi positivo. Na estreia, o primeiro *SIC Notícias Prime*, contou com mais de 21 mil visualizações na rede social *Facebook*.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Informação acedida em: <https://espalhafactos.com/2016/06/14/sic-noticias-lanca-prime-primeiro-noticiario-online-video/> [Acedida a 17/10/2017]

### 2.3. ESTÁGIO CURRICULAR

O meu estágio curricular decorreu na redação da SIC de Matosinhos, durante o período de três meses, entre o dia 2 de Novembro de 2016 e o dia 1 de Fevereiro de 2017, sob a orientação da jornalista Lúcia Gonçalves. Apesar de reconhecer que estar integrada em apenas uma secção faria com que o meu estágio fosse direcionado apenas numa direção e, por sua vez, ia fazer com que aprofundasse uma área específica, preferi deixar todas as possibilidades em aberto. A redação do Norte da SIC oferecia-me a possibilidade de estar em contacto com realidades e assuntos diferentes e não hesitei em torná-la na minha opção, uma vez que não trabalha com editoriais. Uma vez que já tinha realizado um estágio curricular, na sequência da licenciatura, no jornal *O Jogo*, pensei agora desviar-me da imprensa e do desporto, que acredito ser a minha vocação, para abraçar a informação generalista e a televisão, que se revelou ser onde me sinto mais confortável.

Em Carnaxide, onde se situa a casa-mãe da SIC, os estágios funcionam de forma diferente. Os estagiários de várias universidades e institutos politécnicos do país cumprem, durante seis meses, estágios curriculares. Os estudantes têm a oportunidade de iniciar o estágio na Agenda, na SIC Online ou no apoio ao programa *Opinião Pública*, sendo que posteriormente passam para uma das seguintes secções: Economia, Sociedade, Política, Desporto ou Cultura.

O meu primeiro contacto com a SIC Porto aconteceu a 6 de outubro de 2016, o dia da minha entrevista. A SIC fazia 24 anos e o telemóvel da jornalista Lúcia Gonçalves, que me entrevistou, não parava de tocar. À nossa conversa, constantemente interrompida, a jornalista Catarina Folhadela, que desde o momento que me recebeu no edifício, me transmitiu muita tranquilidade com a espontaneidade natural que lhe é característica. E ali estava eu, sentada em frente às coordenadoras da SIC Porto que me colocaram à vontade para falarmos de tudo, apesar de estarem com pouco tempo. Passou-me tudo pela cabeça, mas o principal foi que eu estava dentro da casa que todos os dias entra na minha. Seria mesmo possível que eu estivesse nas instalações da televisão que eu assisto em casa desde criança, sentada numa cadeira a tentar conseguir o meu “lugar ao sol”? Sim, era verdade, e dois dias depois ligaram-me a dizer que durante três meses aquela casa também seria minha. Eu era a nova estagiária da SIC.

No meu primeiro dia de estágio percebi que tinha feito a escolha certa. Cheguei às instalações da SIC pouco antes das nove da manhã e fui recebida pela Lúcia, com todo o carinho e atenção. Apresentou-me aos jornalistas que já tinham chegado à redação e elucidou-me de imediato sobre a forma como tudo funcionava. Começou por explicar-me as funcionalidades básicas do ENPS (sistema eletrónico utilizado para a produção de notícias), do XPRI (programa utilizado para a visualização e edição dos conteúdos noticiosos) e elucidou-me sobre a forma como funcionavam os alinhamentos dos jornais, o que me deixou entusiasmada, pelo que comecei a observar o alinhamento no meu monitor do computador e o momento em que a peça noticiosa sai para o ar na televisão. De seguida, e para meu espanto, encaminhou-me para um serviço com a jornalista Cristina Freitas. Fomos ao tribunal de Braga assistir à leitura de um acórdão, cujo arguido chamava-se Jaime Antunes, antigo candidato à presidência do Benfica. Estava a ser julgado por burla e branqueamento de capitais no valor de um milhão e meio de euros, sendo que em causa estaria um terreno, em Alenquer, onde esteve prevista a construção do aeroporto da Ota.

Foi um início interessante, pois deparei-me com uma realidade até então desconhecida. Percebi que uma ida ao tribunal pressupunha, antes de tudo, uma autorização para a entrada. Neste caso em concreto, a jornalista e a estagiária puderam entrar, mas o repórter de imagem teve de ficar no exterior do tribunal, uma vez que não eram permitidas as recolhas de som e imagem.

Constatei, porém, algo curioso neste serviço: a SIC optou por dar destaque a um caso que estava a terminar, sem nunca antes o ter noticiado. Quando questionada sobre o motivo pelo qual isto estava a acontecer, a jornalista Cristina Freitas não justificou, mas alegou que o mediatismo do caso se devia ao facto do Jaime Antunes ser um antigo candidato à presidência do Benfica.

Redigido e corrigido o texto, foi altura de acalmar depois daquele momento inicial e ter oportunidade de conhecer os jornalistas que integravam a equipa da tarde, para ambientar-me ao local e às pessoas, o que se veio a mostrar tarefa fácil. O dia voou e do nada já tinha passado da hora de sair, dando tempo apenas para ver os serviços marcados para o dia seguinte e escolher aquele que mais me chamava a atenção.

Com a sensação de missão cumprida, estava agora totalmente preparada para agarrar o desafio de integrar, durante três meses, a família SIC Porto. Acompanhei jornalistas em serviços de

Saúde, Justiça, Sociedade, Cultura, Política, Desporto. Na área do desporto, tive a oportunidade de acompanhar todos os jogos, treinos e conferências do Braga, em casa, para a Liga Europa, que é transmitida pela SIC. Para além disso, saí inúmeras vezes para conferências de imprensa e treinos de clubes como o Porto, Boavista, Moreirense e Rio Ave. No terceiro dia de estágio fui, apenas com o Repórter de Imagem a acompanhar, receber o autocarro do Benfica, no hotel onde ficaram hospedados em Gaia, para defrontar o Porto no dia seguinte. O objetivo deste serviço era enviar as imagens em direto para a redação de Lisboa, pelo que não seria necessário escrever uma notícia.

Em nenhum momento, consegui esconder o meu interesse por assuntos desportivos. De facto, esta era a minha zona de conforto, mas nunca deixei que isso interferisse no meu objetivo de tentar procurar fazer de tudo um pouco.

Story Slug	Object Placeholder Create	Hora → aida	Hora do Evento	Local	Jornalistas	Reporter Img.	SIC	Produção	Observações	Marc. por
PIQUETE RI MANHÃ										
COORDENAÇÃO RI	P		08.00	SIC		Pedro Carpint				
Airbnb dos carros Bookingdrive - PEÇA PJ			00.00	Porto	Susana Bastos	Sem Replmaç			PEÇA PJ PRONTA	LML
Raid Humanitário Viana Guiné - PEÇA PJ			00.00	Viana	Rui C Teixeira	Sem Replmaç			PEÇA PJ PRONTA	LML
Burlas casas de férias - PEÇA PJ			00.00	Algarve	Conceicao Ribeir	Sem Replmaç			PEÇA PJ	LML
Pinhel candidata cidade vinho 2017 - PEÇA PJ			00.00	Pinhel	Madalena Ferreir	Sem Replmaç			PEÇA PJ	LML
Motociclismo - PEÇA PJ			00.00	Lisboa	Ana P Almeida	Sem Replmaç			PEÇA PJ	LML
Gymkhana Grid - PEÇA JN			00.00	Grécia	Rui P Reis	Sem Replmaç			PEÇA JN	LML
Burta Fundos Europeus Barcelos - PEÇA JN			00.00	SIC	Jose M Mestre	Sem Replmaç			PEÇA JN	LML
Chegada detidos Militares Campus			08.00	Garagem Campus TIC		Pedro Carpint			detidos são levados pela PJ Militar, sem jornalista	IH
Detidos Militares			09.00	TIC, Campus de Justiça	Amelia M Ramos	Filipe Ferreira			directo 3G3	IH
PS + Reunião Comissão Nacional			10.30	Hotel Altis, LX	Jose M Mestre	Rafael Homer			Carro 4	LML
Surf Web Summit			11.00	Ericeira, Ribeira D 'has	Vania P Correia	Ri Freelancer		Gonçalo		JGF
Street Fest - Mercado Urbano			13.00	Martim Moniz, Lisboa	Joana Silva	Ri Freelancer		Barreto		LML
SETE - Estrelas michelin			15.00	Vila Joya	Conceicao Ribeir			AMS		MBR
Catarina Martins + Conferência OE			15.00	SANTARÉM	Joaquim Franco	Ri Freelancer		Venda		LML
FC Porto - CI Nuno Espírito Santo	*Sony.serverPt.mos		15.15	Olivai. VNG	Antonio Reis	Miguel Cabral			3G 9	LFG
Assunção Cristas + Feira da Castanha			15.15	Pav. Multilusos, TRANCOOSO	Manuela Carneir	Sem Replmaç			3G12	LML
Apres. Livro José Sócrates	*Sony.serverPt.mos		16.30	São Martinho, BARCELOS	Susana Bastos	Ri Porto			ri porto Ana Santos, 3G2	LML
Jerónimo de Sousa + Debate Crianças e Pais			16.45	PALMELA	Lusa Tv	Lusa Tv				LML
Benfica - CI Rui Vitória			17.00	Estádio da Luz	Miguel Guerreiro	Ri Freelancer			CODEC	EMA
Casa do Futebol Clube do Porto até às 19H			17.00	Espinho	Antonio Reis	Miguel Cabral			diretos 3G4	LFG
Cafe dos benfiquistas em Seia			17.00	Seia	Madalena Ferreir				3G15	LML
Casa do Sporting			17.00	Leiria	Miguel Marques				3G6	LML
Passos Coelho - Convenção PSD Setúbal			17.15	Sesimbra	Pedro Coelho	Ri Freelancer			3 G 10	LML
Medidas Coação Militares			17.30	TIC, Campus de Justiça	Joana Silva				3G3	LML
Rita Ora			18.00	Chiado	Cristiana Reis	Joao Lucio				LML/GCP
Sporting - CI Jorge Jesus			18.30	Estádio de Alvalade	Miguel Guerreiro	Ri Freelancer		Barreto	CODEC	LML
Chegada Autocarro Benfica	*Sony.serverPt.mos		20.00	Holiday Inn, GAIA	Regina Antunes	Joao P Tiago			3G1	LML
PIQUETE RI NOITE			24.00	SIC		Ri Freelancer			FRANCISCO	

Imagem 2: Planning da primeira vez que saí apenas com o RI a acompanhar, três dias após o início do estágio

Porém, a minha primeira saída sozinha foi para acompanhar o primeiro treino de Soares ao serviço do Porto. Confesso que, apesar de ter sido chamada já na reta final do meu estágio, fiquei muito satisfeita por terem confiado em mim. Fui ao Olival com o repórter de imagem Luís Dinis, que me ajudou em todas as questões que lhe fui colocando. Apesar de já ter acompanhado vários jornalistas nos treinos do Porto, não posso deixar de referir que ir sozinha causou-me algum nervosismo, porque apesar de confiar muito nas minhas capacidades, tive

sempre receio de falhar em algum aspeto. Durante a viagem de regresso a Matosinhos, fui escrevendo já a minha notícia no telemóvel, para não perder tempo. Isto permitiu que a peça entrasse no Jornal do Meio Dia de Deporto. Apesar de não me terem dado a oportunidade de sonorizar a peça, não deixei de ficar satisfeita por ter recebido, mais uma vez, elogios ao meu texto. A jornalista Catarina Folhadela sonorizou e, rapidamente, começou a passar a minha peça na SIC Notícias.

Story Slug	Placeholder Create	Hora Saída	Hora do Evento	Local	Jornalistas	Reporter Img.	SIC	Produção	Observações	Marc. por
Marcelo 1 ano - Celorico	*Sony serverF	08:30	09:30	CELORICO DE BASTO	Miguel Mota	Joao P Tiago				CFC/AA
Arte Marcial Mirandela			09:00	Mirandela	Joao Faiões					AA
Estradas Ajustrel			09:00	Ajustrel	Luis Godinho					AA
REP Estudo GFK - lavanderia			09:30	Rua Firmina Celestino Cardoso N.1 loja 1 Edificio Ourém, Massamá	Amelia M Ramos	Joao Lucio				
PR + Encontro Autores Portugueses ##			10:00	Palácio de Belém					PR nao vai estar	
ESFC - Ensaio			10:30	ACT		Fernando Silv				IM
Treino FCPorto #	*Sony serverF		10:30	Centro de Treinos PortoGaia	Regina Antunes	Luis Dinis				CFC/EMA
TSU Ultimas PJ			10:30	SIC	Filipa C Ramos	Sem Reptmaç				JGF
PeA - 20 Anos de reciclagem					Isabel Osorio	Filipe Ferreira				MD
Treino Braga: Taça CTT #	*Sony serverF		10:30	Estádio da Pedreira, Braga	Miguel Torrao	Jose Vaio				CFC
Ensaio Deolinda			10:30	Coliseu	Andre Pacheco	Edgar Ascenc				GCP
Programação Serralves 2017	*Sony serverF		11:00	Serralves, PORTO	Maria J Mendes	Joaquim Gom				CFC
Crianças + Astronauta Estação Espacial			11:00	Pavilhão Conhecimento, LX	Rita Neves	Ri Freelancer		MB	autorizado	AA
Vigília Sindicato da Guarda Prisional ##			11:00	Palácio São Bento	Nuno Figueiredo	Rafael Homer		MB	3G9 + CODEC	AA
Min. Ambiente + CNA #FECHADO			11:30	Minist Ambiente	Lusa Tv	Lusa Tv		MB	Lusa TV aguardo	
Cl Domingos Pereira + Demissão PS	*Sony serverF		12:00	Sede PS, BARCELOS	Susana Bastos	Luis Dinis			Direto 3G5	CFC/PBV
Cl Vit. Setúbal - Antevisão meia final Taça da Liga			12:00	estádio algarve	Conceicao Ribeir				3G7	EMA
PSD sobre Descentralização			12:00	AR, LX	Patricia Bentes	Ri Freelancer		Barreto	Direto	AN/PBV
Cl Braga: Antevisão jogo Setúbal Taça CTT	*Sony serverF		12:45	Estádio da Pedreira, Braga	Miguel Torrao	Jose Vaio			Directo codec	CFC
PR + Almoço adversários presidenciais #			13:00	Palácio Belém	Anabela Neves	Pedro Cardos			3G10	PBV
Anúncio nomeações Óscares			13:18	SIC	Silvia L Rato Cristiana Reis	Sem Reptmaç		H LX	Peça PJ + cartaz +	GCP

Imagem 3: Planning da primeira vez que sai em serviço sozinha

Alguns dos serviços que despertaram a minha atenção foram as coberturas noticiosas das greves, pelo que são sempre momentos de grande trabalho para as empresas de comunicação. São preparadas com algum tempo e geralmente implicam ter no terreno mais do que uma equipa. Durante o meu estágio acompanhei greves no setor da saúde e da educação. São necessárias, muitas vezes, duas equipas, para estarem em duas escolas ou então em dois hospitais diferentes. No meu caso, tive a oportunidade de acompanhar a jornalista Catarina Lázaro e a repórter de imagem Cristina Almeida até ao Hospital S. João, onde os serviços mínimos de saúde estavam assegurados, mas o pessoal administrativo teve uma adesão muito grande, sendo que a receção principal não tinha um único funcionário. Percebi, nesta saída, que é complicado conseguir informações sobre o número de funcionários que aderiram à greve, pelo



que nem sempre os assessores estão autorizados, pelas direções dos hospitais, a divulgar esses dados. No entanto, as dificuldades não ficaram por aqui. A SIC Notícias fez diretos nas aberturas das edições da manhã sobre a greve na saúde, transmitindo aquilo que se estava a passar no Hospital S. João e num outro hospital em Lisboa.

O que se verifica é que nem sempre é fácil fazer diretos, no meio de tantos utentes que estão sentados, impacientemente, à espera de saber se vão ser atendidos ou não, conseguir falar com alguém que explique a situação de forma pacífica, tranquila e perceptível.

Todos os serviços de saúde que acompanhei foram, igualmente, uma surpresa para mim. O facto de, durante os quatro anos de faculdade, não ter abordado muitas vezes a saúde na comunicação social, fez com que a minha atenção fosse redobrada sempre que o tema era abordado. Apesar do Mestrado da Universidade do Minho ter-me preparado para a saúde na notícia, na cadeira de “Jornalismo Especializado”, com a professora Felisbela Lopes, é sempre um desafio colocar em prática os conceitos e as competências teóricas aprendidas. Houve um serviço, no IPO, que me chamou particularmente a atenção. Tratava-se da inauguração de um acelerador linear, na área de radioterapia, que permitia um tratamento mais rigoroso e eficaz, sendo que é o único disponível nos hospitais públicos. O meu primeiro pensamento foi que um grupo de jornalistas ia acompanhar o Ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, no interior do IPO, onde utentes estão estavam à espera de ser atendidos, causando uma grande confusão. Na verdade, nada disto se veio a confirmar. Quando chegamos ao IPO, a assessora do hospital reuniu todos os jornalistas e repórteres de imagem dos vários órgãos de comunicação e encaminhou-nos para um corredor onde esperamos pela chegada do Ministro. Fiquei surpreendida com a forma como as equipas de reportagem se organizam, de modo a não atrapalhar o bom funcionamento dos serviços de saúde. Em nenhum momento senti que tivesse sido causado algum tipo de confusão ou constrangimento dentro do hospital.

Relativamente à política portuguesa, percebi que apesar de estar centralizada na cidade de Lisboa, o Norte, e mais concretamente a cidade do Porto, têm voz ativa na agenda mediática. Acompanhei serviços na Câmara Municipal do Porto, tendo tido a oportunidade de perceber de perto a relação que existe entre os jornalistas e os políticos, neste caso concreto o Rui Moreira. Todos os serviços que acompanhei na Câmara Municipal do Porto foram conduzidos pela jornalista Márcia Torres, que conseguiu também entrevistas exclusivas com o presidente Rui Moreira. Compreendi que existem, de facto, boas relações entre a SIC e o Município, o que

facilita o trabalho do canal. Durante o Mestrado na Universidade do Minho, na cadeira de “Jornalismo Especializado”, houve a possibilidade de estudar mais aprofundadamente a questão da relação de simbiose entre políticos e jornalistas, o que facilitou a compreensão deste fenómeno que prova que a teoria se aplica na prática.

A morte de Mário Soares foi também um momento que pude acompanhar dentro da redação. Foram muitos os emails enviados para todos os jornalistas do universo SIC para que tivessem atenção ao tema, no sentido de estarem disponíveis caso o antigo Presidente da República morresse. A expectativa era alta e todos estavam preparados para o acontecimento que, aos olhos deles, estava já previsto. Curioso foi quando me pediram que verificasse o alinhamento do Primeiro Jornal, e para meu espanto, havia todo um jornal preparado para a ocasião. Todos os dias, as peças já prontas para noticiar a morte de Mário Soares entravam no alinhamento, sendo que todas elas já vinham sendo preparadas antes mesmo de ele ter sido internado no hospital. Nunca tinha pensado em como as emissões especiais sobre um determinado assunto eram preparadas até este momento. Percebi depois que já vão sendo realizadas peças sobre pessoas ilustres que a qualquer momento podem falecer.

The image shows a screenshot of a software interface, likely a news management system. At the top, there's a header with 'APENPS' and 'Messages: Urgent: RTV CORRECTION-FILE GEORGE MICHAEL VIDEOS'. Below that, a title bar reads 'MASTER [26-12-16 06:00]'. The main area is a table with columns: Page, Story Slug, An, Final Appr, Status, Jornalistas, MOS Obj Slug, MOS Status, MOS Object Time, Text Time, Actual, Origem, audio, Object Autocreate, and On. The table lists various news items related to 'MÁRIO SOARES', including 'PEÇAS', 'Bio Curta', 'Últimas Batalhas', 'Momentos', 'As Derrotas 1', 'O Presidente 1', 'Primeiro-Ministro 1', 'Fundação do PS 1', '25 de Abril e Govern', 'Advogado e Político 1', 'Infância e Juventude', 'Discurso Direto Terra', 'Discurso Direto Biblio', 'Discurso Direto Sala', 'Discurso Direto longa', 'Discurso Direto longa 1', 'MOMENTOS', 'Entrega Globo', 'BLOCOS DE IMAGENS', 'Outros 1', '90 Anos 1', 'Depois 2010 1', 'Presidencias 2006', 'Presidencias 2006 1', 'Encontros Governo 1', 'SIC 1993 1', 'Pres Aberta LX 1993', 'Pres Aberta LX 1993 1', 'Em funções 1', 'Campanhas e Posse 1', 'Viagens Portugal 1', and 'Viagens 1'. The 'Status' column shows 'READY' for most items, and 'ERROR' for some. The 'Actual' column shows times like '0:00', '2:35', '2:39', etc. The 'Origem' column shows 'SONY' for many items. At the bottom, there are buttons for 'Agências Feeds', 'Regina Antunes', 'Master', and 'Planning', and a search bar with 'Enter Search Here...'. A status bar at the bottom left says 'Under 14.21.03'.

Page	Story Slug	An	Final Appr	Status	Jornalistas	MOS Obj Slug	MOS Status	MOS Object Time	Text Time	Actual	Origem	audio	Object Autocreate	On
C0	MÁRIO SOARES							0:00	0:00					
C1	##### PEÇAS													
C2	SOARES - Bio Curta			Ok	Pedro M Costa	SOARES	READY			0:00	0:00			
C3	SOARES - Homagem S. Bento				Pedro Benevides	SOARES	READY	2:35	0:11	2:46	SONY			
C4	SOARES - Últimas Batalhas				Debora Henriques	SOARES	READY	2:39	0:10	2:49	SONY			
C5	SOARES - Momentos				Pedro Coelho	SOARES	READY	3:19	0:21	3:40	SONY			
C6	SOARES - As Derrotas 1				Reinaldo Serrano	SOARES	READY	5:15	0:04	5:19	SONY			
C7	SOARES - O Presidente 1				Reinaldo Serrano	SOARES	READY	3:03	0:20	3:23				
C8	SOARES - Primeiro-Ministro 1				Reinaldo Serrano	SOARES	READY	4:07	0:23	4:30				
C9	SOARES - Fundação do PS 1				Reinaldo Serrano	SOARES	READY	5:02	0:13	5:15				
C10	SOARES - 25 de Abril e Govern				Reinaldo Serrano	SOARES	READY	2:34	0:21	2:55				
C11	SOARES - Advogado e Político 1				Reinaldo Serrano	SOARES	READY	3:46	0:14	4:00				
C12	SOARES - Infância e Juventude				Reinaldo Serrano	SOARES	READY	2:37	0:22	2:59				
C13	SOARES - Discurso Direto Terra				Anabela Neves	SOARES	READY	2:48	0:11	2:59				
C14	SOARES - Discurso Direto Biblio				Anabela Neves	SOARES	READY	4:23	0:18	4:41				
C15	SOARES - Discurso Direto Sala				Anabela Neves	SOARES	READY	3:56	0:19	4:15				
C16	MS Discurso Direto longa				Anabela Neves	MS	ERROR	2:19	0:13	2:32				
C17	MS Discurso Direto longa 1							26:27	0:16	26:43	SONY			
C18	### MOMENTOS							0:00	0:15	0:15				
C19	MS Entrega Globo							0:00	0:00	0:00				
C20	##### BLOCOS DE IMAGENS													
C21	MS - Outros 1							2:57	0:00	2:57	SONY	ST		
C22	MS - 90 Anos 1							0:00	0:00	0:00				
C23	MS - Depois 2010 1							18:19	0:00	18:19				
C24	MS Presidencias 2006							3:31	0:00	3:31				
C25	MS Presidencias 2006 1							7:42	0:00	7:42				
C26	MS - Encontros Governo 1							0:00	0:00	0:00	SONY			
C27	MS - SIC 1993 1							8:01	0:00	8:01				
C28	MS - Pres Aberta LX 1993							2:15	0:00	2:15				
C29	MS - Pres Aberta LX 1993 1							5:45	0:00	5:45	SONY			
C30	MS - Em funções 1							5:42	0:00	5:42				
C31	MS Campanhas e Posse 1							1:37	0:00	1:37				
C32	MS Viagens Portugal 1							9:49	0:00	9:49				
C33	MS Viagens 1							5:44	0:00	5:44				

Imagem 3: Alinhamento do Jornal, antes da morte de Mário Soares

Por duas vezes foi-me pedido auxílio no trabalho de produção. Devido a problemas familiares, uma das duas produtoras teve de se ausentar e eu fui chamada para fazer produção. A Escola Alexandre Herculano, no Porto, batalha há vários anos para que haja reestruturação das infraestruturas do edifício, para que em dias de chuva forte não aconteçam inundações. Foi nesse sentido que, sentada à mesa, tentei entrar em contacto com a direção da escola e com associações de pais e alunos para tentar encontrar alguém que falasse com a jornalista Maria José Mendes, que já estava na escola para relatar a chuva que se ia infiltrando no interior. Entrei em contacto com estudantes que estavam dispostos a reportar a situação e consegui os contactos de elementos da associação de pais. A direção da escola não quis prestar esclarecimentos naquele momento, mas mais tarde acabou por fazer um comunicado para esclarecer o sucedido. O balanço desta experiência acabou por ser positivo.

Nem todos os dias foram dias de sair para o terreno. Percebi que há alturas em que não surgiam serviços para fazer no exterior, sendo que nesses casos os jornalistas faziam, muitas vezes, notícias destacadas pelos jornais. E, por opção, resolvi ficar dentro da redação em momentos que existiam serviços. Percebi ser importante observar o funcionamento da redação. De salientar é o facto de que dentro das quarto paredes da SIC Porto aprende-se muito, com as conversas, as partilhas de ideias e até com as discussões... Tudo é uma aprendizagem!

Mas houve um serviço que me chamou particularmente a atenção. Fui chamada para acompanhar uma Reportagem Especial, com a jornalista Lúcia Gonçalves e com o repórter de imagem Joaquim Gomes. Era dezembro e preparavam-se para visitar quatro produtores de espumantes para sugerirem bebidas para a passagem do ano. Na primeira saída percebi logo que não era uma simples reportagem, pelo que envolvia um enorme trabalho da parte da produção e todo o processo de produção de notícia era também mais complexo. E, sem dúvida, entramos aqui no tema que escolhi para trabalhar neste relatório de estágio. Conheci uma realidade diferente do jornalismo que me deu vontade de analisar e aprofundar.

## 2.4. MOTIVOS DE REFLEXÃO

A oportunidade de acompanhar uma Reportagem Especial revelou-se uma agradável surpresa. Deparei-me com uma situação nova e, por esse motivo, acredito ser relevante aprofundar este tema, problematizando alguns aspetos.

Penso que é importante compreender a natureza do programa e depois procurar perceber quais os temas predominantes na rubrica, bem como a atualidade dos mesmos. É igualmente pertinente entender o motivo pelo qual determinado tema é passível de se tornar numa Reportagem Especial. Uma vez que tive acesso às audiências das Reportagens Especiais, optei por analisá-las e saber, junto dos jornalistas, se esta é uma questão importante para eles.

Para o efeito, vou explorar a natureza da reportagem enquanto género jornalístico e os critérios de noticiabilidade, que permitem compreender por que determinada reportagem tem valor notícia. Posteriormente serão realizadas entrevistas semiestruturadas aos coordenadores do Jornal da Noite da SIC, Marta Reis e Luís Marçal, e ao autor e coordenador da primeira Reportagem Especial, exibida em 2007, Pedro Coelho. O objetivo é compreender como e por que surgiu esta rubrica e os contornos da mesma.



### 3. ENQUADRAMENTO DO TEMA

#### 3.1. LINGUAGEM TELEVISIVA

##### 3.1.1. Terminologias De Televisão

Para se entender melhor o jornalismo televisivo, é necessário, clarificar alguns termos específicos em linguagem televisiva. Assim, na Tabela 2 estão discriminados os conceitos televisivos e as suas respetivas significações.

CONCEITO	SIGNIFICADO
Alinhamento	Sequência de notícias de um espaço informativo
Deixa	Últimas palavras da peça
Montagem	Edição da peça
Oráculo	Informação escrita, colocada sobre as peças
<i>Off 2</i>	Sequências de imagens sonorizadas pelo <i>pivot</i>
Pintar	Colocação de imagens sobre o “esqueleto” da peça
<i>Push ups</i>	Texto que passa em rodapé
Vivo	Declarações do jornalista ou do entrevistado
<i>Voz off</i>	Sonorização / Voz de fundo das peças

Tabela 2: Conceitos e significados em linguagem televisiva. (Simões & Fernandes, 2007, p. 45-46)

##### 3.1.2. As Peças Televisivas

Uma peça é uma história. Uma boa peça é uma história bem contada com princípio, meio e fim. Uma peça bem contada possui também uma narrativa lógica, um fio condutor, de forma que o telespectador a siga atentamente e a perceba. Uma boa

peça é aquela que conta a história no tempo certo. (Simões & Fernandes, 2007, p. 36)

As peças jornalísticas são a parte fundamental de um bloco informativo de uma estação de televisão. Posto isto, é imperativo que as mesmas sejam elaboradas com apuro e rigor, tendo “em atenção os princípios da isenção, do rigor e do pluralismo que são os fundamentos sagrados da credibilidade” (Simões & Fernandes, 2007, p. 36). Uma peça começa sempre com o lançamento do *pivot*, sendo que a voz *off* da peça é a continuação. É essencial que cada peça seja escrita também com uma proposta de *pivot*, para que se evite a repetição de informação por parte de ambos.

Dada a importância das peças para um bloco informativo bem sucedido, há algumas indicações que os jornalistas devem seguir para a realização das mesmas. Antes de chegar ao local de reportagem, é essencial que o jornalista atente a algumas preocupações, entre elas procurar informações acerca do tema abordado, marcar entrevistas com antecedência e manter boa comunicação com o repórter de imagem (Simões & Fernandes, 2007). Pesquisar informação acerca da temática que se vai abordar e adquirir um bom conhecimento da mesma, é fundamental para a realização de um bom trabalho. Para tal, é fundamental que, através da leitura de jornais, pesquisa documental ou até recolhendo opiniões de pessoas relacionadas com o tema se informe bem sobre o assunto (Oliveira, 2007). Um bom trabalho de pesquisa é essencial para um bom trabalho no terreno. Por outro lado, marcar as entrevistas com antecedência é algo que se deve sempre atender, quando tal seja possível, para evitar imprevistos. Segundo Jaspers (1998) é importante que o jornalista, quando chegue ao terreno, procurar fontes locais fiáveis, no sentido de melhorar o seu conhecimento sobre o assunto tratado.

A entrevista é, com a captação de imagens e o comentário sobre imagens, um dos três grandes pilares do trabalho quotidiano da informação em televisão. As reportagens muitas vezes alicerçam-se em entrevistas, pois é preciso ouvir pessoas, colocar testemunhos de acontecimentos e contar como estes se desenvolveram. (Jorge Pedro Sousa, 2003, p. 142)

Já a boa relação e comunicação com o repórter de imagem é imprescindível. O repórter de imagem deverá ter uma clara noção do tema, de modo a ter isso mesmo em consideração no momento da captura de imagem. O bom trabalho de equipa levará a uma melhor reportagem.

No local de reportagem, a primeira questão que se deve colocar ao entrevistado é o seu nome e o seu cargo, para ficar registado e depois ser utilizado na edição da peça. Ao longo da recolha de informação, depoimentos e imagens, é importante o jornalista começar, desde logo, a fazer a pré-edição mental da peça, ganhando tempo no momento exato de edição da mesma. Assim, a atenção do jornalista é sempre colocada em causa, não só para o que se acabou de referir, mas também para que nenhum pormenor lhe falhe, sendo que estes mesmos poderão enriquecer a notícia, podendo permitir questões essenciais que o jornalista não tinha planeado (Simões & Fernandes, 2007). Já na redação, chega o momento de edição da peça. Uma peça é composta por três elementos que devem ser tratados de forma distinta. Assim, primeiro que tudo há que seleccionar os vivos, depois as imagens para pintar a peça e, por fim, escrever a voz *off*.

O jornalista deve hierarquizar toda a informação, tendo em conta os critérios de importância jornalística (Oliveira, 2007). Para o efeito, é necessário que ouça e selecione as imagens, ouça e selecione os vivos e, posteriormente, escreva a notícia. Quanto aos vivos, segundo Simões e Fernandes (2007), estes não devem ter mais de 10 segundos, sendo que, nesse mesmo tempo, devem transmitir toda o máximo de informação possível.

Na perspectiva de Simões e Fernandes (2007, p. 38), "um bom vivo transmite emoção, sentimento, um estado de alma, um testemunho, todavia um bom vivo é apenas e só um elemento de uma peça, não deve ser o suporte fundamental da história". Durante o visionamento das declarações dos entrevistados, deve-se, também, tirar notas para informações complementares que serão apenas dadas em *voz off*. Visualizar as imagens recolhidas antes de escrever o texto para sonorização é, na ótica de Simões e Fernandes (2007, p. 56) "uma boa prática pois tem de existir correspondência semântica entre o som e a imagem". A história, para ser perfeitamente contada, além dos vivos esclarecedores e dos pormenores que enriqueçam o texto, deve conter imagens que sirvam para pintar de forma a permitir contar a história. Uma informação recolhida pelo jornalista no terreno requer a recolha dos planos necessários a descrever a história e, acrescenta Simões e Fernandes (2007, p. 39), "a imagem e a palavra devem complementar-se para, assim, a peça sair reforçada e enriquecida". No momento de seleção dos planos que irão pintar a peça, é fulcral manter em pensamento que a televisão é o império da imagem.

Uma reportagem de televisão sem boas imagens é tão aberrante como uma peça de teatro sem atores ou um concerto sem música. Não há televisão sem imagem e



tudo se subordina a ela. Associada ao som, a imagem condiciona a televisão e dá-lhe corpo, essência, significado e representação. Na informação, a imagem representa dois terços da mensagem. A televisão transforma-nos em testemunhas oculares do que se passa no Mundo. (Oliveira, 2007, p. 13)

Assim, estão então, dados os passos essenciais para a construção de uma peça. Posteriormente, cabe ao editor de imagem harmonizar e conciliar o seu texto, os vivos que selecionou e as imagens captadas.

Para a construção de uma boa peça, é essencial o jornalista ter ciente em si algumas técnicas para a redação dos seus textos. A escrita televisiva difere da escrita para meios impressos ou radiofónicos. Como tal, no ponto abaixo são apresentadas algumas características e peculiaridades, deste tipo de escrita.

### **2.1.3. A Escrita Jornalística de Televisão**

Escrever para televisão exige o domínio de uma técnica muito aprimorada. A escrita de televisão é uma escrita destinada a ser ouvida, pelo que deve ser curta, clara, forte e sugestiva. “A comunicação oral é tanto mais eficaz quanto mais curtas forem as palavras e frases pronunciadas” (Oliveira, 2007, p. 23). “Entre uma frase muito longa e outra muito curta, qualquer telespetador prefere a mais curta, percebendo-a melhor e de forma mais completa”, favorecendo a sua atenção (Oliveira, 2007, p. 24).

Uma outra característica que deve incluir a escrita de televisão é o facto de ser forte. Como diz o ditado, “palavras leva-as o vento” e uma das formas de as “prender” à atenção do telespetador é escrever com força. Para isto, deve-se, então, escolher palavras que transmitam ideias e sensações sólidas. Oliveira (2007, p. 24) afirma que “as palavras mais fortes são as que melhor e por mais tempo serão recordadas”. Para corroborar esta ideia, Ganz (1995, p. 53) explica:

A abertura da reportagem, [ou seja as primeiras palavras do texto], deve prender desde logo a atenção do telespetador, surpreende-lo e dar-lhe vontade de querer saber mais. Essa primeira fase deve indiciar logo o ângulo que será tratado no texto. Deve conter o facto mais recente e mais forte.

Um estudo realizado na Universidade de Providence, Connecticut, Estados Unidos, comprovou este facto. Foi exibido, aos alunos, um vídeo com uma sucessão muito rápida de palavras, escritas a branco sobre um fundo a negro. Em dez segundos, apareciam cerca de cem palavras diferentes e foi pedido aos estudantes que indicassem a palavra que considerassem mais forte. A maioria escolheu as mesmas três palavras: sexo, amor e trabalho. “Os estudantes escolheram-nas porque elas foram ao encontro dos padrões culturais, sociais e pessoais dominantes” (Oliveira, 2007, p.24).

A clareza da escrita televisiva é outra das condições essenciais do sucesso da comunicação auditiva. Palavras complexas, de sentido duvidoso ou controverso devem ser evitadas. Quanto mais claras forem as palavras que escolhermos, mais eficaz será a nossa comunicação. Uma escrita clara facilita a compreensão da mensagem e favorece uma relação inteligente com o espectador. Simplificar é a palavra-chave na escrita jornalística em televisão. (Oliveira, 2007, p. 25)

O texto deve ser coloquial e o jornalista precisa ter em mente que está a contar uma história para alguém; mas existe uma diferença fundamental: o casamento da palavra com a imagem. É a sensibilidade do jornalista que vai fazer essa "união" atingir o objetivo de levar ao ar uma informação fácil de ser compreendida pelo telespectador ( Barbeiro, 1946, p. 97).

A escrita para televisão deverá, também, ser sugestiva. Uma escrita sugestiva aponta para uma escrita que inclua conotações semânticas<sup>12</sup>, metáforas<sup>13</sup>, entre outros recursos linguísticos. Desta forma, estaremos a conferir às palavras, às frases e às expressões um condimento que vai torná-las mais “apetitosas” e, por isso, mais facilmente entendidas pelos telespectadores. Se assim for, estaremos a garantir que o que dissermos foi bem ouvido e bem guardado. Uma escrita sugestiva estimula a imaginação do espectador. (Oliveira, 2007)

Para Oliveira (2007) o jornalista deve manter, perante todas as situações, uma mente aberta, disponível e curiosa, sendo simultaneamente observador, questionador e exigente.

---

<sup>12</sup> Estamos perante uma conotação semântica quando uma palavra tem um sentido diferente do original, isto é, um significado não literal.

<sup>13</sup> Metáfora é uma figura de linguagem em que um termo substitui outro numa relação de semelhança.

Aprofundado o jornalismo televisivo e as suas características, é importante, para este relatório abordar a Reportagem enquanto género jornalístico, pelo que só desta forma podemos compreender a natureza da rubrica Reportagem Especial.

### 3.2. A REPORTAGEM

O momento em que se opta por ingressar no curso de jornalismo leva a pensar que se vai aprender a “fazer” notícias. E, de facto, é por aí que se começa, mas os conhecimentos e as técnicas alargam-se também a outros géneros, como a reportagem.

Como sustenta Gradim (2000, p. 41), as notícias são definidas como “textos eminentemente informativos, relativamente curtos, claros, diretos, concisos e elaborados segundo regras de codificação bem determinadas: título, lead, subtítulos, construção por blocos, e em forma de pirâmide invertida”.

Já a reportagem, é “o género nobre do jornalismo, uma vez que exige o domínio de todos os outros géneros jornalísticos, de cuja síntese depende em última instância” (Campos, 1994, p. 42). O género é exigente, uma vez que pretende-se que o telespectador se sinta parte da história e a entenda como se fizesse parte dela. “A Reportagem exige a reconstituição minuciosa do facto para que o leitor conheça o assunto como se estivesse estado no lugar dos factos” (Márquez, 1999, p. 101).

O investigador Jacinto Godinho (201, p. 67) debruçou-se sobre a reportagem televisiva numa das suas obras onde elabora um conceito que define o género como:

O re-portar televisivo é composto, sobretudo, por um conjunto de princípios fundamentais que visam proporcionar uma experiência do acontecimento através do dispositivo da montagem possibilitando pelas “novas imagens” e, acrescento, pelos “novos sons”. O “re-portar” ativa uma “ligação” às realidades diferente do “noticiar” (telejornal), do “interpretar” (comentário), do “opinar” (crítica) e do “testemunhar” (entrevista).

Para a realização de reportagens é necessário o jornalista ir ao local, encontrar-se com os factos, as histórias, as pessoas intervenientes e recolher e mergulhar em todas essas informações para criar uma história dele. Isto deve permitir que o espetador consiga compreender a mensagem transmitida através da observação do jornalista. “O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espetador não pode estar” (Lage, 2008, p. 23).

A reportagem é uma narrativa, simplesmente uma narrativa. Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la. Uma observação

cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma reportagem é necessariamente fruto de uma observação cuidadosa. Uma observação cuidadosa de um facto histórico pode se constituir história e uma observação cuidadosa de um facto não histórico é tipicamente uma reportagem. Tucídes, por exemplo, na Guerra do Peloponeso, fez uma observação tão cuidadosa da peste de Atenas, que foi possível, na Idade Moderna, identificar qual foi a doença que atingiu os seus habitantes. (Abramo, 2002, p. 110)

A reportagem nada mais é que um exercício de “regressar lá”, como refere Godinho (2011). Trata-se de viajar aos locais dos acontecimentos que geraram notícia e proporcionar ao espectador uma experiência nova, através da verificação de fatos e de reações de intervenientes nos casos. O jornalista tem o papel de testemunha dos acontecimentos, o que lhe acrescenta veracidade ao relato. No caso da SIC, a *Reportagem Especial*, tal como o *Perdidos e Achados*, têm esse registo do “regressar lá”.

Em televisão, escreve-se para as imagens, sendo que a voz e a imagem são indispensáveis à execução de narrativas jornalísticas. Porém, o género reportagem assume um papel mais exigente, relativamente aos outros géneros, pelo que se foca na proximidade com o real, para proporcionar a tal viagem a que Godinho (2011) chama de *re-portar*.

Pode-se assumir, então, que em televisão a imagem transmite “a emoção ou o afeto” (Jespers 1998, p. 166). Muitas vezes, é desnecessário explicar em voz *off* certos sentimentos, pelo que os intervenientes, nas reportagens, o fazem por si só nos depoimentos que fazem. Como sustenta Jespers (1998, p. 167), uma reportagem fica mais completa quando comporta “duas dimensões: uma dimensão empática que visa a ligação entre o espectador e o assunto e/ ou personagens em ação, uma relação de convivência afetiva, e uma dimensão de revelação, esclarecimento, de contextualização deste mesmo assunto” (Jespers, 1998, p. 167).

Os assuntos abordados nas reportagens servem, muitas vezes, para dar voz àqueles não a têm ou então, para permitir denunciar os deslizes daqueles que têm voz. “É o género jornalístico que, dentro de todos, mais dá espaço para os oprimidos. A reportagem, embora também contemple os grandalhões, é por excelência o lugar dos humildes, dos anónimos, dos que só aparecem uma vez na vida” (Fuser, 1996, p. 16).

A reportagem é diferente dos outros géneros jornalísticos, pelo que aprofundada mais os temas, é mais rica em informações e detalhes. As reportagens têm por fim abordar temas que precisam

ser profundamente discutidos, sendo que devem ser tratados de forma cuidadosa, com bastante tempo, com recursos e escritas com paciência, para que o produto final seja de qualidade. (Gradim, 2000). É fundamental compreender que a reportagem não tem a mesma efemeridade da notícia e pode ter um tempo de produção mais prolongado.

Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhe e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja predominantemente informativo. (Sodré & Ferrari, 1986, p. 18)

Tendo sido apresentado o gênero jornalístico reportagem, as características que a ele estão inerentes, as suas matrizes e modos de fazer, é imperativo especificar um dos ramos intrínsecos na prática jornalística: a noticiabilidade.

### 3.3. CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Nem todos os acontecimentos podem ser transformados em notícias. Para que tal aconteça, é necessário que respeitem uma série de critérios. Antes de tudo, é fundamental que sejam reconhecidos como valor-notícia e que se satisfaçam os interesses dos jornalistas e instituições noticiosas. Nelson Traquina (2007, p. 173) define o conceito de noticiabilidade como “o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia”. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia”.

Numa perspetiva paralela à de Traquina, Mauro Wolf (2006, p. 90) defende que a noticiabilidade representa precisamente um “conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número previsível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias.” Por esse motivo, pode defender-se que acabam por criar-se rotinas de produção noticiosa nas redações, e que surge uma espécie de automatismo que os jornalistas gradualmente vão incorporando e adquirindo. Assim o defende, também, Alfredo Vizeu (2005, p. 89), quando afirma que na rotina do trabalho adquire-se o “senso comum das redações”, o chamado ‘instinto jornalístico’, o ‘faro jornalístico’.” Adquirindo estes mecanismos, as redações vão adquirindo um hábito, uma lógica de produção noticiosa quase mecanizada, que pode ser designada por *Newsmaking*.

Pode-se, portanto, assumir que os *media* filtram e constroem a informação, no sentido em que existem acontecimentos em larga escala e é o papel deles filtrar acontecimentos públicos que despertam a atenção para um certo assunto e nos afasta, ao mesmo tempo, de outros. Pierre Bourdieu (1997, p. 12) explica que “os jornalistas têm os seus «óculos» particulares através dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de uma certa maneira as coisas que veem”. Gomis (1991, p. 76) vai mais longe e afirma mesmo que o jornalista não é quem “procura as notícias, mas sim quem as seleciona. E pode dizer-se que por cada uma que publica, atira nove para o caixote do lixo”.

Os “valores-notícia” são elementos que existem desde que existe o jornalismo, sendo fatores presentes na prática jornalística em geral, quer seja ele de âmbito nacional, quer seja de âmbito regional. Embora cada redação possa optar por métodos de seleção diferentes, existem critérios que parecem constantes na prática jornalística. Fatores como a proximidade geográfica ou cultural dos acontecimentos; o facto de serem acontecimentos estranhos ou inesperados, o facto de representarem novidades em determinado fenómeno contínuo. Um ponto fulcral em relação à problemática dos valores-notícia é a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Traquina (2007, p. 186) debruçou-se, então, em Mauro Wolf para explicar a divisão:

Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia.

### **3.3.1. Os Valores-Notícia De Seleção – Os Critérios Substantivos**

Os critérios substantivos inerentes aos valores de notícia de seleção estão refletidos em sete tópicos: a relevância, a morte, a notoriedade, a proximidade, o tempo, a novidade e a notabilidade. (Traquina, 2007, p. 187-196)

A relevância é um valor que Traquina define como “a capacidade de incidência do acontecimento sobre as pessoas, sobre as regiões, sobre os países” (Traquina, 2007, p. 189). Ou seja, responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos importantes, porque tem impacto sobre a vida das pessoas, ao determinar a forma como a noticiabilidade tem a ver com a capacidade de incidência do acontecimento sobre as pessoas, as regiões e os países. Já a morte, é outro valor, porventura o mais unânime entre os jornalistas. “Onde há morte, há jornalistas” (Traquina, 2007, p. 187). E a notoriedade está relacionada com o último valor mencionado, pelo que o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade, assim como sustenta Traquina (2007, p. 188) “o que o Presidente da República faz é importante porque o Presidente da República é importante”. Um exemplo disto foi o



destaque dado, nos meios de comunicação, a Mário Soares, antigo Presidente da República, a partir do momento em que é internado no hospital até à sua morte. A proximidade é também um valor-notícia fundamental na cultura jornalística, no que diz respeito a termos geográficos, mas também em termos económicos, políticos e culturais. Um exemplo disto poderá ser o caso de Cristiano Ronaldo. Ele é notícia em Portugal, muitas vezes porque é português, mas também pode ser noticiado em Inglaterra, por fatores de proximidade cultural. O fator tempo é outro valor-notícia, que assume formas distintas, merecendo atenção redobrada, uma vez que no presente estudo será abordado com frequência no capítulo 4 e 5, aquando da apresentação e discussão de dados. Primeiro, é tempo na forma da atualidade, quando acompanha o desenvolvimento de um determinado acontecimento e o seu impacto. A existência do acontecimento na atualidade já transformada em notícia pode servir para outro acontecimento ligado a esse assunto (Traquina, 2007). Numa segunda vertente, temos uma data específica de um acontecimento que já teve lugar no passado, podendo ser, por exemplo, uma notícia que dá conta do aniversário de alguma pessoa importante ou ainda as efemeridades, como o dia mundial da água ou o dia do dador de sangue. O fator tempo possui ainda numa terceira forma: um entendimento desse como uma forma mais estendida ao longo do tempo. Devido ao seu impacto na comunidade jornalística, um assunto ganha noticiabilidade e permanece como assunto com valor-notícia durante um tempo mais dilatado” (Traquina, 2007, p. 190). Outro valor-notícia essencial no jornalismo é a novidade. O que importa verdadeiramente aos jornalistas são os casos novos, sendo o interesse direcionado para acontecimentos que acontecem pela primeira vez. “Nos trabalhos de jornalismo de investigação, uma das maiores dificuldades do jornalista é a justificação para voltar ao assunto sem novos elementos: geralmente, tem de haver algo novo para voltar a falar do assunto” (Traquina, 2007, p. 189).

Por fim, mas não menos importante, temos a notabilidade como valor-notícia. A notabilidade pode ser compreendida como a “qualidade de ser visível, de ser tangível” (Traquina, 2007, p. 190). Este valor-notícia alerta para a forma como o jornalismo praticado está, muitas vezes, direcionado para a cobertura do acontecimento e não para a problemática que envolve o assunto. “Os acontecimentos são concretos, delimitados no tempo, e mais facilmente observáveis” (Traquina, 2007, p. 191). Há variados registos de notabilidade, sendo um deles a quantidade de pessoas que um determinado acontecimento envolve. Um exemplo disso pode ser um Europeu de Futebol, pelo que passa por várias cidades do país que acolhe o evento, e acarreta com ele um elevado número de pessoas, como os adeptos, os atletas e as equipas

técnicas. Traquina (2007, p.191) apoiou-se na teoria de Golding e Elliot (1978), que afirma que “os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas”, e “quanto mais elevada for a presença de ‘grande nomes’, maior é a notabilidade desses acontecimentos” (reavivando o valor-notícia notoriedade). Outro registo de notabilidade é o insólito. Existem exemplos deste registo com muita frequência, com notícias de acontecimentos que não são usuais, que fogem à norma e ao usual. A falha é mais um registo de notabilidade, procedendo por insuficiência. “Os acidentes pertencem a este registo: os acidentes de viação, os acidentes nucleares, os foguetões que explodem no espaço” (Traquina, 2007, p. 192).

Antes de serem apresentados os critérios contextuais dos valores-notícia de seleção, é importante sublinhar ainda que os critérios substantivos que acabaram de ser mencionados, implicam um pressuposto sobre a natureza consensual da sociedade. Alguns destes valores-notícia ajudam, eles próprios, a construir a sociedade.

### **3.3.2. Os Valores De Notícia De Seleção – Os Critérios Contextuais**

Como refere Traquina (2007, p. 196), “por critérios contextuais entendem-se aqueles que dizem respeito ao contexto do processo de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento”.

O primeiro valor-notícia de seleção neste subgrupo de critérios contextuais é a disponibilidade, ou seja, a aptidão com que se consegue fazer a cobertura noticiosa do acontecimento. Já por outro lado, a noticiabilidade de um evento, pode estar relacionada com a quantidade de notícias, sobre esse mesmo evento ou assuntos que já foram abordados há pouco tempo. Assim, tem de haver equilíbrio de temáticas no que toca à cobertura noticiosa (Traquina, 2007, p.196).

Outro valor-notícia neste subgrupo é a visualidade, pelo facto de haver elementos visuais como as fotografias ou as filmagens. No caso da televisão, este valor-notícia é um fator de noticiabilidade indispensável, como sustenta Traquina (2007). É importante que as imagens tenham qualidade, pelo que um bom material visual pode influenciar a seleção de um acontecimento como notícia.

A concorrência é, também, determinante com critério contextual de seleção. Os jornalistas e as empresas jornalísticas procuram, sempre, uma situação onde encontram o que a concorrência

não tem, situações de exclusividade. Por isto, conseguir notícias exclusivas dá maior valor-notícia a esse mesmo assunto e, com frequência, as empresas jornalísticas fazem questão de transmitir aos seus leitores ou ouvintes, que a notícia é isso mesmo, exclusiva (Traquina, 2007, p.197).

O último valor-notícia é o dia noticioso. Isto é, os acontecimentos então em concorrência direta com outros acontecimentos. Cada dia jornalístico é um novo dia. Pode-se dizer, por isto mesmo, que há dias “ricos e pobres” em acontecimentos com valor-notícia (Traquina, 2007, p.198). Para exemplificar, pode-se considerar um acontecimento planeado, como uma visita de Estado de um Presidente da República que pode acontecer, inesperadamente, no dia em que irrompe um grande acontecimento, como um incêndio no centro do país com várias dezenas de mortos e feridos.

### **3.3.3. Os Valores-Notícia de Construção**

“Por valores-notícia de construção entendem-se os critérios dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2007, p.198).

Tal como é referido por Ericson, Baranek e Chan (1987), sustentados em Traquina (2007, p.198), um valor-notícia de construção é a simplificação, sendo que “a lógica é a seguinte: quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e de complexidade mais possibilidades tem a notícia de ser notada e compreendida”. É preferível uma notícia facilmente compreensível do que uma cheia de ambiguidade. Pretende-se, então, que os jornalistas escrevam de um modo simples, tornando a notícia menos ambígua e reduzindo a natureza polissémica do acontecimento, para que todos consigam compreender a mensagem.

Outro valor-notícia de construção é a amplificação. Relativamente a este tópico, Traquina (2007, p.199) sustenta com Galtung e Ruge (1965), que defendem que “quanto mais amplificado é o acontecimento mais possibilidades tem a notícia de ser notada, seja pela amplificação do ato do interveniente ou das supostas consequências do ato”.

A relevância é outro valor-notícia de construção, sendo que “quanto mais sentido a notícia dá ao acontecimento mais hipóteses ela tem de ser notada” (Traquina, 2007, p.199). É fundamental que o acontecimento se torne relevante para o leitor, ouvinte ou telespetador, para provar que ele tem significado para elas. Esta é uma função do jornalista. A poluição do Mar Báltico, como exemplifica Traquina (2007, p. 199) “torna-se relevante para os portugueses pelo facto de uma

grande percentagem do bacalhau consumido em Portugal ser pescado nesse mesmo mar”. Assim, pode concluir-se que o jornalista tem a obrigação de transmitir, através da construção noticiosa, a relevância da poluição, com referência a esse facto.

A personalização é também um valor-notícia muito importante, no que diz respeito à natureza do discurso. A notícia é mais notada quanto mais personalizado é o acontecimento. Traquina (2007, p. 199) entende por personalizar “valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa”. A personalização da notícia permite, então, ao jornalista, comunicar a um nível compreensível para públicos heterogêneos.

Outro valor-notícia de construção é, também, a dramatização. Este critério, definido por Ericson, Baranek e Chan (1987) e sustentado por Traquina (2007, p. 199), reforça os “aspectos mais críticos e o lado emocional, ou até de natureza conflitual”. Paralelamente, Paul Weaver (1993, p. 296) defende que as notícias da imprensa e as notícias televisivas são semelhantes pelo facto de “serem relatos melodramáticos de assuntos atuais”, sendo o sensacionalismo uma tendência de ambos os *media*.

Para terminar a discussão acerca dos valores-notícia de construção, Traquina (2007, p. 200) sublinha a consonância, sustentando Galtug e Ruge (1965), que afirmam que “quanto mais a notícia insere o acontecimento numa narrativa já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada”. Isto significa que a notícia deve ser compreendida num contexto já conhecido, no sentido de corresponder às expectativas do recetor, por outras palavras, a novidade é inserida num contexto já público.

Assim, através desta reflexão sobre os valores-notícia tanto seleção como de construção, pode-se observar que estes mesmos valores-notícia fazem parte da cultura jornalística, quando partilhados por todos os membros desta comunidade.

### 3.4. AUDIÊNCIAS

Falar em jornalismo sem ser colocado em causa o mercado inerente à atividade parece, nos dias de hoje, uma tarefa impossível. A continuidade do jornalismo é condicionada pelas audiências. Um dos objetivos dos meios de comunicação social passam por procurar aumentar as vendas, como explica Bourdieu (1997, p. 58) quando refere que “o universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a coação do campo económico por intermédio dos níveis de audiência”.

Existe, pois, uma relação entre a informação e as audiências, pelo que cada vez é mais ambíguo compreender se estamos perante as audiências a justificar a informação ou a informação a influenciar as audiências.

A informação vive de audiências, isto é, deixa de fazer sentido e é ociosa sem audiências. Sem audiência, a informação morre. Mas também deixa de ter sentido e é ociosa a informação para as audiências. E regressa o paradoxo: por causa das audiências, morre a informação (Mascarenhas, 2001, p. 145).

Pretende-se que em causa esteja a informação a originar audiência, pelo que são produzidos conteúdos informativos de qualidade, em detrimento de produções noticiosas de menos qualidade. Ainda assim, é importante compreender que as audiências auxiliam nas análises dos interesses dos públicos. Gradim (2000, p. 15) afirma que um órgão de comunicação social não pode “alhear-se totalmente do interesse do público”, mas admite que, por outro lado, também não pode “deixar-se escravizar por ele”.

O interesse do público entra aqui, então, no sentido em que causa muita discussão entre jornalistas. É importante perceber se os *media* oferecem ao seu público aquilo que ele quer ver, ou se o público aceita os conteúdos que os *media* entendem que devem oferecer. O que parece acontecer na atualidade, é uma necessidade dos *media* irem de encontro àquilo que os públicos exigem ver. Fontcuberta (1999, p. 42) admite que “cada meio tentará convencer serem os seus conteúdos os mais adequados aos interesses da audiência, e da mistura dos dois objetivos (o económico e o ideológico) resultará a construção da agenda”.

A audiência é muitas vezes associada ao conceito de recetor, um elemento do processo de comunicação dos *media*, e apresenta-se com um cunho abstrato e questionável, no sentido em que é uma realidade que está em constantemente mudança (McQuail, 2003). A única forma da

comunicação se realizar, é se a mensagem chegar ao recetor e, por isto, os estudos da área da comunicação focam-se em compreender os conceitos de receção e de audiência, sendo que o objetivo passa por entender a resposta de quem recebe a mensagem. Assim, como sustenta Ruótolo (1998, p. 159), “o foco de análise dos estudos de audiência e receção não é pura composição ou o tamanho da audiência, mas sim as respostas que os indivíduos dão aos conteúdos da comunicação”.

Uma audiência pode, portanto, definir-se de formas diferentes e sobrepostas: pelo lugar (caso dos media locais); pelas pessoas (quando um meio se caracteriza pelo apelo a um certo grupo etário, sexual, de crença, política ou de nível de rendimentos); pelo tipo particular de meio ou canal envolvido (combinação da tecnologia e organização); pelo conteúdo das suas mensagens (géneros, assuntos, estilos); pelo tempo (como quando se fala da audiência «da manhã», do «horário nobre», ou de uma audiência instável comparada com outra que perdura). (McQuail, 2003, p. 364)

A indústria dos *media* entende as audiências como sendo um negócio de carácter económico. Quando se olha para o estudo das audiências, no seu lado económico, podem-se verificar três tipos de pesquisas. Por um lado, há uma abordagem estrutural, com a obtenção da extensão e da amplitude da audiência, com informações sociodemográficas, como o tempo de consumo dos media, a partir de inquéritos e análises estatísticas. Por outro lado, segue-se uma pesquisa comportamental, onde se percebem os efeitos, as origens, as reacções e as motivações para uso de um determinado canal e dos respetivos conteúdos, de modo a antever escolhas nas utilizações de cada meio, através de inquéritos, métodos experimentais e medição mental. E por fim, é importante compreender que existe uma abordagem cultural, que procura entender o conteúdo, em termos de receção e do consumo, através de dados mais qualitativos. (McQuail, 2003)

A audiência tem dois tipos de origem, um proveniente da “sociedade nacional, comunidade local, um dado grupo social”, onde os media respondem às necessidades das pessoas, outro com origem nos media, que por intermédio do desenvolvimento de novas tecnologias, acabaram por criar a necessidade, “atraídas por algum novo «canal», como uma nova revista ou estação de rádio” (McQuail, 2003, p. 374).

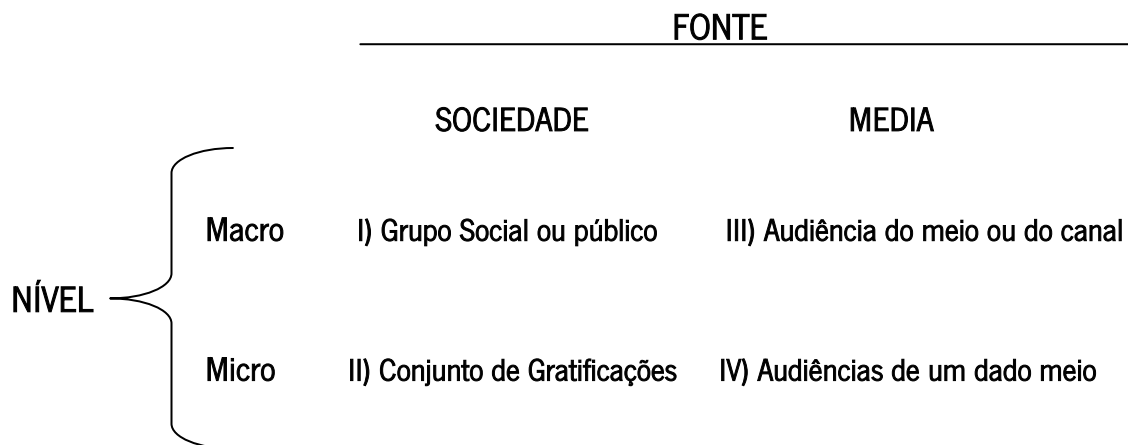


Gráfico 1: Uma tipologia da formação da audiência dos *media* de massas. (McQuail, 2003, p. 375)

A audiência como grupo ou público foca-se em exemplos históricos, pelo que é “cada vez mais difícil encontrar na sociedade moderna as condições de interactividade, regulação normativa e «ligações» de um grupo, e ainda menores, que definam uma audiência” (McQuail, 2003, p. 375). Os exemplos mais comuns deste tipo de audiência, na atualidade, estão direcionados para os conjuntos de leitores e ouvintes de jornais e rádios locais. Já a audiência como conjunto de gratificações é formada a partir de um conjunto de preferências e necessidades derivadas da utilização dos *media*, que pode decorrer da experiência social. Este tipo de audiência resulta “de uma diferenciação da produção dos *media* para responder a distintas necessidades dos consumidores” (McQuail, 2003, p. 377). A audiência do meio, assim como o nome indica, diz respeito à escolha de um meio em particular, como por exemplo, as audiências da televisão. “Este tipo de audiência está próximo da ideia de «audiência de massas», uma vez que é, por vezes, muito grande, dispersa e heterogênea, sem organização interna nem estrutura” (McQuail, 2003, p. 378). Por fim, há a audiência que é definida por canal ou conteúdo, sendo que é neste grupo que o negócio dos *media* prevalece. “Esta versão da audiência é também consistente com o pensamento de mercado, de acordo com o qual as audiências são conjuntos de consumidores para produtos mediáticos particulares” (McQuail, 2003, p. 379).

As audiências são previsíveis, isto porque os consumidores têm padrões de preferências nas escolhas dos meios ou dos produtos. Por isto, McQuail (2003) baseou-se no modelo de Weibull (1985) para explicar o que motiva a escolha de um determinado meio, tendo em consideração que existem dois fatores: um relacionado com a audiência e outro relacionado com fatores intrínsecos aos *media*.

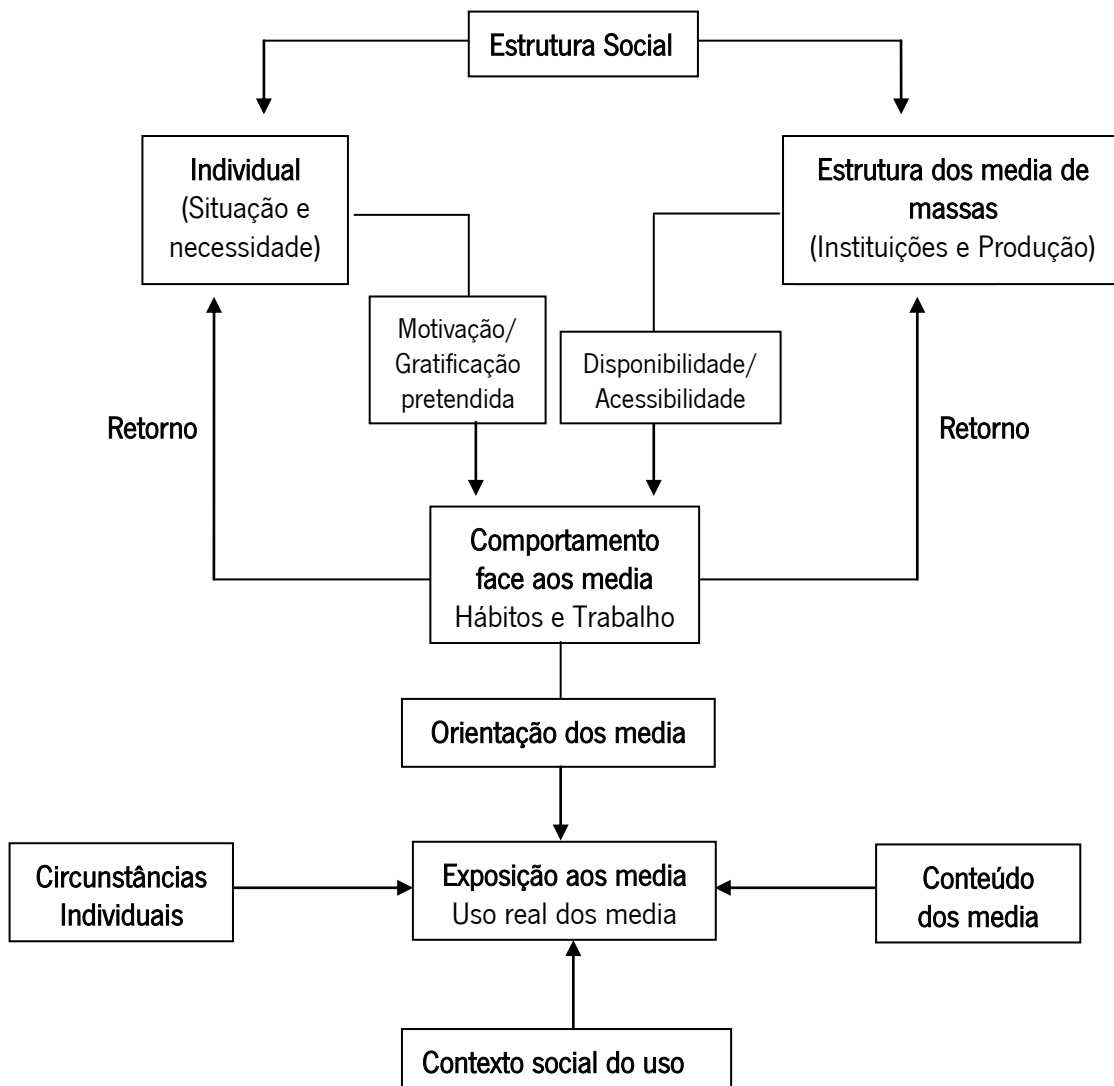


Gráfico 2: Modelo estrutural do uso dos *media*. (McQuail, 2003, p. 391)

O uso dos *media* é, então, estabelecido considerando os próprios conteúdos oferecidos pelos media, pelas “circunstâncias individuais” do consumidor no momento, sendo que vai depender da disponibilidade do mesmo, e pelo contexto social, uma vez que é influenciado pela família e amigos.

Quando uma pessoa está altamente motivada para obter gratificações específicas (por exemplo, uma certa notícia de desporto), é menos afetado pela estrutura dos media... As pessoas com menos interesse nos media parecem ser mais influenciadas por conteúdos específicos ou pela composição dos conteúdos. (Weibull (1985), citado em McQuail, 2003, p. 392)





## 4. ESTUDO DE CASO: A REPORTAGEM ESPECIAL

### 4.1. METODOLOGIA

Esta dissertação teve como objetivo inicial fazer uma breve descrição do estágio curricular, perceber como surgiu o Grupo Impresa, a SIC e a SIC Notícias, compreender a reportagem enquanto género jornalístico, aprofundar os critérios de noticiabilidade e as audiências. Os autores selecionados para sustentar o estudo teórico foram escolhidos por terem reconhecimento científico e por serem, na sua maioria, autores já abordados ao longo da licenciatura em Comunicação Social e do mestrado em Ciências da Comunicação.

Ter tido a oportunidade de acompanhar uma Reportagem Especial, durante o meu estágio na SIC Porto, fez com que conseguisse delinear de forma clara qual seria o meu objetivo de estudo, chegando assim ao seguinte tema de investigação: *A Reportagem Especial (RE) no conteúdo informativo da SIC.*

Inicialmente considerou-se que a investigação se centrava essencialmente na visualização integral das 18 RE, que foram exibidas no período compreendido entre 2 de novembro de 2016 e 2 de fevereiro de 2017, para que no final fossem analisadas numa perspetiva quantitativa. A escolha do espetro temporal deveu-se ao facto de este ter sido o período de tempo do meu estágio na SIC Porto. A visualização das RE foram efetuadas no *site* oficial da SIC Notícias, onde se encontram as respetivas fichas técnicas. Neste sentido, elaborei um quadro de análise com as seguintes categorias: tema, subtema, geografia, atualidade, duração, periodicidade e *share*. Foram realizadas três entrevistas exploratórias, aos dois coordenadores do Jornal da Noite da SIC (Apêndice II e III), onde é exibida a rubrica, e ao Pedro Coelho, autor da primeira RE exibida, intitulada “Um dia na Prisão” (Apêndice IV). O objetivo centrou-se em procurar compreender a filosofia do programa, por que razão foi criado naquela altura, e de que modo é que a RE reforçou a oferta informativa da SIC.

No entanto, entendeu-se que esta forma de análise não era suficiente para corresponder aos objetivos do presente relatório de estágio, pelo que era necessária uma análise qualitativa para a compreensão das reportagens. Neste sentido, foi construído o seguinte modelo de análise, para auxiliar no processo de construção dos guiões para entrevistar os 17 jornalistas que realizaram as 18 RE, sendo que na amostra há uma jornalista que realiza duas reportagens. Para o efeito,

entrou-se em contacto com os jornalistas por *mail*, no sentido de agendar as entrevistas presencialmente (Apêndice I). Entende-se por entrevistas um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (Haguette, 1999, citado em Boni & Quaresma, 2005, p. 72).

CONCEITO	DIMENSÃO	COMPONENTE	INDICADOR
1. Linguagem Televisiva	1.1. Géneros Jornalísticos	1.1.1. Reportagem	a) Perceber por que determinado tema deu origem a uma RE.  b) Perceber se as RE partiram da iniciativa do jornalista ou das chefias.  c) Perceber o critério utilizado para a escolha do jornalista para tratar um assunto, quando a iniciativa parte das chefias.
	1.2. Critérios Noticiabilidade	1.2.1. Valores-Notícia	a) Perceber junto dos jornalistas se tiveram em consideração um ou mais valores-notícia específicos.  b) Perceber junto dos jornalistas se conseguem atribuir valor-notícia às RE.
	1.3. Audiências		a) Perceber se os jornalistas se preocupam em perceber as audiências das RE.

Tabela 3: Modelo de Análise

JORNALISTA	DATA	LOCAL
Marta Reis	25/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Luís Marçal	26/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Pedro Coelho	26/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Catarina Lázaro	06/09/2017	Redação SIC Porto, presencialmente.
Amélia Moura Ramos	24/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Luís Garriapa	24/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Alberto Fragoso	14/08/2017	Correio Eletrónico.
Graça Costa Pereira	25/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Catarina Neves	11/08/2017	Correio Eletrónico.

Carla Castelo	12/08/2017	Correio Eletrónico.
Nelson Mateus	04/08/2017	Correio Eletrónico.
Sílvia Lima Rato	27/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Nuno Figueiredo	24/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Pedro Benevides	26/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Lúcia Gonçalves	20/09/2017	Redação SIC Porto, presencialmente.
Cristiana Reis	27/09/2017	Correio Eletrónico.
Susana Bastos	21/09/2017	Correio Eletrónico.
Raquel Marinho	25/07/2017	Redação SIC Lisboa, presencialmente.
Madalena Ferreira	01/09/2017	Correio Eletrónico.
Hugo Alcântara	06/10/2017	Correio Eletrónico.

**Tabela 4: Jornalistas entrevistados**

A presente investigação enquadra-se no paradigma interpretativo de investigação, pelo que se desenvolve a partir de “um conjunto de crenças que orientam a ação”<sup>14</sup> (Guba, 1990, p. 17). A abordagem deste paradigma prende-se ainda com “questões sociais e educativas que procuram penetrar o mundo pessoal dos sujeitos”, como sustenta Coutinho (2014, p. 18).

Relativamente à metodologia, pode assumir-se que se trata de uma metodologia mista, sendo que é sobretudo qualitativa, mas também possui dados quantitativos. Deste modo, “o que deve determinar a opção metodológica do investigador não será a adesão de uma outra metodologia (...) mas o problema a analisar”, como afirma Coutinho (2014, p. 35).

Neste relatório, o estudo de caso é o método utilizado para ser possível atingir conhecimento científico sobre o tema em questão. Os métodos são os caminhos utilizados para alcançar os objetivos das investigações (Coutinho, 2014, p. 24). O estudo de caso pode basear-se numa mistura de evidências quantitativas e qualitativas, sendo que nem sempre é necessário “incluir observações diretas e detalhadas como fonte de provas” (Yin, 2001, p. 34). Os historiadores utilizavam muitas técnicas nos estudos de caso, mas há “duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas”, como é o caso da “observação direta e série sistemática de entrevistas” (Yin, 2001, p. 27). Pode-se assumir, então, que o estudo de caso é um exame pormenorizado de um acontecimento, situação ou sujeito.

---

<sup>14</sup> Tradução de autor.

Paradigma	Metodologia	Método	Técnicas
Interpretativo	Mista	Estudo de Caso	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recolha de dados</li> <li>- Observação direta (parte da minha experiência de estagia)</li> <li>- Entrevistas</li> <li>- Documentos audiovisuais (RE) e Documentos escritos (audiências)</li> <li>• Análise de dados</li> <li>- Análise de Conteúdo (permitiu primeiro elaborar um quadro de análise da RE; segundo construir 7 categorias, entre as quais tema, subtema, geografia, atualidade, periodicidade, duração, audiência, tendo também utilizado esta técnica para analisar as entrevistas)</li> </ul>

Tabela 5: Caminho Metodológico

Depois delineado o caminho metodológico, optou-se por utilizar três técnicas de recolha de dados: a observação direta, resultante da experiência de estágio, as entrevistas semiestruturadas, e os documentos audiovisuais, as RE visualizadas no *site* da SIC Notícias, e documentos escritos, as audiências que me foram fornecidas pela estação. A recolha das entrevistas foi efetuada, na maioria dos casos, presencialmente, sendo que foi necessária uma deslocação à SIC Carnaxide, durante uma semana, e uma outra à SIC Porto. Porém, algumas entrevistas foram realizadas via *e-mail*, devido ao facto de julho e agosto serem meses de férias para os jornalistas. Verificou-se, ainda, a impossibilidade de entrevistar pessoalmente três jornalistas, que são correspondentes em Coimbra, Guarda e Évora.

A técnica de análise de dados utilizada corresponde à análise de conteúdo que permitiu, por um lado, elaborar um quadro de análise das Reportagens Especiais, e por outro, construir sete categorias, entre as quais tema, subtema, geografia, atualidade, periodicidade, duração, audiência, tendo também utilizado esta técnica para analisar as entrevistas.

## 4.2. CARACTERIZAÇÃO DO CASO

São dez anos de Reportagem Especial. Em 2007, a SIC tinha 15 anos e lançou a rubrica que tinha como objetivo ser um produto intermédio: não tão aprofundado como a Grande Reportagem, nem tão ligeiro como as reportagens diárias do jornal. O diretor de informação na altura, Alcides Vieira, pediu ao jornalista Pedro Coelho que coordenasse e lançasse a Reportagem Especial. No dia 2 de maio de 2007, foi exibida “Um dia na prisão”, que resultou do último de uma série de trabalhos em prisões que o jornalista Pedro Coelho começou a fazer em 2005.

Achei que este era um bom arranque, por ser uma história relacionada com jovens altamente problemáticos, que tinham uma forma de vida rebelde e na altura, quando entraram na cadeia, perceberam que aquilo não era o mundo ideal como eles imaginavam, sendo que alguns deles tinham irmãos presos. Perceberam que aquilo afinal não era propriamente o melhor dos mundos, como lhes vendiam. E eu achei que era uma grande história para começar uma nova marca da SIC. (Coelho, entrevista: 26/07/2017)

“Um dia na prisão” foi muito próxima de uma Grande Reportagem, porque tinha quase 30 minutos de duração, tendo sido dividida em duas partes: uma antes de entrarem na cadeia, com quinze minutos, e outra com eles já na cadeia, com outros quinze. Hoje, à semelhança do que acontecia na altura, a duração estipulada para a Reportagem Especial é de quinze minutos, sendo que há constrangimentos que, por vezes, fazem com que esse tempo seja alargado, como explica a coordenadora do Jornal da Noite, Marta Reis (entrevista: 25/07/2017):

Nós tentamos que a RE não ultrapasse os vinte e poucos minutos. Idealmente, ela deveria ter quinze minutos, mas os jornalistas quando vão para o terreno são sempre muito voluntariosos e acabam sempre por chegar com muitos discos, muitas entrevistas, e portanto é sempre uma luta do coordenador pedir menos tempo e o jornalista ter mais tempo de RE do que o que o jornal até comportaria.

Também no que diz respeito à periodicidade, a Reportagem Especial foi sofrendo alterações. Inicialmente, a rubrica era transmitida de duas em duas semanas, apenas com o jornalista Pedro Coelho a produzir conteúdos, sendo que após algum tempo pediu à jornalista Fernanda de Oliveira Ribeiro para integrar a equipa e assim fazerem, cada um, duas RE por mês, o que permitia com que fossem emitidas uma por semana, durante um ano, altura em que o jornalista

teve de abandonar a colaboração com a RE para exercer outras funções na SIC. O que acontece desde 2011, segundo a coordenadora do JN é que as Reportagens Especiais passam às quintas, salvo o “Verão, altura de Natal e festividades, que é quando as grelhas do jornal estão desformatadas” (Reis, entrevista: 25/07/2017). Nas semanas que em que são exibidas as Grandes Reportagens, que também passam às quintas, não há RE. No entanto, o coordenador do Jornal da Noite de fim-de-semana, Luís Marçal (entrevista: 26/07/2017), afirmou que já não há um dia específico para passar a RE, sendo que “começou por passar às quintas, depois começou também a passar aos domingos. Basicamente é uma decisão tomada em função das necessidades de antena.”

Relativamente ao formato da rubrica, pode-se verificar que utiliza os oráculos, as frases e o grafismo do Jornal da Noite, porém contém um genérico inicial, um final, um grafismo de título e as fichas de créditos finais próprios. A RE está inserida dentro do Jornal da Noite da SIC, mas o objetivo é que a rubrica fique pronta para passar também na SIC Notícias, daí a necessidade de ter uma ficha técnica de assinaturas final, que contenha o jornalista, o repórter de imagem, a direção, a produção e a coordenação. É importante que haja uma distinção no formato da RE para com as outras reportagens do jornal, como afirma o coordenador Luís Marçal (entrevista: 26/07/2017):

Num jornal de uma hora e meia, e sendo que a RE demora cerca de vinte minutos, em que se está sempre a falar do mesmo assunto, convém que tenha ali marcas que à primeira vista sejam perceptíveis pelo público como estando no ar um programa que é diferente dos restantes. (...) É mais uma forma de mostrarmos que a marca SIC é capaz de fazer produtos diferentes, mas todos com a mesma qualidade.

Os temas abordados nas Reportagens Especiais são escolhidos, sobretudo, tendo em conta a atualidade, sendo que este é o principal critério atribuído para a tomada de decisão. Como explica Marta Reis (entrevista: 25/07/2017) “se tivermos duas propostas e só pudermos tirar uma das pessoas das equipas e só pudermos estar a fazer uma, vai aquela que tiver mais atual e que estiver mais quente, digamos assim”. Refere ainda que não é só este critério que importa, tendo ainda em conta quais os assuntos que os telespetadores “vão ter mais apetência para ouvir e falar de uma forma mais aprofundada” (Reis, entrevista: 25/07/2017). Os temas são, muitas vezes, propostas dos próprios jornalistas, ou então são temas que a direção ou a coordenação acreditam ser determinante aprofundar.

A audiência é um aspeto que não é descartado pelos coordenadores do Jornal da Noite, sendo que é uma preocupação para ambos. As audiências, segundo Luís Marçal (entrevista: 26/07/2017), são o “farol” dos trabalhos que produzem, apesar de não ser o primeiro critério quando se toma a decisão de fazer ou não uma RE. No entanto, afirma que “no dia seguinte a elas serem emitidas vê com atenção como é que elas se comportaram, até para que no futuro se tenha em atenção que tipo de temas abordar” (Marçal, entrevista: 26/07/2017). O interesse do público não se sobrepõe ao interesse público enquanto critério para a definição dos assuntos que vão abordar, mas os coordenadores admitem que tentam conciliar estes dois conceitos.

Tentamos escolher um assunto que seja importante analisar, levar à antena e debater, mas também um assunto que possa fixar o nosso público e possa trazer novos públicos para aquilo que possam ser as novas Reportagens Especiais que serão emitidas no futuro. (Marçal, entrevista: 26/07/2017)

Os coordenadores admitem que a grande mais-valia da marca SIC são as rubricas como a RE, de média duração, que são fixas no JN, como é o caso do “Futuro Hoje”, o “Contas-poupança”, o “SETE”, o “Perdidos e Achados” ou ainda o “Ir é o Melhor Remédio”.

O que, geralmente, os números mostram é que Reportagem Especial tem uma audiência superior à média do jornal. Isto significa que se a média do *share*<sup>15</sup> do JN for de 21%, no momento da exibição da RE sobe cerca dois ou três pontos.

São vários os prémios que a rubrica da SIC tem arrecadado<sup>16</sup>, sendo que no ano transato, o destaque foi para o Prémio "Os Direitos Da Criança Em Noticia" com a Reportagem Especial “Querido pai”, que retrata a vida dos pais que são obrigados a emigrar, sendo obrigados a deixar os filhos para trás, devido à crise. Uma reportagem da Jornalista Ana Paula Vieira, dos Repórteres de Imagem José Vaio, Carlos Morais e Rui Flórido e a Edição de Imagem de António Soares. Também a RE “Impossível é só um exagero para difícil” venceu o Prémio Dignitas, com uma Menção Honrosa No Prémio de Direitos Humanos e Integração da Comissão Nacional da Unesco. A reportagem mostra uma colónia de férias, durante uma semana, onde crianças cegas e crianças que veem partilham experiências, para provar que nada é impossível. Um trabalho da

---

<sup>15</sup> O share de audiência permite perceber qual o tempo total despendido pelos espectadores a assistir a um determinado programa ou canal, quando comparado com o tempo total de emissão. (ERC, 2008)

<sup>16</sup> Informações recolhidas do *site* da SIC Notícias, em: <http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/revista-do-ano-2016/2016-12-27-Premios-da-Info-SIC-em-2016>



Jornalista Miriam Alves, do Repórter de Imagem José Silva e com Edição de Imagem de Marco Carrasqueira. A rubrica da SIC recebeu ainda o Prémio Jornalismo Da Liga Portuguesa Contra O Cancro, com a RE “Estou grávida, tenho cancro e agora?”. Uma reportagem que apresenta os avanços da medicina, que permitem agora que em alguns tipos de cancro, já seja possível fazer quimioterapia ao mesmo tempo que um bebé cresce dentro da barriga da mãe, sendo que até então as opções passavam por interromper a gravidez para tratar o cancro ou manter a gestação e iniciar o tratamento depois do parto. Foi possível conhecer a história de cinco mulheres que foram confrontadas com estas decisões. Uma reportagem dos Jornalistas Raquel Marinho e Nelson Marques, do Repórter de Imagem José Eduardo Zuzarte e com Edição de Imagem de Andrés Gutierrez. Ainda a RE “Quando estou a cantar não estou preso”, recebeu uma menção honrosa no prémio de jornalismo "Direitos Humanos e Integração". Uma reportagem que mostra um projeto de integração dos reclusos através da arte. A Fundação Gulbenkian apoia a “Ópera na Prisão”, que começou em 2014, no Estabelecimento Prisional de Leiria, e juntou 23 reclusos a profissionais de música, onde aprenderam a cantar e a interpretar a ópera Don Giovanni, de Mozart, que foi depois apresentada ao público no grande auditório da Fundação. Esta foi uma Reportagem Especial da Jornalista Raquel Marinho, dos Repórteres de Imagem Eurico Bastos e Odacir Júnior e do Editor de Imagem Miguel Van Der Kellen.

O modo mais eficaz para se compreender a Reportagem Especial SIC é compará-la a um outro formato da SIC, a Grande Reportagem. “As diferenças são imensas”, como refere Pedro Coelho (entrevista: 26/07/2017). Primeiramente porque pretende-se que a RE esteja colada à atualidade, enquanto que a GR é uma reportagem de investigação aprofundada. Posto isto, pode-se assumir que a GR tem como objetivo tratar temas mais elaborados com “mais investigação associada” e ainda com um “objeto estético completamente diferente, do ponto de vista visual”, sendo que “há um grau de detalhe e de apuramento, quer estético, quer do tratamento jornalístico, que é muito superior ao da RE” (Coelho, entrevista: 26/07/2017). Uma Grande Reportagem necessita, no mínimo, de três meses para ser feita, e a RE, em 17 dias úteis, pode ser feita com “tudo, produção, estar no terreno e edição”, como já aconteceu anteriormente (Coelho, entrevista: 26/07/2017). A Reportagem Especial é, assim, mais aproximada da reportagem diária do jornal, mas num formato mais alargado, com mais conteúdo.

Na GR, a abordagem é completamente diferente, porque o grau de detalhe e envolvimento do jornalista é muito maior e a prova, que é o elemento soberano do jornalismo é detalhado até ao limite, porque não podem restar dúvidas na cabeça de ninguém que aquilo é verdade. Na RE, às vezes, conseguimos compor a história com muito menos detalhe, na GR o detalhe é obrigatório. (Coelho, entrevista: 26/07/2017)

Apesar da coordenadora do JN admitir que os telespetadores têm cada vez “menos paciência para ver um segmento inteiro” (Reis, entrevista: 25/07/2017) e esse ser o motivo para a criação de uma rubrica de reportagem intermédia, também refere que é importante ter conteúdos alongados para inserir no jornal, que tem cerca de uma hora e meia.

Em qualquer lugar do mundo, a RE seria um programa autónomo. A RE é inspirada num modelo anglo-saxónico, de tentar ter um tempo mais contido, que muitas vezes depois extravasa porque o repórter tem muito material e há muita dificuldade em cortar para ficar mais pequeno. (Reis, entrevista: 25/07/2017)

Ainda assim, é de senso comum que as rubricas, como a Reportagem Especial são uma mais-valia da marca SIC.

### 4.3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS:

#### 4.3.1. As 18 Reportagens Especiais

Para compreender a natureza da Reportagem Especial foi necessário analisar as 18 reportagens da amostra. Nos pontos seguintes, pode-se compreender os temas que cada uma aborda e as informações adicionais dadas pelos jornalistas que as realizaram. Só desta forma foi possível categorizar cada uma delas e obter os resultados apresentados no Quadro de Análise das *Reportagens Especiais*.

##### 4.3.1.1. Reportagem Especial: *Tinta Permanente*<sup>17</sup>

A primeira Reportagem Especial a ser analisada é a “Tinta Permanente”, da jornalista Catarina Lázaro, exibida a 13 de novembro de 2016, domingo. A reportagem teve como objetivo retratar aquilo que começou por ser uma imagem de marca de marinheiros, militares do Ultramar e reclusos, e é agora uma moda – as tatuagens. A jornalista percebeu, através de uma conversa informal com um dermatologista,

**Ficha Técnica:**

Jornalista: Catarina Lázaro

Imagem: José Vaio

Edição de Imagem: Francisco Carvalho

Produção: Ana Luísa Barroso e Helena Peixoto

Coordenação: Luís Marçal

que as tatuagens não estão isentas de riscos e avançou “com aquilo que é o consentimento informado”, no sentido de advertir as pessoas “sobre os riscos associados a estar a colocar uma tinta na corrente sanguínea” (Lázaro, entrevista: 06/09/2017). Sugeriu o tema, que desde logo foi aceite pelas chefias, sendo que havia sido pensado inicialmente fazer apenas uma peça de jornal. No entanto, optou-se por tratar o assunto numa reportagem mais alargada, “perante a dificuldade de encontrar novos temas para a RE” (Lázaro, entrevista: 06/09/2017).

A jornalista pesquisou a legislação europeia sobre o assunto, falou com militares que tinham estado no ultramar e que fizeram as suas tatuagens na altura com o método tradicional, a tinta-da-china, e optou por introduzir na reportagem famosos que tivessem o corpo “exageradamente” tatuado. Entrevistou ainda uma modelo que explicou que as tatuagens já estão completamente banalizadas “e no mundo da moda já começam a procurar muitas pessoas com tatuagens” (Lázaro, entrevista: 06/09/2017), o que surpreendeu Catarina. Mas não se ficou por aqui,

---

<sup>17</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-11-13-Tinta-Permanente>

sendo que mostraram a preocupação das prisões, que criaram um projeto inovador, que visava mostrar aos reclusos que não devem fazer tatuagens lá dentro, o que é muito comum, devido à falta de higiene e condições.

Esta reportagem não tem por base uma notícia, mas a jornalista acredita que se trata de um tema relevante:

Em Portugal este tema é muito pouco discutido e nós temos sempre os médicos que dizem mal e aconselham a não fazerem tatuagens, porque é perigoso. Depois temos outros que são completamente fãs e não estão muito preocupados com essas questões de saúde e que acham que a legislação que hoje em dia já existe na União Europeia permite acautelar essas situações. (Lázaro, entrevista: 06/09/2017)

Esta RE tem a pior audiência das 18 analisadas, porém esta não é uma preocupação da jornalista, referindo que dá o seu melhor em todos os trabalhos. Há fatores que podem condicionar as audiências, como foi o caso desta RE:

É evidente que fico magoada quando vejo que uma reportagem que nos deu tanto trabalho e onde nós depositamos tanto carinho, tanto amor, e tantas horas, fica remetida para um horário que ninguém vai ver. Quando me disseram que ia passar no dia em que jogava a seleção, eu percebi claramente que ninguém ia ver a reportagem. (Lázaro, entrevista: 06/09/2017)

No entanto, a jornalista admite que o objetivo passa por continuar a fazer trabalhos com qualidade, empenhando sempre o máximo esforço, e que no final o produto “vá para o ar, que tenha um palco, que tenha visibilidade” (Lázaro, entrevista: 06/09/2017).

#### 4.3.1.2. Reportagem Especial: *Quebrar Silêncios*<sup>18</sup>

No dia 15 de novembro de 2016, terça-feira, foi exibida a RE “Quebrar Silêncios”, da jornalista Amélia Moura Ramos. Tratou-se de uma reportagem que informou os telespetadores sobre casos e investigações de abusos

##### **Ficha Técnica:**

Jornalista: Amélia Moura Ramos  
Imagem: Fernando Silva  
Edição de Imagem: Gonçalo de Freitas  
Grafismo: Sérgio Maduro

---

<sup>18</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-11-15-Quebrar-silencios>

sexuais contra crianças e adolescentes. Apesar de em Portugal todos os dias serem apresentadas cerca de sete denúncias que dão origem a investigações, é complicado passar essa informação em peças de jornal diárias, porque segundo a jornalista é uma notícia “muito seca e entrar nos pormenores pode ferir a privacidade da criança, porque a natureza do crime é complicada de ser exposta publicamente, e há muitas nuances dentro do abuso que estar a explicar em televisão é complicado” (Ramos, entrevista: 24/07/2017). Se há uns anos não se ouvia falar destes assuntos, hoje em dia existem notícias diárias sobre vários casos. Então, a editoria de sociedade atribui este trabalho à jornalista, que afirma que este assunto deu origem a uma RE porque “é mais fácil tratar o assunto de uma forma séria, numa reportagem mais alargada, em que se explora melhor o caso, mas partindo do particular, generalizar e ir à procura de respostas mais amplas” (Ramos, entrevista: 24/07/2017). A jornalista afirma que tem sempre em consideração os valores-notícia e que neste caso, em específico, trata-se de perceber por que razão é que “existem mais abusos relatados do que tínhamos há 10 ou 20 anos atrás” (Ramos, entrevista: 24/07/2017). A Reportagem Especial retratou alguns casos, de crianças que sofreram de abusos sexuais, bem como entrevistaram um homem condenado por pornografia infantil, que explicou o que o motivava a assistir àqueles conteúdos. Psicólogos forenses entrevistaram também, no sentido de alertar para a gravidade da situação, sendo que ao longo das reportagens não sendo apresentadas as estatísticas que mostram dados reveladores sobre este tema.

Nas 18 RE analisadas, esta tem a terceira maior audiência, sendo que esta é uma preocupação da jornalista, que admite saber sempre quanto fizeram todas as reportagens que faz. “Eu acho sempre que as pessoas veem aquilo que se lhes dá, mas se nós tentarmos fazer um assunto sério de uma forma que as pessoas consigam perceber e digerir, elas veem-na mesmo” (Ramos, entrevista: 24/07/2017).

#### 4.3.1.3. Reportagem Especial: “*Vistos Dourados Mas Atrasados*”<sup>19</sup>

O jornalista Luís Garriapa explicou por que razão o tema da reportagem “Vistos Dourados Mas Atrasados”, exibida no dia 23 de novembro de 2016, quarta-feira, deu origem a uma Reportagem Especial. As atribuições dos Vistos Gold estavam a sofrer atrasos e, naquele mês, foram feitas várias peças sobre o tema para o jornal, e então entendeu-se que havia casos suficientes para realizar uma RE.

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Luís Garriapa  
Imagem: Rafael Homem, Rodrigo Lobo, Jorge Guerreiro e Jorge Oliveira  
Edição de Imagem: Andrés Gutierrez  
Grafismo: Patrícia Reis

Considerando os “volumes de negócio que estavam em causa, que são quantias astronómicas” (Garriapa, entrevista: 24/07/2017), um diretor de informação sugeriu que o jornalista tratasse o caso. Portugal arrecada vários milhões de euros com os Vistos Gold, e os atrasos podem fazer com que os investimentos sejam desviados para outros países. A RE aborda a questão do escândalo de corrupção que quase paralisou o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e provocou demoras nos processos.

Luís Garriapa (Entrevista: 24/07/2017) tem em consideração os valores notícia e acredita que o objetivo é que a notícia chegue a um maior número de pessoas, sendo que é uma preocupação perceber as audiências das reportagens para saber se tiveram ou não recetividade.

#### 4.3.1.4. Reportagem Especial: *O Meu Lugar Não É Aqui*<sup>20</sup>

Alberto Fragoso foi o jornalista que fez a RE “O Meu Lugar Não É Aqui”, exibida no dia 1 de dezembro de 2016, quinta-feira. Estão, nesta reportagem, retratadas as vidas de cinco jovens, em idade escolar, que em comum têm o facto de serem sobredotados. O jornalista propôs tratar este tema, porque percebeu que tinha material para uma RE, com “casos muito interessantes e que mereciam ser tratados com mais destaque”

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Alberto Fragoso  
Imagem: José Caldelas  
Edição de Imagem: Miguel Castro  
Grafismo: César Ribeiro e João Leitão  
Produção: Helena Peixoto  
Coordenação: Marta Reis  
Direção: Ricardo Costa

(Fragoso, entrevista: 14/08/2017). A reportagem alerta para as lacunas existentes no ensino

<sup>19</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-11-23-Vistos-dourados-mais-atrasados>

<sup>20</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-01-O-meu-lugar-nao-e-aqui>

especial, que é direcionado não só para os alunos com “limitações”, mas também para aqueles que têm “capacidades acima da média” (Fragoso, entrevista: 14/08/2017). Em todos os casos, estes alunos sentiram que a escola não conseguia dar resposta às necessidades deles. Trata-se de um assunto que é muito pouco debatido e em que se sente uma falta de conhecimento do público em geral.

Descobri uma associação que tenta ajudar crianças sobredotadas, conheci investigadores que se dedicam exclusivamente a este assunto, tive contacto com casos dramáticos de crianças e famílias, que não quiseram sequer aparecer na reportagem, e investiguei a legislação que mostrou, para além das lacunas que já referi, o exemplo da Região Autónoma da Madeira, que tem uma legislação específica para estes casos, ao contrário do que acontece no território Continental. Portanto, material interminável que só poderia ser tratado devidamente numa reportagem mais alargada. (Fragoso, entrevista: 14/08/2017)

A reportagem mostra, em detalhe, os desafios que os alunos sobredotados enfrentam nas escolas. O jornalista referiu que o tema, por si só, já reunia todos os requisitos para ser uma reportagem de interesse do público, apesar de evidenciar que os valores-notícia estão de tal forma enraizados “em cada jornalista que surge naturalmente em cada processo de tomada de decisões” (Fragoso, entrevista: 14/08/2017). O facto de ser um assunto pouco tratado, de ter um “ângulo específico da legislação, pouco ou nada abordado” e de ser próximo de todos os telespetadores que têm filhos a estudar, fez com que o jornalista não tivesse de “pensar especificamente em nenhum critério” (Fragoso, entrevista: 14/08/2017). Porém, Alberto (Entrevista: 14/08/2017) consegue atribuir valores-notícia a esta RE, como a novidade, proximidade, impacto, interesse, drama pessoal, interesse nacional, atualidade, no sentido em que as alterações à Lei estavam a ser discutidas no governo.

Esta Reportagem Especial, dentro das 18 analisadas, é a que tem maior audiência. No entanto, Fragoso (Entrevista: 14/08/2017) não procurou perceber os resultados:

Considerarei o trabalho pertinente e importante, independentemente das audiências que poderia atingir, embora considere que esse seja o “termómetro” inegável do impacto que o nosso trabalho consegue ter. Penso que a análise das audiências cabe mais à direção de informação e à administração.

#### 4.3.1.5. Reportagem Especial: *Amazónia: Plantar o Futuro*<sup>21</sup>

No dia 9 de dezembro de 2016, sexta-feira, foi exibida “Amazónia: Plantar o Futuro”, da jornalista Graça Costa Pereira, editora de cultura. Esta RE resultou de uma viagem ao Brasil em Agosto de 2016, com o intuito de cobrir a apresentação do projeto Amazónia Live, que é o projeto social do Rock in Rio. O objetivo prende-se com a plantação de seis milhões de árvores na Amazónia brasileira, até 2019. Durante essa viagem a jornalista

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Graça Costa Pereira

Imagem: Euclides Semedo

Edição de Imagem: Ricardo Sant’Ana

Grafismo: Cláudia Ganhão

Pós-Produção Vídeo: José Dias

Pós-Produção Áudio: João Cruz

Produção: Mónica Pinto

conheceu os rostos que contribuíram para este objetivo de preservação da floresta, incluindo os índios que vivem no Parque Indígena do Xingu, que são afetados pela desflorestação.

Nós fomos lá com o objetivo de fazer reportagem durante o concerto da apresentação do projeto. Fizemos, durante esses dias, reportagens diárias, montagem, sobre o concerto em si. Mas para eles nos explicarem o processo em si, conseguiram levar-nos a vários sítios que faziam parte do projeto. E quando eu percebi que o material a que eu tinha acesso era tão bom e que não podia ser desperdiçado numa peça de dois minutos, eu achei que fazia sentido era pensar numa coisa mais alargada. (Pereira, entrevista: 25/07/2017)

A RE passa-se também numa aldeia de Índios, que normalmente não visitável por turistas, sendo que é uma oportunidade única o acesso privilegiado, que só é possível uma vez que os habitantes são acompanhados e ajudados pelo projeto. Foram ainda a duas fazendas “para explicar como funcionava a reflorestação, como funcionava a questão da semente, para perceber o que era necessário acontecer para que depois fossem plantadas árvores” (Pereira, entrevista: 25/07/2017). O objetivo era compreender a origem do problema, incluindo o impacto ambiental, depois perceber o caminho até à solução, que passa pela preparação das sementes que vão permitir plantar mais árvores.

A iniciativa à realização desta RE é da jornalista, que admite ter espaço de manobra para propor temas.

---

<sup>21</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-09-Amazonia-Plantar-o-Futuro>



Quando chego da Amazônia já tinha essa ideia. Aliás, eu acho até que quando vou já tinha a ideia que depois podia dar alguma coisa um bocadinho mais alargada, mas quando chego e vejo aquilo que eu consigo pôr na reportagem, é ótimo. Portanto, não podia deixar aquilo ir para o lixo. (Pereira, entrevista: 25/07/2017)

A reportagem foi gravada em agosto, mas só foi para o ar em dezembro porque a altura de verão é complicada para a editoria de cultura, sobretudo devido à cobertura de festivais de verão. Então, aproveitou o momento em que começaram a plantar as árvores, para lançar a RE. A jornalista referiu que os valor-notícia são algo mais académico do que prático, pelo que acredita que esta RE “vive muito mais da história como ela se conta, do que da história em si”, sendo que não é “hardnews” (Pereira, entrevista: 25/07/2017). Pereira (Entrevista: 25/07/2017) afirma que quando está no terreno, o olhar sobre o que se passa em redor é um olhar televisivo e espontâneo. O objetivo é fazer com que as pessoas se interessem sobre assuntos como este da Amazônia, também numa perspectiva de através dos factos, “mostrar coisas que até podem ser mais curiosas para elas verem e para captarem melhor a essência do facto” (Pereira, entrevista: 25/07/2017).

Uma verdadeira preocupação da jornalista são as audiências, no sentido em que podem ajudar a justificar os bons e os maus resultados. Com a possibilidade de ver as audiências ao minuto, Pereira (Entrevista: 25/07/2017) refere que é possível perceber o que leva a que uma reportagem perca ou ganhe pontos, sendo que os motivos podem ser vários, desde a oferta dos outros canais, ao tema da própria reportagem, à altura do ano em que é exibida, e até se a RE foi colocada a seguir a um intervalo ou se veio na sequência de outras reportagens.

A avaliação das audiências é quase insana, pela forma como isto tudo acontece, porque nós debatemo-nos muitas vezes com aquilo que nós queremos que as pessoas vejam, com aquilo que as pessoas querem ver e com aquilo que nós lhes queremos dar. (Pereira, entrevista: 25/07/2017)

#### 4.3.1.6. Reportagem Especial: *O Saramago*<sup>22</sup>

No dia 10 de dezembro de 2016, sábado, foi emitida a RE da jornalista Catarina Neves, “O Saramago”. Naquela data, celebravam-se os 18 anos que José Saramago recebeu o Prémio Nobel de Literatura, tendo sido, até aos dias de hoje, o único escritor português a merecer a distinção mundial. Neves (Entrevista: 11/08/2017) interessa-se por estas temáticas e esteve

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Catarina Neves

Imagem: Humberto Candeias

Edição de Imagem: Andrés Gutierrez

Grafismo: Paulo Alves

Produção: Cláudia Araújo

Coordenação: Luís Marçal

de acordo com o tema sugerido pela coordenação de fim-de-semana. Inicialmente pensaram tratar o tema num “Perdidos e Achados”, mas perceberam que fazia mais sentido fazer antes uma Reportagem Especial, uma vez que ele já tinha falecido. O objetivo era conseguirem uma reportagem alongada, com mais detalhe, “com mais entrevistas e mais respirações”. Os valor-notícia são um critério obrigatório para Neves (Entrevista: 11/08/2017):

José Saramago tem valor-notícia. (...) O pensamento e obra de Saramago analisados hoje tem valor-notícia. O papel do jornalista também é o de resgatar a memória, lançando bases para novas e diferentes interpretações do presente que cada um poderá e, na minha opinião, deverá fazer, em nome do futuro.

A RE explicou o percurso de Saramago, desde que deixou Azinhaga, aos dois anos de idade, e foi para Lisboa. Referiu o momento em que o Nobel de Literatura comprou os seus primeiros livros, aos 18 anos, e o seu percurso polémico pelo Diário de Notícias, em 1975. Depois disto abordaram o período de tempo compreendido entre os 33 anos que esperou entre o primeiro livro escrito e o primeiro com sucesso. Falaram com a revisora dos livros de Saramago, com a filha, com a escritora Lídia Jorge e com a Presidente da Fundação José Saramago, que descreveram o homem, o pensamento e a obra.

A jornalista tenta sempre compreender as audiências das reportagens alargadas que realiza, apesar de acreditar que “a existência de audiências e a importância que lhes é dada no contexto jornalístico quase só obedece a uma lógica de mercado” (Neves, entrevista: 11/08/2017).

---

<sup>22</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-10-O-Saramago>

#### 4.3.1.7. Reportagem Especial: *A Gigafábrica*<sup>23</sup>

Numa terça-feira, a 13 de dezembro de 2016 foi exibida “A Gigafábrica”, da jornalista Carla Castelo. A Reportagem Especial tinha como objetivo explicar o interesse da Tesla em construir uma nova fábrica na Europa, sendo que Portugal é um dos países interessados em atrair o investimento, dada também a existência de minerais com lítio, uma das matérias-primas usadas no fabrico de

##### **Ficha Técnica:**

Jornalista: Carla Castelo  
Imagem: Nuno Fróis, João Venda e José Ribeiro  
Edição de Imagem: Rui Rocha  
Pós-Produção Áudio: João Cruz  
Grafismo: Carla Gonçalves  
Coordenação: Marta Reis

baterias, que dá a Portugal uma certa vantagem. A verificar-se, Portugal acolheria uma enorme unidade industrial para baterias e carros elétricos, abastecida por energias renováveis. A jornalista teve a iniciativa à realização desta reportagem, tendo acreditado que era uma “história interessante, com relevância e eventual significado futuro a nível nacional” (Castelo, entrevista: 12/08/2017).

Inicialmente pensei numa reportagem mais curta. Depois pareceu-me ter material suficientemente interessante para fazer uma RE, ou seja, para contar uma história com mais tempo. Mas foi um trabalho feito em muito pouco tempo no terreno, por isso não o encaro como Reportagem Especial mas sim como uma reportagem mais longa. (Castelo, entrevista: 12/08/2017)

A jornalista Carla Castelo (Entrevista: 12/08/2017) tem como objetivo “contar histórias que considere terem valor-notícia”, e acredita que neste caso há atualidade, pelo que um possível investimento no futuro pode ter impacto na economia do país, com a criação de milhares de postos de trabalho. Castelo (Entrevista: 12/08/2017) salienta ainda que o facto de haver já um grupo de cidadãos que lançou um movimento para mostrar a Elon Musk, patrão da Tesla, que os portugueses apoiam a vinda da fábrica para o país, mostra a relevância do tema.

As audiências são um critério que a jornalista tem em consideração, sendo que as procura perceber “sobretudo em trabalhos de maior fôlego” (Castelo, entrevista: 12/08/2017). Tanto nas Reportagens Especiais, como nas Grandes Reportagens, Castelo admite que vê as audiências no sentido de compreender se os telespetadores viram as reportagens até ao fim e se

---

<sup>23</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-12-A-Gigafabrica>

foram “ganhando ou perdendo público ao longo da transmissão” (Castelo, entrevista: 12/08/2017).

#### 4.3.1.8. Reportagem Especial: *Estrada Sem Rumo*<sup>24</sup>

No dia 18 de dezembro de 2016, domingo, foi exibida a RE “Estrada Sem Rumo”, do jornalista correspondente da delegação de Coimbra, Nelson Mateus. Esta reportagem retratou o estado cada vez mais degradado do IP3, a estrada entre Coimbra e Viseu. Já havia sido prometido uma autoestrada alternativa, que até ao momento, não foi construída, sendo que as obras no IP3 também não avançam, tendo o Governo as prometido para 2017. Neste

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Nelson Mateus  
Imagem: Pedro Castanheira  
Edição de Imagem: Pedro Castanheira  
Imagens aéreas: 4K fly  
Grafismo: Marta Coelho  
Produção: Cláudia Araújo  
Coordenação: Luís Marçal

sentido, e dado que “a situação da estrada era do conhecimento de todos há muito, e havia a percepção clara de que se tratava de um tema com muitas facetas” (Mateus, entrevista: 04/08/2017), a coordenação optou por explorar o assunto numa RE. A reportagem começou com um sobrevivente de um acidente no IP3, que perdeu no acidente a esposa e a sogra, tendo escapado com vida com os dois filhos. Foram apresentados números que representavam o número de mortes naquela estrada, que ilustravam bem o motivo pelo qual se dava destaque a este tema. Um grupo de professoras que fazem aquele percurso diariamente deram, também, um testemunho que corroborava a problemática.

Relativamente aos valores-notícia associados a este tema, Mateus (Entrevista: 04/08/2017) acredita que são várias as “dimensões” relevantes:

Em primeiro lugar, há a questão da proximidade: trata-se de uma estrada por onde passam diariamente milhares de pessoas de toda esta região e não só. Em segundo lugar, trata-se de uma via estruturante do país e, por isso, tem igualmente importância para o todo nacional. Em terceiro lugar, é também um reflexo do problema da coesão nacional, em que há um esquecimento indisfarçável de uma região do país em relação a outras áreas servidas por vias de comunicação de muito melhor qualidade.

---

<sup>24</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-18-Estrada-sem-rumo-1>

As audiências não chegam à delegação de Coimbra e por isso Mateus não conhece os números, mas não tem dúvidas quando à importância da questão, considerando que é através das audiências que se percebe “a atenção que é dada a determinado trabalho ou tema” (Mateus, entrevista: 04/08/2017), que tem consequências em termos de mercado.

#### 4.3.1.9. Reportagem Especial: *O Natal Mágico na Disney*<sup>25</sup>

A RE “O Natal Mágico na Disney” da jornalista Sílvia Lima Rato surge um dia depois, na segunda-feira, dia 19 de dezembro de 2016. A poucos dias do Natal, esta reportagem mostrou o encanto da Disneyland Paris naquela altura do ano. Crianças e adultos viajam ao mundo da fantasia que fatura grandes montantes todos os anos. A RE fez uma visita à árvore de Natal da Disney, que tem 24 metros de altura, pesa 24 toneladas e conta

##### **Ficha Técnica:**

Jornalista: Sílvia Lima Rato  
Imagem: Euclides Semedo  
Edição de Imagem: Tiago Ramos Martins  
Grafismo: Isabel Cruz  
Produção: Mónica Pinto  
Coordenação: Marta Reis  
Direção: Ricardo Costa

com 12 mil bolas. Mostraram o desfile que junta centenas de pessoas para verem as personagens. A Disney teve uma quebra no número de visitantes, devido aos atentados de Paris, em novembro de 2015, ainda que a segurança tenha sido reforçada no parque, mas a afluência continua grande na época do Natal. A jornalista Sílvia Lima Rato (Entrevista: 27/07/2017) explicou o motivo pelo qual a viagem pelo mundo da fantasia deu origem a uma RE:

Inicialmente estávamos a pensar fazer várias reportagens sobre os parques temáticos de Natal, e depois eu fui fazer esta da Disney e realmente havia tanta coisa. Aquilo já é um Mundo mágico, mas no Natal ainda tem mais atrações, e há sempre os filmes da Disney que estreiam. Tinha tantas atrações, tanta gente e ainda fui encontrar imensos portugueses, que acabou por dar para fazer uma RE. Não fui lá com este intuito, acabou por acontecer. Depois quando cheguei cá vi que tínhamos tanto material, e a televisão vive da imagem e aquilo tem imagens tão bonitas, que aproveitamos para fazer.

Rato (Entrevista: 27/07/2017) acredita que os valores-notícia já estão intrínsecos à prática do jornalismo, mas quando vai para o terreno está extremamente atenta para tentar perceber o que

---

<sup>25</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-19-Natal-magico-na-Disney>

é que é realmente importante. Relativamente às audiências, Rato (Entrevista: 27/07/2017) afirma que apesar de não ter acesso direto aos números, os procura junto da editora de cultura. É um critério que considera importante, ainda que não seja esse o primeiro objetivo.

#### 4.3.1.10. Reportagem Especial: *Vida de Cão*<sup>26</sup>

Numa terça-feira, a 20 de dezembro de 2016 foi exibida a “Vida de Cão”, do jornalista Nuno Figueiredo.

A Reportagem Especial tinha como objetivo mostrar que, todos os dias, há animais a sofrer maus tratos nas mãos dos próprios donos. Numa fase em que os animais deixam de ser coisas e é aprovado um

**Ficha Técnica:**

Jornalista: Nuno Figueiredo

Imagem: João Lúcio

Edição de Imagem: Rui Rocha

Pós-Produção Áudio: Edgar Keats

Coordenação: Marta Reis

decreto-lei em que se aumentavam as penas de prisão e os castigos a quem maltratar os animais, foi imprescindível “alertar para a realidade atual” (Figueiredo, entrevista: 24/07/2017):

O tema dos animais deu origem a uma Reportagem Especial por várias razões: Primeiro porque nós enquanto jornalistas, não queremos ser a voz de ninguém, e eu também não pretendi ser a voz dos animais, apenas pretendi alertar as pessoas para o que se faz diariamente, em cada esquina quase, aos animais. Então foi uma espécie de alerta para a realidade atual. E depois porque em Portugal há uma certa impunidade a quem faz mal aos animais.

Dados mostram que em Portugal, todos os anos, há mais de 1200 animais vítimas de maus tratos, sendo que estes são apenas números oficiais, porque acredita-se que a realidade é bem diferente. E foram estes números que despertaram a atenção de Figueiredo, que tomou a iniciativa de tratar o tema. “As chefias costumam apoiar as iniciativas. A pro-atividade é muito importante na nossa profissão, e com o passar do tempo, enquanto jornalista, vais percebendo o que é realmente importante, e sobretudo o que realmente é notícia.” (Figueiredo, entrevista: 24/07/2017)

O jornalista não levou em consideração um valor-notícia específico no momento em que pensou na realização da reportagem. Com os anos de profissão, Figueiredo (Entrevista: 24/07/2017) já se apercebe, no dia-a-dia, que é impossível separar as vivências diárias, com a profissão:

<sup>26</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-20-Vida-de-cao>

Vamos de férias ou vamos de fim-de-semana, já não temos nada a ver com o trabalho e é quase impossível deixar de ser jornalista em casa. Já olhas para as coisas e pensas: isto dava uma peça ou uma reportagem, vou ligar para a SIC porque está a acontecer isto... Portanto, quase que está tudo intrínseco.

O jornalista encontra outros assuntos importantes na ordem do dia, mas não desvaloriza a relevância deste tema.

Estamos numa época em que existem atentados terroristas, em que roubaram armas de uma base aérea em Tancos, numa época em que há violência doméstica. É óbvio que a questão dos animais não está nesse patamar, feliz ou infelizmente, mas é igualmente notícia por uma razão. A partir do momento em que um animal passa a fazer parte da vida de uma pessoa, a partir do momento em que existem quase tanto animais como população portuguesa, ou mais, eu não sei até que ponto não será também relevante, porque faz parte do teu dia-a-dia. (Figueiredo, entrevista: 24/07/2017)

Para Figueiredo (Entrevista: 24/07/2017), os números das audiências querem dizer muito pouco. Não trabalha para audiências e não procura saber os resultados, ainda que o informem sobre elas.

#### 4.3.1.11. Reportagem Especial: *A Língua do Bacalhau*<sup>27</sup>

No dia 22 de dezembro, quinta-feira, foi exibida “A Língua do Bacalhau”, da jornalista Graça Costa Pereira<sup>28</sup>. A três dias do Natal a rubrica da SIC transmitiu uma reportagem que se passa em Alesund, a capital do bacalhau, que contou com o vencedor da competição "Revolta do Bacalhau" em 2015, e com um casal que junta Portugal e a Noruega. Ele é um fotógrafo português que conheceu, num campeonato mundial de fotografia subaquática, a agora esposa norueguesa e arquiteta naval. Nesta reportagem confeccionaram-se dois pratos de

##### **Ficha Técnica:**

Jornalista: Graça Costa Pereira  
Imagem: Rui do Ó  
Edição de Imagem: Andres Gutierrez  
Grafismo: Cláudia Ganhão  
Produção: Paula Pica  
Coordenação: Reinaldo Serrano  
Direção: Ricardo Costa

<sup>27</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-22-A-lingua-do-bacalhau>

<sup>28</sup> Esta jornalista fez também a RE “Amazónia: Plantar o Futuro”, descrita no ponto 4.3.1.5. A questão dos valores-notícia e das audiências estão explicadas nesse ponto também.

bacalhau para o Natal. Mais do que perceber tradições, percebeu-se nesta RE que 30% do bacalhau pescado na Noruega é exportado para Portugal, e que em terras lusitanas se consome muito mais bacalhau do que no país de origem, a Noruega. Foram motivos mais que suficientes para Pereira (Entrevista: 25/07/2017) perceber que este assunto tinha potencial para se tornar numa RE.

A jornalista já tinha feito várias reportagens na Noruega e sabia que “havia uma percentagem enorme de portugueses lá a viver, sendo que em mil habitantes, cerca de 20 eram portugueses” (Pereira, entrevista: 25/07/2017), tendo na altura feito uma Grande Reportagem. Continuou a tratar assuntos sobre o bacalhau, o salmão e a forma como Portugal e a Noruega se cruzam devido a um produto. O Natal foi uma boa forma de contextualizar o assunto, sendo que a jornalista foi para a Noruega a pensar em construir uma RE que “fosse boa de ver na semana do Natal e que tinha a ver com o bacalhau” (Pereira, entrevista: 25/07/2017). Uniu dois portugueses com duas histórias de vida, mas com algo em comum.

Era tentar juntar a história de um português, que de uma certa forma tem ligação ao mar por causa do trabalho que faz da fotografia, e o outro que tem a ligação ao mar apenas porque usa o produto do mar para cozinhar. E a coisa da ‘Língua do Bacalhau’ foi porque não tem só a ver com o aproveitamento desse pedaço do bacalhau que é a língua, mas sim porque temos de ver que língua é que afinal o bacalhau fala... é uma língua universal, e no caso do português é completamente a nossa língua. (Pereira, entrevista: 25/07/2017)

#### 4.3.1.12. Reportagem Especial: *O Legado de Fidel*<sup>29</sup>

Numa segunda-feira, dia 26 de dezembro de 2016, foi transmitida a RE “O Legado de Fidel”, do jornalista e editor de política, Pedro Benevides. Esta reportagem foi exibida para assinalar um mês desde que o povo saiu à rua, em Cuba, para se despedirem de Fidel Castro. Estavam retratadas, nesta RE, várias gerações de cubanos que viveram sob a liderança do “Comandante”, que afeiçoou o

##### **Ficha Técnica:**

Jornalista: Pedro Benevides  
Imagem: Rafael Homem  
Edição de Imagem: Rui Berton  
Produção: Vanessa Rocha  
Grafismo: Luís Bispo  
Coordenação: Marta Reis  
Direção: Ricardo Costa

<sup>29</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-26-O-legado-de-Fidel>



propósito da ilha situada nas Caraíbas. Mostram também uma jornalista de Miami que cresceu numa família de exilados de Cuba, que apresentou “um ângulo de proximidade que é o facto de os portugueses conhecerem esta história de haver exilados cubanos em Miami, que não gostam nem do Fidel nem do regime que se instalou em Cuba” (Benevides, entrevista: 26/07/2017), que é um dos valores-notícia que o jornalista atribui a esta RE. Apesar do jornalista acreditar que com os anos de profissão os valores-notícia já estão interiorizados e a “grelha de análise já está formatada” para compreender o que é ou não notícia, este é um caso em que se pensa que, na aquele momento, se está a “testemunhar a história” (Benevides, entrevista: 26/07/2017).

Basta olhar para a quantidade de meios de comunicação que lá estavam, que tinham aterrado lá de todo o mundo, porque aquele é o evento histórico daquele período, porque o Fidel Castro, para o bem ou para o mal, foi um ícone da humanidade. Toda a gente, em todo o lado, reconhece a imagem do Fidel e aquilo que ele representa e aquilo que impôs e a forma como ele resistiu, apesar de tudo. Portanto, é a morte de uma parte da história. (Benevides, entrevista: 26/07/2017)

A equipa da reportagem da SIC, que foi a única televisão portuguesa que acompanhou cada passo da caravana fúnebre, fez uma viagem que “faz o percurso inverso àquele que tinha feito quando aconteceu a Revolução” (Benevides, entrevista: 26/07/2017). Foi sendo explicado o pré e pós Revolução à medida que a Caravana de Fidel ia passando por cidades que eram marcos históricos.

Esta RE é a mais longa das 18 analisadas. Isto aconteceu porque a equipa de reportagem só percebeu como iria decorrer todo o processo depois de estarem em Cuba. Benevides (Entrevista: 26/07/2017) explica:

Ou vamos atrás das cinzas e enviamos uma reportagem diária ou não vamos com a preocupação dos diretos, que eram muito complicados de fazer naquele percurso todo, e vamos sem compromisso de fazer reportagens durante estes dias, vamos atrás das cinzas e vamos fazer uma reportagem maior.

O jornalista procura entender as audiências tendo, no dia seguinte à transmissão da RE, verificado de imediato os números. Esta era uma reportagem que, por ter uma duração tão longa e por não ter sido promovida, criou curiosidade sobre como se teria saído a nível de audiências. Apesar de não comparar as reportagens que faz por achar “que não são

comparáveis”, admite que, individualmente, as analisa ao minuto para perceber “tinha liderado em algum momento, ou se não tinha” (Benevides, entrevista: 26/07/2017).

#### 4.3.1.13. Reportagem Especial: *Vamos ao Espumante*<sup>30</sup>

No dia 29 de dezembro de 2016, quinta-feira, o Jornal da Noite emitiu a RE “Vamos ao Espumante”, da jornalista Lúcia Gonçalves. Como já foi referido nesta dissertação, esta foi a reportagem que despontou o interesse em perceber melhor a rubrica da SIC.

A altura do ano em questão, fez pensar às chefias que

seria interessante mostrar a variedade de produções de espumante em várias regiões do país, pelo que o consumo de espumante, em Portugal, tem vindo a aumentar, sendo que nesta altura do ano as pessoas “dedicam algum tempo e algum gosto a pensar na compra das bebidas que vão acompanhar os pratos típicos da época” (Gonçalves, entrevista: 20/09/2017).

A reportagem surge, também, na sequência da rubrica *Famílias Vintage*, que há três anos “foi pensada para potenciar o lançamento da nova novela da SIC na altura, *Coração D’Ouro*, e a ideia foi ver histórias de famílias produtoras de vinho. Na altura foi só no Douro e com muito enfoque no vinho do Porto” (Gonçalves, entrevista: 20/09/2017). Apesar de não existir uma relação entre o jornalismo e a ficção, a SIC tentou captar a atenção dos espetadores do Jornal da Noite para um assunto que iria, mais tarde, ser a base de uma telenovela. O *Famílias Vintage* tem, hoje, o objetivo de mostrar as famílias que mais têm contribuído para a história do vinho do Porto, não só na região do Douro. Tendo em conta que esta rubrica resultou bem, optou-se por continuar a procurar “histórias interessantes nas pessoas, nas famílias e nas empresas que produzem vinho” (Gonçalves, entrevista: 20/09/2017) e aproveitar a altura do Natal e Ano Novo para mostrar mais estórias.

A reportagem mostra “quatro casos diferentes, porque a ideia era também mostrar a variedade das regiões do país, das castas, dos produtores, e contar essas histórias e o que é que os

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Lúcia Gonçalves

Imagem: Joaquim Gomes

Edição de Imagem: Miguel Castro

Produção: Helena Peixoto

Coordenação: Marta Reis

Direção: Ricardo Costa

---

<sup>30</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2016-12-29-Vamos-ao-espumante>

distingue” (Gonçalves, entrevista: 20/09/2017), no sentido em que há vários fatores que diferenciam os espumantes, como o clima e as castas.

Gonçalves (entrevista: 20/09/2017) acredita que as pessoas têm “curiosidade” por o tema dos vinhos e espumantes e, uma vez que a altura do ano em questão tem “menos informação diária, de agenda”, sente-se a necessidade de “procurar conceitos um bocadinho diferentes”, e pensou-se que este tema “cai bem na altura que é”.

A jornalista admite que a gastronomia e os vinhos são “uma tendência, muito por causa do turismo no nosso país” (Gonçalves, entrevista: 20/09/2017), e refere que o conhecimento pela área foi surgindo aos poucos, através das reportagens que foi fazendo e das leituras sobre o assunto, que acabaram por cativá-la. São as leituras, o acompanhamento constante e a atenção ao tema que fazem com quem Lúcia, não tenha dúvidas quanto se pergunta se determinado assunto é ou não notícia.

As audiências são uma preocupação para Gonçalves (entrevista: 20/09/2017), que admite que apesar de não serem definidos pelos números, eles podem ou não interferir com a autoestima dos jornalistas, que veem as suas reportagens atingirem ou não o público que desejam.

E as audiências, obviamente, pesam nisto, porque são trabalhos longos, que exigem muito empenho e muito esforço, e se nós percebermos, como percebemos, que isto é uma rubrica com reportagens que têm audiência que as pessoas gostam, claro que isso incentiva ainda mais. (Gonçalves, entrevista: 20/09/2017)

#### 4.3.1.14. Reportagem Especial: *Valquíria na Dinamarca*<sup>31</sup>

A jornalista Cristiana Reis fez a RE “Valquíria na Dinamarca”, exibida no dia 4 de janeiro de 2017, quarta-feira. A obra da artista portuguesa Joana Vasconcelos, “Valquíria Rán”, integrou, entre outras, a exposição permanente no museu ARoS, na cidade Aarhus, que foi a Capital Europeia da Cultura, em 2017. A equipa de reportagem foi à Dinamarca mostrar a exposição, com destaque para a “Valquíria”, que tinha 50

##### **Ficha Técnica:**

Jornalista: Cristiana Reis  
Imagem: Euclides Semedo  
Edição de Imagem: Dias da Silva  
Produção: Paula Pica  
Coordenação: Marta Reis  
Direção: Ricardo Costa

<sup>31</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2017-01-04-Valquiria-na-Dinamarca>

metros de comprimento, cobrindo oito dos dez andares do museu. Foi explicado ainda o processo de construção da obra, sendo que é feita com croché, tecidos dinamarqueses, luzes led e uma instalação sonora, tendo demorado cerca de seis meses a ficar concluída. A reportagem mostrou ainda que a exposição da Joana Vasconcelos, “Textures Of Life”, é visitada por miúdos e graúdos, sendo que as obras da artista plástica portuguesa são elogiadas.

Este assunto originou uma RE porque, segundo Reis (entrevista: 27/09/2017), “a Joana Vasconcelos tem muita notoriedade, não só em Portugal, mas também e, sobretudo, no estrangeiro”, sendo que esta obra foi uma das mais expressivas da artista. A iniciativa à realização desta reportagem partiu da editora de cultura, Graça.

Nós fomos convidados para ir à inauguração na Dinamarca, e perante essa hipótese, eu pensei em dar alguma força a isto e em vez de irmos lá gastar dinheiro com uma equipa fora e fazer uma peça de três minutos sobre a inauguração de uma exposição, porque não perceber o trabalho que também é feito aqui no *atelier* dela e juntar tudo numa coisa com cor, alegre, com uma pessoa que tem sucesso dentro e fora de Portugal, com um histórico incrível no mundo das artes, e passar na altura do Natal. (Pereira, entrevista: 25/07/2017)

A jornalista admite que existem critérios na atribuição dos trabalhos na equipa de cultura, mas todos têm capacidade para tratar todos os assuntos. Os valores-notícia são levados em conta e, neste caso, tem que ver “com o facto de ser uma artista portuguesa ‘a singrar’ no estrangeiro e de uma das maiores obras da carreira dela” (Reis, entrevista: 27/09/2017).

Esta foi a primeira RE de Reis, que se preocupou em perceber as audiências, apesar de não as comparar.

Apesar de considerar que as audiências têm muita importância, acho que, em alguns casos, também temos de fazer reportagem com assuntos que não sabemos que são uma aposta ganha. Porque, às vezes, o público também não tem conhecimento de certas coisas e é uma forma de o passar a ter. E informação também pode, e deve, ser educação. (Reis, entrevista: 27/09/2017)

#### 4.3.1.15. Reportagem Especial: *A Gripe e as Urgências*<sup>32</sup>

A 10 de janeiro de 2017, terça-feira, foi exibida “A Gripe e as Urgências”, uma RE da jornalista Susana Bastos. O surto de gripe que, todos os anos, pela altura desta reportagem, acontece em Portugal, fez com que a chefias pedissem para avançarem com um esclarecimento do motivo pelo qual as urgências “entopem” (Bastos, entrevista:

**Ficha Técnica:**

Jornalista: Susana Bastos

Imagem: Joaquim Gomes

Edição de Imagem:

Produção: Ana Luísa Barroso

Coordenação: Marta Reis

Direção: Ricardo Costa

21/09/2017). A reportagem foi feita com a colaboração de outros jornalistas, pelo que “o prazo era muito apertado: três dias para fazer uma reportagem especial” (Bastos, entrevista: 21/09/2017), sendo que utilizaram também material de arquivo.

Era impossível um único jornalista fazer tudo: sair em reportagem várias vezes para ir a hospitais diferentes, fazer várias entrevistas, visionar tudo, pesquisar no arquivo, escrever e editar. Dai ter-se dividido o trabalho por vários jornalistas. Como foi tudo planeado e conversado foi fácil escrever com base nas entrevistas feitas por outras pessoas. A dificuldade foi apenas a falta de tempo. (Bastos, entrevista: 21/09/2017)

É uma preocupação perceber quais os valores-notícia inerentes aos trabalhos que faz, considerando que, neste caso, “depois de se ver esta reportagem se percebe quem tem culpa no congestionamento das urgências hospitalares e de que forma isso pode ser evitado” (Bastos, entrevista: 21/09/2017). Relativamente às audiências, admite não acreditar nos números, pelo que não confia “na forma como são medidas”, nem “nos critérios utilizados” (Bastos, entrevista: 21/09/2017).

---

<sup>32</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2017-01-10-A-Gripe-e-as-urgencias>

#### 4.3.1.16. Reportagem Especial: *Longe de Casa*<sup>33</sup>

A RE “Longe de Casa”, da jornalista Raquel Marinho, foi transmitida no dia 14 de janeiro de 2018, num sábado. Tratou-se de uma reportagem que mostrou a realidade de milhares de professores portugueses que se candidatam, todos os anos letivos, a escolas longe de casa à procura de emprego. São cinco professores que vão explicando como vão tentando a sorte de entrarem no quadro e efetivarem, mas enquanto não acontece, vão entrando em vários pontos do país. Na maioria dos casos, estas opções em levar

##### **Ficha Técnica:**

Jornalista: Raquel Marinho  
Imagem: José Eduardo Zuzarte e Manuel Ferreira  
Edição de Imagem: Ricardo Piano  
Produção: Cláudia Araújo  
Grafismo: Luís Bispo  
Coordenação: Luís Marçal  
Direção: Ricardo Costa

adiante a carreira de professores, põem em causa a vida pessoal de cada um. A iniciativa para tratar este tema partiu da editoria, sendo que Marinho (Entrevista: 25/07/2017) não hesitou em mostrar o interesse em fazer esta RE. A jornalista acredita que o motivou a realização desta reportagem é o facto do tema afetar “milhares de pessoas que têm uma vida virada do avesso há muitos anos” (Marinho, entrevista: 25/07/2017).

A questão dos valores-notícia é um critério a ter em consideração por parte da jornalista, que refere que neste caso “é muito óbvio” (Marinho, entrevista: 25/07/2017). Trata-se de pessoas que “não conseguem estabilizar a vida por força da forma como o sistema está organizado para a profissão delas” (Marinho, entrevista: 25/07/2017). A jornalista acredita que “a notícia também pode ser alguma coisa que está errada e está instalada e não se altera” (Marinho, entrevista: 25/07/2017), como é o caso dos professores deslocados.

Apesar de não perguntar como foram os números das audiências, admite que os coordenadores a informam dos resultados.

Eu acho que se tu fizeres bem o teu trabalho, e para o fazeres bem tens de estar de facto empenhada e gostares daquilo que estás a fazer (porque é um privilégio, nem toda a gente tem isso), se o fizeres com sobriedade, que é uma palavra aqui muito importante, mesmo que sejam temas muito difíceis, se contares bem uma história, as pessoas veem. E também se não viram não é por aí. Viram as que viram. (Marinho, entrevista: 25/07/2017)

---

<sup>33</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2017-01-14-Longe-de-casa>

Marinho (Entrevista: 25/07/2017) deposita uma “enorme dedicação”, porque gosta de cada trabalho que faz e, nesse sentido, não trabalha numa lógica de mercado.

#### 4.3.1.17. Reportagem Especial: *Aqui Também Se Vive*<sup>34</sup>

Exibida no dia 15 de janeiro de 2017, domingo, a RE “Aqui também se vive”, da jornalista Madalena Ferreira, retratou a “riqueza geológica e cultural” da Serra da Estrela, apesar de despovoada (Ferreira, entrevista: 01/09/2017). A jornalista partiu para o terreno com a ideia do formato de Reportagem Especial, sendo que a iniciativa deste tema partiu da iniciativa da equipa de correspondentes da Guarda, tendo sido aceite pelas chefias (Ferreira, entrevista: 01/09/2017). O objetivo desta RE era “dar relevo mundial à Serra da Estrela”, como forma de alertar “para a necessidade de dar outra vida a estas terras de montanha” (Ferreira, entrevista: 01/09/2017), elucidando assim o telespetador das riquezas e fragilidades da serra mais alta de Portugal Continental.

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Madalena Ferreira  
Imagem: Filipe Barbosa e Paulo Gabriel  
Edição de Imagem: Rui Rocha  
Pós-Produção Áudio: Octaviano Rodrigues  
Grafismo: Sérgio Maduro  
Produção: Cláudia Araújo  
Coordenação: Luís Marçal  
Direção: Ricardo Costa

A reportagem descreveu a vida de um pastor que guarda cerca de 500 animais, na Serra da Estrela, que explicou que é dos poucos pastores porque cada vez há menos pessoas a viver nas aldeias da região. Foi ainda referida a questão das fábricas têxteis que foram fechando e que empregavam grande parte da população. Mas o alvo focou-se na necessidade de tornar a montanha em mais do que um mero ponto de referência geológico, sendo que há pelo menos 100 locais de interesse no dossier que vai ser apresentado à UNESCO, no âmbito da Candidatura da Serra a Geoparque.

A Serra da Estrela só tem sido notícia por causa da neve ou dos incêndios e, na verdade, a Estrela tem muito mais para além disso. Tanto que a riqueza geológica e cultural do território em causa será alvo de uma candidatura a Geoparque da Unesco. E esta questão em particular imprimiu novo relevo ao tema e à própria Reportagem Especial. (Ferreira, entrevista: 01/09/2017)

---

<sup>34</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2017-01-15-Aqui-tambem-se-vive>

O motivo para esta reportagem ter sido exibida no início do ano, prendeu-se com o facto de ser este o ano da candidatura, sendo que a SIC vai continuar a acompanhar o caso, indo para a ilha de São Miguel, nos Açores, onde o dossier de candidatura será entregue, em setembro de 2017 (Ferreira, entrevista: 01/09/2017).

A jornalista acredita que “é importante que uma determinada reportagem seja vista por um grande número de telespectadores” (Ferreira, entrevista: 01/09/2017), e que nesta em particular teve curiosidade em perceber o impacto que teve. Esta é a RE com a segunda maior audiência, dentro da amostra das 18 analisadas.

#### 4.3.1.18. Reportagem Especial: *Haja Saúde*<sup>35</sup>

A 29 de janeiro de 2017, domingo, foi exibida a última RE analisada neste relatório, do jornalista Hugo Alcântara, intitulada “Haja Saúde”. A reportagem surgiu no dia em que entrou em vigor o novo programa de incentivos lançados pelo Ministério da Saúde, que visava beneficiar os médicos que exercessem funções no interior do país. O objetivo da reportagem passa por mostrar que a falta de

##### Ficha Técnica:

Jornalista: Hugo Alcântara  
Imagem: Carlos Nascimento e Pedro Carpinteiro  
Edição de Imagem: Jorge Costa  
Produção: Cláudia Araújo  
Coordenação: Luís Marçal  
Direção: Ricardo Costa

milhares de médicos nesta zona do país tem originado um aumento do número de doentes em listas de espera para consultas ou intervenções, que ultrapassam os seis meses. Alcântara (entrevista: 06/10/2017) admite ainda que “a ideia era fazer um retrato do interior e das necessidades das pessoas” e “perceber como estão e funcionam os planos especiais de incentivos para a fixação de clínicos”.

A iniciativa à realização deste RE partiu do jornalista, que viu a ideia aprovada pelas chefias, tendo tido sempre “claro que seria uma reportagem especial, pela extensão do tema” (Alcântara, entrevista: 03/10/2017). Os valores-notícia são tidos em consideração como uma prioridade, sendo que neste caso pretendeu-se “uma abordagem de reportagem com mais tempo, respiração, sensação e, principalmente, boas estórias”, mas ao mesmo tempo com “os números, as dificuldades, os fracassos da política e os novos caminhos para mitigar um problema nacional” (Alcântara, entrevista: 03/10/2017).

<sup>35</sup> Acedida no *site* da SIC Notícias em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2017-01-29-Haja-saude>



Alcântara procura sempre compreender as audiências dos trabalhos que faz, considerando que “ajudam a medir a própria eficácia da reportagem e a corrigir, futuramente, eventuais fragilidades ou problemas de abordagem” (entrevista: 03/10/2017).

### 4.3.2. Categorização das reportagens

Para ser possível compreender de um modo mais profundo as reportagens analisadas, optou-se por categorizá-las. Os temas e os subtemas são criados a partir da observação de cada uma das Reportagens Especiais. Há temas de **sociedade**, que são aqueles que abrangem um vasto conjunto de assuntos e, por esse motivo, pensou-se em criar os subtemas, no sentido de designar mais fielmente cada um desses conteúdos. Foram criados também temas de **economia, política, justiça, saúde, cultura e ambiente**, pelo que as reportagens tratam de forma clara estes casos. A categoria dos subtemas surge no sentido de alargar e aprofundar a explicação do tema a que a reportagem se refere.

A categorização geográfica surge para compreender se há apostas em reportagens realizadas no exterior do país e em que situações é que há deslocações ao estrangeiro.

O seguinte quadro de análise vai permitir que, posteriormente, seja mais fácil perceber os gráficos que vão elucidar sobre as tendências temáticas e geográficas da rubrica.

Reportagem Especial	Tema	Subtema	Geografia	Atualidade	Duração	Periodicidade	Audiência (Share)
Tinta Permanente	Sociedade	História	Portugal	Sem Atualidade	12 min.	13-nov-16 domingo	12,5
Quebrar Silêncios	Justiça	Consciencialização	Portugal	Sem Atualidade	23 min.	15-nov-16 terça	26,2
Vistos Dourados Mais Atrasados	Economia	Investimento	Portugal	Tema do Mês	10 min.	23-nov-16 quarta	24,5
O Meu Lugar Não É Aqui	Sociedade	Educação	Portugal	Sem Atualidade	17 min.	01-dez-16 quinta	26,8
Amazónia: Plantar o Futuro	Ambiente	Desenvolvimento Sustentável	América do Sul	Sem Atualidade	16 min.	09-dez-16 sexta	21,8
O Saramago	Cultura	Personalidades	Portugal	Tema do Dia	14 min.	10-dez-16 sábado	20,6

A Gigafábrica	Economia	Investimento	Portugal	Tema do Mês	11 min.	13-dez-16 terça	24,9
Estrada Sem Rumo	Política	Planeamento	Centro	Sem Atualidade	14 min.	18-dez-16 domingo	24,1
O Natal Mágico na Disney	Sociedade	Entretenimento	Europa	Tema do Mês	10 min.	19-dez-16 segunda	23,4
Vida de Cão	Sociedade	Consciencialização	Portugal	Sem Atualidades	18 min.	20-dez-16 terça	23,7
A Língua de Bacalhau	Cultura	Gastronomia	Europa	Tema do Mês	20 min.	22-dez-16 quinta	21,5
O Legado de Fidel	Política	Personalidades	América Central	Tema do Mês	34 min.	26-dez-16 segunda	23,1
Vamos ao Espumante	Sociedade	Gastronomia	Portugal	Sem Atualidade	16 min.	29-dez-16 quinta	23,7
Valquíria na Dinamarca	Cultura	Entretenimento	Europa	Sem Atualidade	9 min.	04-jan-17 quarta	25,0
A Gripe e as Urgências	Saúde	Doenças	Portugal	Tema do Mês	11 min.	10-jan-17 terça	23,4
Longe de Casa	Sociedade	Trabalho	Portugal	Sem Atualidade	18 min.	14-jan-17 sábado	24,9
Aqui Também se Vive	Sociedade	Desenvolvimento Sustentável	Centro	Sem Atualidades	16 min.	15-jan-17 domingo	25,9
Haja Saúde	Saúde	Investimento	Portugal	Tema do Dia	12 min.	29-jan-17 domingo	18,3

Tabela 6: Quadro de análise das Reportagens Especiais

### 4.3.3. Categorias e Subcategorias Temáticas

Analisando os **temas** sobre os quais a *Reportagem Especial* se debruçou no período dos três meses de análise, verifica-se que a tendência é precisamente a abordagem de temas com carga emocional. (Gráfico 3).

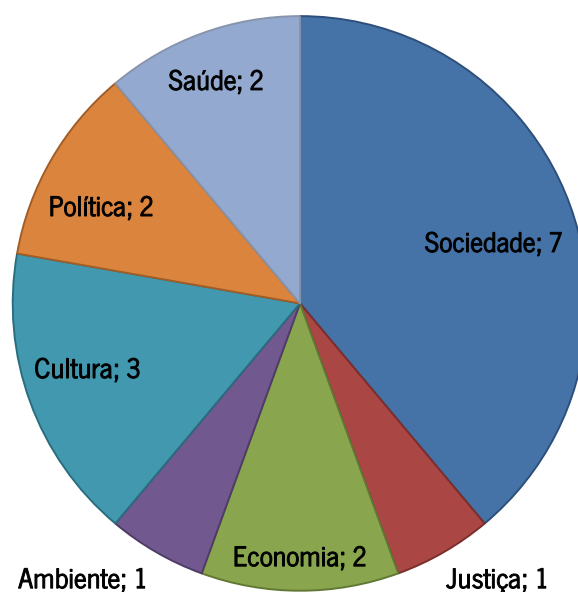


Gráfico 3: Gráfico circular dos temas abordados no programa

Na divisão temática, verifica-se que os temas de **sociedade** estão em predominância, com sete RE, num universo de 18, o que mostra que a rubrica aposta mais em questões que colocam o cidadão como protagonista. Seguem-se os temas ligados à **cultura**, com três reportagens, o que comprova que se dá um maior destaque a assuntos culturais, deixando para trás temas **políticos** e **económicos**, cada um com duas reportagens. Os temas **ambientais** e de **justiça** entram nesta análise, havendo uma reportagem de cada.

Relativamente aos **subtemas** sobre os quais a *Reportagem Especial* se debruçou, pode-se perceber que há mais categorias criadas, isto porque alarga-se à necessidade de perceber especificamente os assuntos abordados, de forma a complementar os temas, como se pode verificar no seguinte gráfico. (Gráfico 4).

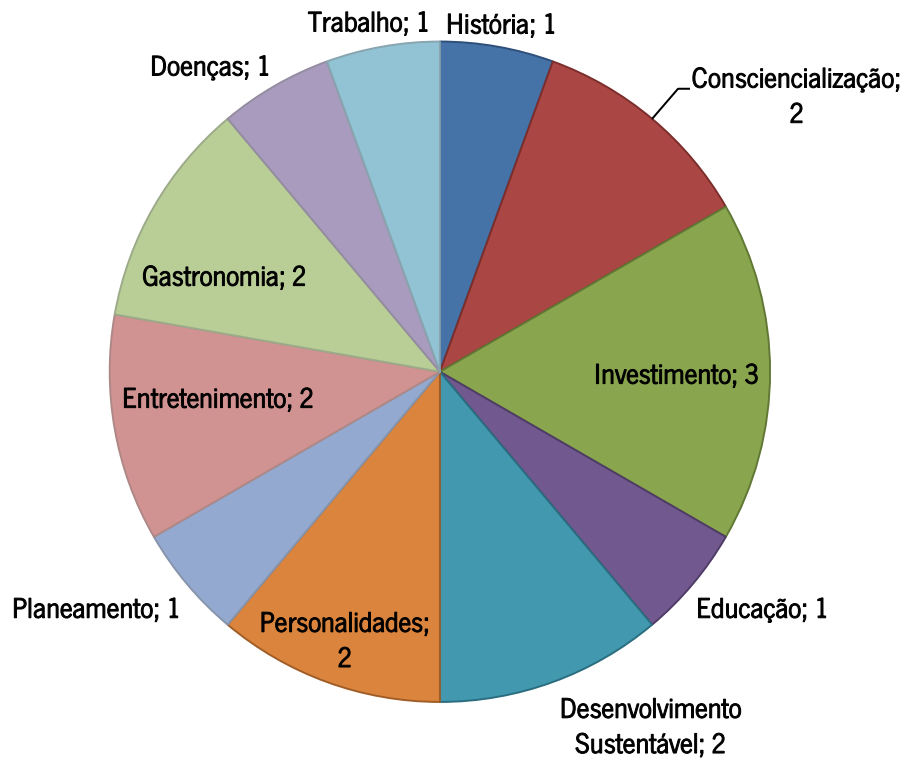


Gráfico 4: Gráfico circular dos subtemas abordados na rubrica

A subcategoria **investimento** apresenta três reportagens, sendo a mais representativa. No entanto, seguem-se a **conscientização**, o **desenvolvimento sustentável**, **personalidades**, **entretenimento** e **gastronomia** com duas reportagens cada. As subcategorias que contam com apenas uma Reportagem Especial são **história**, **educação**, **planeamento**, **doenças** e **trabalho**.

#### 4.3.4. Categoria Geográfica

Tendo por base a análise, constata-se que uma larga superioridade dos trabalhos foram feitos dentro do território **nacional** (13), em detrimento dos trabalhos **internacionais** (5) (Gráfico 5).



Gráfico 5: Gráfico circular da categoria geográfica

Assim como é possível verificar, **Portugal** conta com 11 Reportagens Especiais, sendo que duas delas são realizadas no centro do país, em **Coimbra** e na **Serra da Estrela** (Gráfico 6).

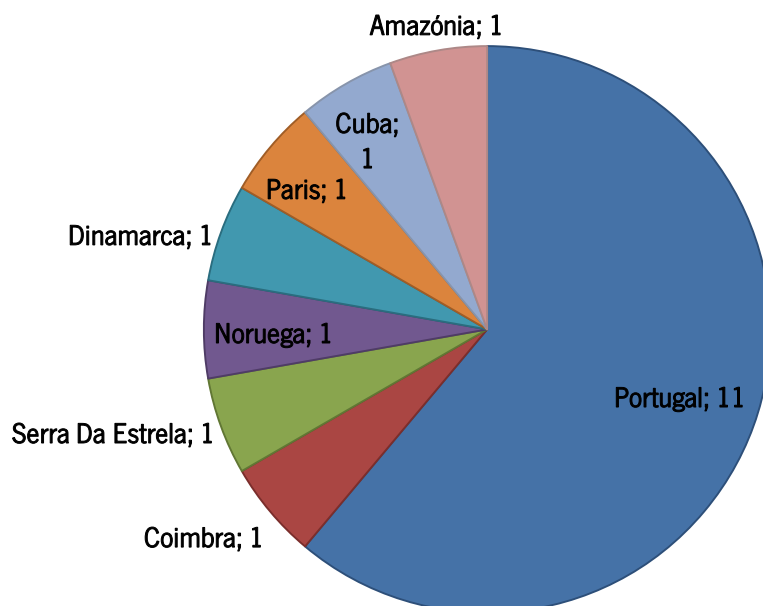


Gráfico 6: Gráfico circular das subcategorias geográficas

Mais à frente, na discussão dos dados, serão explicados os motivos para ter sido feita esta divisão. Três reportagens foram realizadas na Europa, nomeadamente em **Paris**, **Dinamarca** e **Noruega**, e duas foram realizadas na América, no **Brasil** e em **Cuba**.

#### 4.3.5. Categoria de Atualidade

A **atualidade** foi outro critério utilizado para perceber a RE. O que os dados demonstram é que mais de metade das reportagens exibidas durante o período da amostra, não têm atualidade. (Gráfico 7)

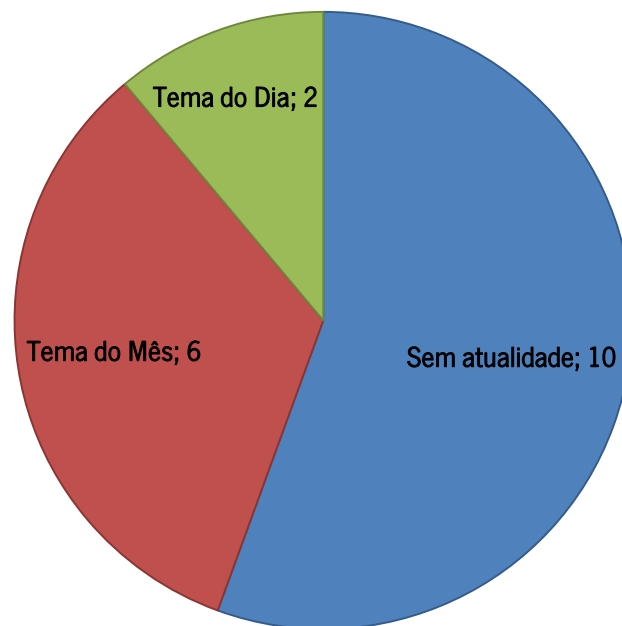


Gráfico 7: Gráfico circular da atualidade dos temas abordados na rubrica

Assim, a categoria **sem atualidade** conta com 10 reportagens. Foram ainda exibidas seis reportagens com **tema do mês** e duas com o **tema do dia**.

## 5. DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente relatório tem como objetivo compreender a natureza da rubrica da SIC e conhecer os motivos pelos quais um determinado tema pode originar uma Reportagem Especial. No entanto, tornou-se necessário perceber também algumas questões associadas, como a forma como os jornalistas olham para os valores-notícia e para as audiências das reportagens. As audiências tornam-se um objeto importante neste estudo, pelo que os dados revelam aspetos interessantes, como será explicado mais à frente, neste capítulo.

Uma das questões de reflexão deste relatório é, então, perceber por que um determinado assunto pode ser tratado numa RE, sendo que se constatou que não é possível atribuir um só motivo, pois são várias as circunstâncias que levam a que um tema se torne suscetível de ser tratado na rubrica. O que, a partir da análise é possível constatar, é que é comum os jornalistas partirem para o terreno com os objetivos de fazer uma reportagem de dois ou três minutos, ou de fazer reportagens diárias de um grande acontecimento ou então vão para um serviço para tratar um assunto e depois acabam por perceber que têm material para algo mais alargado ou até para tratar temas novos, e por esse motivo opta-se por incorporar esses trabalhos na Reportagem Especial. Exemplos destas situações são as Reportagens Especiais “O Legado de Fidel”, “Natal Mágico na Disney”, “A Língua do Bacalhau” e “Amazónia: Plantar o Futuro”.

Por outro lado, há Reportagens Especiais que surgem por sugestões das chefias, porque acreditam que existem temas relevantes, atuais e que necessitam de ser abordados de uma forma mais detalhada numa reportagem mais alargada. Na amostra deste relatório, pode-se verificar que as reportagens que se enquadram neste ponto são a “Quebrar Silêncios”, “O Saramago”, “Estrada Sem Rumo”, “Vamos ao Espumante”, “Valquíria na Dinamarca”, “Longe de Casa”,

Geralmente também são bem aceites as sugestões dos próprios jornalistas às chefias, relativamente a temas que podem ser tratados numa Reportagem Especial. Os jornalistas, nestes casos, optam por propor temas pelos quais têm algum tipo de interesse e que acreditam que são de interesse público. Na amostra percebe-se que fazem parte deste núcleo as RE “Tinta Permanente”, “O Meu Lugar Não É Aqui”, “A Gigafábrica”, “Vida de Cão”, “Aqui também se vive”,



É também frequente que as RE resultem de uma série de peças feitas pelos jornalistas sobre um determinado tema, que faz sentido ser “compiladas”, com novos elementos e conteúdos, para aglomerar toda a informação. No universo das 18 RE, apenas “Vistos Dourados Mas Atrasados” e “A Gripe e as Urgências” correspondem a esta situação.

Os temas de sociedade foram os mais abordados, sendo que seria algo já esperado, isto porque os assuntos com carga emocional são mais aceites pelo público, assim como explica Sodré (2009, p. 15-16) acerca da conformação da notícia, quando diz que “apesar da sua aposta histórica no esclarecimento neutro, a notícia não prescinde, em termos absolutos, do apelo à carga emocional contida nos estereótipos que derivam das ficcionalizações ou dos resíduos míticos”. O que causou algum espanto foi verificar que há uma predominância dos temas de cultura relativamente a temas políticos e económicos. No entanto, a explicação poder ir de encontro com a altura do ano em que estas reportagens foram exibidas - Natal e o Ano Novo -, no sentido em que são épocas onde, tendencialmente, as televisões transmitem assuntos mais “ligeiros”, de mais fácil absorção, com cores e imagens mais apelativas. Geralmente, evita-se colocar no ar reportagens mais pesadas, porque os telespetadores não estão tão disponíveis para absorver esses temas, e este poderá ser o motivo para que temas como os de religião, que têm estado na ordem do dia, devido a questões associadas ao terrorismo, não serem abordados. Ainda assim, uma semana antes do Natal, é transmitida a RE “Estrada Sem Rumo”, que tem contornos políticos e histórias de famílias que perderam entes no IP3 em acidentes graves, o que torna esta questão um pouco contraditória.

O objetivo da RE é tratar temas que sejam atuais. No entanto, este ponto é o que maior discussão pode causar, pelo que a análise mostra que a maioria das reportagens analisadas não têm atualidade. Depois das entrevistas feitas aos jornalistas, percebeu-se que este é aspeto que eles tentam ter em consideração, sendo que, apesar de muitas vezes os temas não terem atualidade, tentam-se criar “gatilhos” para a exibição das RE. Um exemplo disto é a “Amazónia: Plantar o Futuro”, que foi gravada em Agosto, com o propósito de mostrar os concertos durante a apresentação do projeto social do Rock in Rio, e em dezembro passa uma RE sobre a reflorestação da Amazónia, uma consequência do “Amazónia Live”, com o “pretexto” de terem sido começadas a ser plantadas as árvores. As reportagens que contêm atualidade são aquelas que estão na ordem do dia, como é o caso da RE “A Gripe e as Urgências”, que mostrou a realidade dos últimos dias em Portugal, naquele momento. Os telejornais passavam vários

minutos de peças a tratar o assunto dos surtos de gripe no país, pelo que fez sentido aglomerar de uma forma mais compacta toda a informação, e procurar informar sobre os contornos que envolvem toda a problemática numa reportagem mais alargada.

A questão da periodicidade também parece não estar bem delineada, considerando que a coordenadora do JN afirma que a RE passa às quintas-feiras, enquanto que o coordenador do JN de fim-de-semana refere que já não há um dia específico para a rubrica passar. Tendo em vista a amostra, verifica-se que a RE não passa à quinta-feira. Em 18 reportagens, apenas três passam a uma quinta-feira, sendo que seis foram exibidas durante o fim-de-semana e as restantes estão divididas pelos restantes dias da semana, quatro na terça-feira, duas na quarta e na segunda e uma na sexta-feira. No entanto, Marta Reis afirma que o Verão e épocas festivas são alturas “desformatadas”, e esta amostra coincide também com o mês de dezembro, o que pode ser um fator a ter em conta. Isso explicaria ainda o facto de, durante uma semana, serem exibidas quatro Reportagens Especiais, sendo que dia 18 de dezembro de 2016, domingo, foi exibida a “Estrada Sem Rumo”, um dia depois foi transmitida “O Natal Mágico na Disney”, logo de seguida no dia 20, terça-feira, foi emitida “Vida de Cão” e dois dias depois, no dia 22 de dezembro, quinta-feira, é exibida “A Língua do Bacalhau”.

Outro aspeto a ter em conta é a questão da duração, que por vários motivos não é cumprida. O suposto é que a RE tenha cerca de 15 ou 20 minutos, o que nem sempre acontece. Por vezes, o tempo é excedido, porque é difícil para o jornalista abdicar de informações ou imagens que considerem preponderantes para que o produto final seja de qualidade, como é o caso de “O Legado de Fidel”, que tem 34 minutos, outras vezes as reportagens não chegam aos 15 minutos, porque são assuntos que se esgotam com mais facilidade, mas obedecem à filosofia da rubrica, como a RE “Valquíria na Dinamarca” que tem nove minutos.

A proximidade é um fator que se revela importante, e o facto de haver correspondentes em certas partes do país pode suscitar que se abordem temas implicados nessas áreas geográficas, como é o caso da RE “Estrada Sem Rumo” e “Aqui Também se Vive”, ambas na zona centro do país, uma feita pela delegação de Coimbra e outra pela delegação da Guarda, respetivamente. A opção por dividir, na categoria geográfica, Portugal e as duas regiões do centro, Coimbra e Serra da Estrela, foi exatamente porque acreditei que este era um aspeto a ter em consideração, pelo que se deu voz a zonas que nem sempre são destacadas e noticiadas diariamente nos meios de comunicação. As deslocações ao estrangeiro também são dispendiosas, pelo que as RE feitas

fora de Portugal acontecem quando um assunto se revela verdadeiramente relevante, como é o caso da morte de Fidel, ou quando há um convite, como no caso da “Valquíria na Dinamarca”. Existem outros assuntos que podem levar a uma retirada ao estrangeiro, onde geralmente os jornalistas aproveitam para recolher bastante material, no sentido de o aproveitar em situações futuras, sendo que as possibilidades para fazer viagens não são muito frequentes.

De acordo com os jornalistas entrevistados, os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia estão de tal forma enraizados na prática deles de jornalistas, que já não são pensados numa perspetiva teórica. No entanto, a esmagadora maioria dos entrevistados admitiu que têm em consideração os valores-notícia, ainda que não consigam atribuir um de forma objetiva à reportagem em questão, conseguindo porém explicar por que razão a reportagem tem valor-notícia. Como aconteceu com a jornalista que fez a RE “O Natal Mágico na Disney”, que admitiu que durante o tempo em que esteve no terreno, para elaborar esta reportagem, parecia um “radar” a tentar perceber o que era importante, tendo encontrado portugueses, o que desde logo era relevante devido à questão da proximidade, mas que a jornalista não salientou quando questionada sobre os valores-notícia, isto porque na prática de jornalista dela a “proximidade” já não é um conceito, mas sim uma percepção intuitiva constituída a partir da experiência quotidiana. Assim sendo, pode-se assumir que os jornalistas conduzem os critérios de noticiabilidade a partir de sentidos gerais construídos culturalmente no seu quotidiano. Como sustenta Stuart Hall (1994, p. 226), “se os jornalistas não dispusessem – mesmo que de forma rotineira – de ‘mapas’ culturais do mundo social, não poderiam ‘dar sentido’ aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é ‘noticiável’”.

Pode-se então assumir que existem duas perspetivas, sendo que uma se refere aos recursos intuitivos utilizados pelos jornalistas para atribuir valor às notícias, constituídos a partir da experiência quotidiana enquanto jornalistas, pelo que acabam por não os racionalizar. A outra perspetiva refere-se ao olhar mais académico sobre o trabalho jornalístico, que classifica, constrói tipologias, categorias e conceitos, no sentido de compreender e dar respostas ao estudo dos valores-notícia. São duas abordagens que se cruzam, apesar de nem sempre ser um exercício simples, pelo que os estudos dos critérios de noticiabilidade são bastante descritivos e por vezes até abstratos.

Como foi referido no início do capítulo, as audiências das reportagens foram um aspeto a ter em conta, pelo que foi possível retirar ilações interessantes e relevantes. Apenas um jornalista demonstrou total desinteresse pela importância das audiências, pelo que os restantes consideravam, de um modo geral, que os números das audiências são como um “farol” dos trabalhos que realizam. Não abordam a questão numa perspetiva de lógica de mercado, sendo que consideram que não trabalham para audiências, mas que perceber-las pode ajudá-los a melhorar trabalhos futuros. Os resultados a que foi possível ter acesso revelavam bastante discrepância de *share* em algumas Reportagens Especiais, considerando que a “Tinta Permanente” teve o pior resultado com 12,5%, e “O Meu Lugar Não É Aqui” teve o melhor resultado, com 26,8%. No entanto, os números das audiências dependem de muitos fatores. O primeiro fator que a mencionar é a concorrência, isto porque não importa a qualidade de um produto, porque se ele estiver a concorrer com um jogo da Seleção Nacional, não vai conseguir a liderança. Foi o que aconteceu com a RE “Tinta Permanente”, que foi para o ar ao mesmo tempo que na RTP1 estava a ser transmitido o jogo *Portugal vs Letónia*. No caso da RE “O Meu Lugar Não é Aqui”, os canais generalistas da concorrência estavam em horário de jornal, tendo a reportagem da SIC liderado naquele período. Outro fator que pode condicionar as audiências da RE é o facto de entrarem no ar depois do intervalo ou no seguimento de uma outra peça de jornal, sendo que quando vai para o ar depois do intervalo geralmente perde alguns pontos no início, enquanto que quando vem no seguimento de outra peça o telespetador já está a ver o JN e tem tendência a continuar a assistir. A altura do ano em que são exibidas também é um fator, porque como já foi referido, na altura de Verão e festividades, há menos predisposição para o público se sentar em frente à televisão a ver conteúdos mais alargados, daí também a necessidade de colocar no ar conteúdos mais ligeiros no ar, para conseguir captar mais a atenção do telespetador. Os resultados fornecidos pela SIC para esta análise são os das audiências totais, no entanto os diretores de informação e os editores das várias editorias têm acesso às audiências ao minuto, e é aqui que se consegue ter uma perceção mais real de como se comportam as audiências. A conclusão que se retira é que as Reportagens Especiais têm sempre uma audiência superior à média do Jornal da Noite, ou seja, se o JN estiver a ter uma média de 22% de *share*, as Reportagens Especiais têm cerca de 2% acima da média. Isto prova que o público tem interesse em consumir estes conteúdos alargados, ou seja, um bom indicativo para a continuidade da rubrica da marca SIC. São dados que provam que deve existir uma maior

aposta na realização destes produtos, pelo que são assuntos tratados de uma forma mais cuidada e aprofundada, que acaba por informar mais e melhor.

## 6. NOTAS CONCLUSIVAS

A *Reportagem Especial SIC* surgiu em 2007, sob a coordenação de Pedro Coelho, numa altura em que a SIC acreditou que fazia sentido ter um programa de reportagens mais alargado, onde fossem discutidos os mais variados temas da atualidade. A SIC já exibia, desde 1996 a *Grande Reportagem SIC*, que obedece a um formato diferente da RE, pelo que conta com conteúdos mais aprofundados e detalhados sobre temas com um grau de relevância muito superior, ainda que não tenham a atualidade como um critério. Sentiu-se então a necessidade de criar um produto intermédio, com um formato mais semelhante ao das peças do jornal, mas com características que o diferenciasse de todos os outros produtos da marca SIC. Desde o início que apresenta bons resultados, o que permitiu a continuidade da rubrica até aos dias de hoje. Verificou-se, então, uma crescente aposta em reportagens mais alargadas, que se assumiram como produtos diferenciadores.

Os objetivos gerais da dissertação consistiam em compreender a razão pela qual um determinado assunto é possível de se tratar numa RE, sendo que para o efeito foram analisadas 18 reportagens. Depois de criado o quadro de análise e ser possível já retirar algumas conclusões, entrevistou-se cada um dos jornalistas que assinou os 18 trabalhos e aos coordenadores do Jornal da Noite. Percebeu-se que as opiniões foram divergindo quanto à importância das audiências e quanto à forma como olham e entendem os valores-notícia, ainda que as conclusões retiradas revelem informações interessantes.

O presente estudo prova que grande parte dos jornalistas entrevistados têm os valores-notícia de tal forma enraizados na prática deles de jornalistas, que já não são pensados numa perspetiva teórica. Pode-se, então, assumir que os jornalistas utilizam recursos intuitivos para atribuir valor às notícias a partir de sentidos gerais construídos culturalmente no seu quotidiano.

A investigação permite identificar algumas tendências da RE, como a valorização de temas sociais, que muitas vezes apelam à emoção e à sensibilidade dos espectadores. O objetivo da rubrica é, no entanto, passar por apresentar os mais diversos temas da atualidade. Atualidade essa que nem sempre se verifica, o que não significa que os conteúdos apresentados não sejam de grande qualidade e de interesse público. Penso que os temas tratados são relevantes e com interesse jornalístico.

Enquanto investigadora e espetadora da rubrica, penso que se trata de um produto de qualidade da marca SIC, que tem tudo para continuar a ter sucesso pelos temas que aborda, mas sobretudo pela forma como são abordados, pelo que são histórias bem contadas e que captam de uma forma realista e objetiva assuntos pertinentes, que não têm necessariamente de ser atuais. Um exemplo desta questão é a RE “Longe de Casa”, exibida em janeiro, que trata o drama dos professores deslocados. Muito provavelmente este assunto faria mais sentido em setembro, altura em que esta questão é muito debatida. No entanto, a reportagem está de tal forma bem conseguida e o tema é tão importante que não há necessidade de a ter colocado no ar numa altura mais “atual”.

As audiências da Reportagem Especial continuam a ser positivas, no sentido em que têm uma audiência superior à média do Jornal da Noite, sinal de que devem continuar a apostar nestes conteúdos mais alargados. Esta conclusão pode, inclusive, levar a questionar o motivo pelo qual, afinal, se procuram produzir conteúdos sensacionalistas para atingir audiências quando, na verdade, formatos de interesse público, como a Reportagem Especial, conseguem atingir resultados positivos.

O sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se, para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de um noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato (Angrimani, 1995, p. 16).

Seria interessante, porventura, realizar também uma análise qualitativa mais aprofundada das audiências, no sentido de compreender melhor as preferências temáticas dos portugueses nas reportagens da rubrica, traçando-lhes o perfil.

O presente estudo centrou-se em compreender a rubrica no espaço da televisão clássica. Seria um desafio estender a produção de conteúdos alargados também ao digital e compreender se dessa forma conseguiriam um maior alcance do que as reportagens que são exibidas dentro do Jornal da Noite da SIC.

A escolha do espetro temporal coincide com a altura festiva do Natal e Passagem do Ano, o que significa que a grelha do Jornal da Noite está desformatada, pelo que os resultados possam não

coincidir com os princípios e filosofias da rubrica. Para que esta análise fosse mais conclusiva, talvez devesse ter optado por analisar os dez anos de RE. Uma amostra mais representativa traduziria mais fielmente a realidade da Reportagem Especial. O momento em que me deparo com estas questões fez com que colocasse em causa a direção do trabalho, tendo sido, porventura, uma das maiores dúvidas postas em causa. No entanto, optar por analisar estes três meses, permitiu-me, de uma forma mais aprofundada, conhecer os motivos que levam à realização das reportagens e perceber melhor os contornos que envolvem cada uma delas.

O estágio curricular na redação SIC Porto permitiu, não só, ter uma oportunidade de acompanhar a realização de uma RE, mas uma série de outros serviços que culminaram num aprimoramento dos conhecimentos já adquiridos, resultantes do mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho. Acredito que a oferta de um estágio como unidade curricular no mestrado possibilita ser colocado em prática os saberes que ao longo de um ano vão sendo aprendidos. A conclusão da experiência de estágio termina com a realização deste relatório, que coincide com a possibilidade de aliar o mundo profissional a um estudo científico que permite exaltar as capacidades de trabalho prático e de investigação. Tratou-se de uma experiência muito enriquecedora que resultou num estudo científico que permitiu compreender de forma mais aprofundada a rubrica *Reportagem Especial SIC*. Deste modo, acredito que o balanço é muito positivo.





## BIBLIOGRAFIA

- Abramo, Cláudio (2002). *A Regra do Jogo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Angrimani, Danilo (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus.
- Barbeiro, Heródoto (2002). *Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Boni & Quaresma (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* [Vol. 2], pp. 68-80.
- Bourdieu, Pierre (1997). *Sobre a televisão*. Oeiras: Celta.
- Campos, Jorge (1994). *A Caixa Negra*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Almedina.
- Fontcuberta, M. (1999). *A Notícia: Pistas para Compreender o Mundo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Fuser, Igor (1996). *A Arte da Reportagem*. São Paulo: Scritta.
- Galtung, Johan; Ruge, Mari Holmboe (1993). A estrutura do noticiário estrangeiro. In: Traquina, Nelson (Orgs.) *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. (pp. 61-73). Lisboa: Vega Ltda.
- Ganz, Pierre (1995). *A Reportagem em Rádio e Televisão*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Godinho, Jacinto (2011). *As Origens da Reportagem – Televisão*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Gomis, L. (1991). *Teoría del Periodismo: Cómo se Forma el Presente*. Barcelona: Paidós.
- Gradim, Anabela (2000). *Manual de Jornalismo*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf> [Acedido em 16/02/2017].
- Guba, E.G. (1990). The alternative paradigm dialogue. In E.G.Guba (Eds.), *The paradigm dialog*. (pp. 17-30). London, Sage Publications. Disponível em <http://www.appstate.edu/~jacksonay/rcoe/guba.pdf> [Acedido em 04/08/2017].

- Hall, Stuart (1993). A produção social das notícias: O mugging nos media. In: Traquina, Nelson (Orgs.) *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. (pp. 224-248). Lisboa: Veja Ltda.
- Jespers, J. (1<sup>o</sup>ed) (1998). *Jornalismo Televisivo: Princípios e Métodos*. Edição portuguesa, Coimbra: Editora Minerva.
- Lage, Nilson (7<sup>o</sup>ed) (2008). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.
- Lopes, F. (2007). 2006: O Ano da Revolução Administrativa das Licenças da SIC e da TVI. *Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Portugal*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-licencas-tv-2007.pdf> [Acedido em 17/10/2017]
- Márquez, Gabriel (1999). *Cuardenos Del taller de Periodismo*, v.1. Medellín: FNPI.
- Mascarenhas, Óscar (2001). *O poder corporativo contra a informação*. Coimbra: Minerva.
- McQuail, Denis (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, Jorge (1<sup>a</sup>ed) (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa: Cenjor.
- Ruótulo, Antônio (1998). *Audiência e recepção: perspectiva, Comunicação e Sociedade*, 30, São Bernardo do Campo: UMESP, pp. 157-170.
- Simões, J. & Fernandes, N. (2007). *Manual de Jornalismo Televisivo – UTAD TV*. Trás-os-Montes e Alto Minho: Comunicamos.
- Sodré, Muniz; Ferrari, Maria Helena. (5<sup>o</sup>ed) (1986) *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus Editorial.
- Sodré, Muniz. (2009). *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Vozes.
- Sousa, Jorge Pedro (2003). *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Traquina, Nelson. (2<sup>a</sup> ed.) (2007). *O Que é - Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

Vizeu, Alfredo. (4ªed) (2005). Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: Edipucrs.

Weaver, Paul H. (1993). As notícias de jornal e as notícias de televisão. In: Traquina, Nelson (Orgs.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. (pp. 294-305). Lisboa: Vega, Ltda.

Wolf, Mauro. (2006). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

## WEBGRAFIA

Campos, Ricardo (2017, 18 de abril). 25 Anos Sic: Novo Hino, Nova Mascote E A Busca Da "Próxima Estrela" Do Canal. *Espalha Factos*. Acedido em: <https://espalhafactos.com/2017/04/18/25-anos-sic/>

Carregueiro, Nuno (2017, 23 de agosto). Impresa quer vender revistas. Visão pode fechar. *Jornal de Negócios*. Acedido em: <http://jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/impresa-estara-a-ponderar-fechar-a-revista-visao>

Cavaleiro, Diogo (2017, 6 de setembro). Impresa afunda e perde mais de 30% desde cancelamento da emissão de dívida. *Jornal de Negócios*. Acedido em: <http://jornaldenegocios.pt/mercados/bolsa/detalhe/impresa-afunda-e-perde-mais-de-30-desde-cancelamento-da-emissao-de-divida>

Cotrim, António (2017, 8 de março). SIC quer despedir 20 trabalhadores. *Observador*. Acedido em: <http://observador.pt/2017/03/08/sic-quer-despedir-vinte-trabalhadores/>

Site oficial da ERC, acedido em: <http://www.erc.pt/pt/>

Site oficial do Grupo Impresa, acedido em: <http://www.impresa.pt/>

Site oficial da SIC, acedido em: <http://www.sic.sapo.pt/>

Site oficial da SIC Notícias, acedido em: <http://www.sicnoticias.sapo.pt/>



## APÊNDICES

### Apêndice I – E-mails enviados para os jornalistas da SIC Lisboa

Caro/ X,

Sou estudante de mestrado de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho e realizei o meu estágio curricular na redação SIC Porto. Neste momento estou a elaborar o meu relatório de estágio, sendo que o meu tema incide sobre rubrica Reportagem Especial da SIC. Neste sentido, optei por analisar 18 Reportagens Especiais dentro do período em que estagiei, em que se insere a RE .... Realizada por si.

Venho então, por meio, solicitar a sua cooperação no meu trabalho, pelo que vou necessitar de lhe colocar algumas questões, presencialmente ou por videochamada, sobre esta reportagem. Na impossibilidade de estar em Lisboa com frequência, porque sou do Norte, resolvi passar a semana do 24 ao 28 de Julho na capital, para tentar as vossas respostas presencialmente, que se revela sempre mais apropriado.

Desde já agradeço a atenção e a sua disponibilidade para me ajudar nesta questão. Fico a aguardar uma resposta.

Continuação de bom trabalho,

Regina Antunes.

## Apêndice II – Entrevista Marta Brito dos Reis – Coordenadora Jornal da Noite

**RA:** Sabes por que razão surgiu a Reportagem Especial?

**MR:** A Reportagem Especial surgiu de uma necessidade que nós tínhamos de que nem tudo é tema de Grande Reportagem e nem sempre o jornal, em termos de duração, comporta uma Grande Reportagem, e nem tudo pode ser tratado numa peça normal de jornal, e portanto ela surgiu como uma rubrica de reportagem intermédia, dado que o tempo de visualização de televisão tem vindo a ser decrescente, porque as pessoas cada vez têm menos paciência para ver um segmento inteiro. Tem casos que são exceção, mas nós tentamos que a RE não ultrapasse os vinte e poucos minutos. Idealmente, ela deveria ter 15 minutos, mas os jornalistas quando vão para o terreno são sempre muito voluntariosos e acabam sempre por chegar com muitos discos com muitas entrevistas, e portanto é sempre uma luta do coordenador pedir menos tempo e o jornalista ter mais tempo de RE do que o que o jornal até comportaria. Mas a RE surgiu dessa necessidade, de um segmento de reportagem médio, que não fosse GR, nem uma peça normal de jornal. A temática é muitas vezes decidida por propostas dos próprios jornalistas ou por necessidades que a direção ou a coordenação sentem de aprofundar um determinado assunto. A RE é mais uma aproximação ao estilo de reportagem americano do que a GR, porque em lado nenhum do mundo tens reportagens de 40 minutos, porque isso não existe, muito menos num jornal de uma televisão generalista. Até porque numa televisão generalista já é uma anormalidade ter um jornal de uma hora e meia, daí que haja a necessidade desses conteúdos para de certa forma encherem o jornal e também acabam por ser uma mais-valia da marca SIC, mas em qualquer lugar do mundo, a RE seria um programa autónomo. A RE é inspirada num modelo anglo-saxónico, de tentar ter um tempo mais contido, que muitas vezes depois extravasa porque o repórter tem muito material e há muita dificuldade em cortar para ficar mais pequeno.

**RA:** Nunca pensaram em ter uma equipa responsável por produzir conteúdos para a Reportagem Especial, como acontece na GR?

**MR:** A RE nunca teve como objetivo ter uma equipa fixa. Qualquer jornalista da redação ou de qualquer editoria pode fazer uma RE, se nós acharmos que tem perfil para isso, se a temática que ele propõe é boa e se é possível tirá-lo da equipa na altura de ir fazer o serviço. O objetivo foi

sempre adequar as pessoas aos temas e não haver uma equipa com um perfil específico para afazer RE.

**RA:** Qual é a filosofia da RE?

**MR:** Tal como o nome indica, o objetivo é fazeres uma coisa que seja especial no sentido de diferente, quer na forma quer na duração. A abordagem pode ser diferente, mas não é algo diferente em termos de temática, sendo que o fundamental é que esteja sempre na linha da atualidade. Queremos que a RE seja um tema sempre atual. Por exemplo, a GR está mais desligada da atualidade, a RE está colada à atualidade, pelo menos é isso que nós queremos. Há menos tempo de resposta, ou seja não há tanto tempo para mediar a investigação, porque normalmente a RE não é uma reportagem de investigação, mas sim de atualidade.

**RA:** Como é que se caracteriza o formato da RE?

**MR:** A RE não tem uma linha de oráculos próprios, não tem uma linha de grafismo própria. A única coisa que ela tem própria é o genérico inicial, um genérico final e um grafismo de título, e as fichas de créditos finais, que também é da RE. E isso também serve quando ela passa autónoma na SIC Notícias, o que significa que ela fica pronta para ser também exibida na SIC Notícias, e por isso necessita de conter uma ficha técnica de assinaturas final, com a coordenação, o repórter de imagem, o jornalista, o grafismo... mas não tem uma linha de oráculos e frases própria. No caso da GR isso acontece, ela tem grafismo e oráculos próprios que são definidos entre o jornalista e o grafista. A RE utiliza os oráculos e as frases do jornal, precisamente porque ela está mais próxima da atualidade e não tem esse tempo todo para ser tratada de uma forma diferente. Há exceções, mas são muito poucas.

**RA:** Há temas que são mais valorizados para serem tratados nas RE?

**MR:** Depende sempre da atualidade. Por exemplo, no ano passado fizemos várias RE sobre desporto, porque houve muitos portugueses que se destacaram em modalidades que não eram o futebol. A editoria de desporto é que tratou disso. Tivemos três atletas, um que se destacou no motocross, outro no ténis... por aí. Também tivemos temas de RE de cultura, como a da Amazónia, que nós percebemos logo aqui na redação que depois poderia dar uma RE. Ou seja, as RE vêm das mais diversas áreas e as de sociedade não se sobrepõe, porque é o que estiver mais na atualidade. Se tivermos duas propostas e só pudermos tirar uma das pessoas das



equipas e só pudermos estar a fazer uma, vai aquela que tiver mais atual e que estiver mais quente, digamos assim. Vai aquela que nós achamos que lá em casa as pessoas vão ter mais apetência para ouvir e falar daquele tema de uma forma mais aprofundada do que numa mera peça de jornal.

**RA:** É uma preocupação perceber como são as audiências da rubrica? Há algum tipo de comparação de audiências de uma RE para outra RE?

**MR:** Há essa preocupação, obviamente! É uma preocupação muito importante e o que nós temos constatado é que a RE faz sempre acima da média do jornal. ou seja, se o jornal fizer 19, a RE faz em média, 2 ou 3 pontos acima. As mais-valias da SIC são as rubricas de média duração, as que são fixas do jornal, sendo que a RE é uma rubrica fixa do jornal, mas que não tem uma periodicidade como o Miguel Sousa Tavares que é sempre à Segunda, o futuro hoje que é sempre à Terça, o contas-poupança que é sempre à Quarta ou ainda e o SETE à Sexta. Portanto a RE é, normalmente, sempre à Quinta, porque no Verão, altura de Natal e festividades, as grelhas do jornal estão desformatadas, mas durante o ano é à Quinta, porque é um dia em que nós achamos que há apetência para serem tratados assuntos mais em profundidade e porque em termos de alinhamento do JN é um dia bom para a RE. A RE passa às quintas desde que eu estou a coordenar o jornal, ou seja, desde 2011. Antes não sei como acontecia. Quando há uma GR também vai à Quinta e por isso nessa semana não há RE. Nem sempre há RE à Quinta porque depende se há atualidade, se há jornalistas disponíveis, mas a audiência é sempre uma preocupação. O que nós constatamos é que o critério audiência é tido em conta quando tomamos uma decisão, porque pensamos se aquilo vai fazer bem em termos de audiência, não é determinante mas é um critério importante. O que depois os números nos mostram é que ela depois tem uma audiência superior à média do jornal.

### Apêndice III – Entrevista Luís Marçal – Coordenador Jornal da Noite fim-de-semana

**RA:** Qual é a filosofia da RE?

**LM:** A RE é uma reportagem diferente, mais trabalhada, que procura outros ângulos, com todos os intervenientes que são relevantes para tratar um determinado assunto. Isto sempre foi uma marca muito forte da SIC. É uma das coisas que a SIC faz, na minha opinião, melhor do que qualquer outro órgão de informação, nomeadamente na televisão em Portugal. Sobretudo através da GR, porque tudo começou na Grande Reportagem, e no fundo a RE só transporta para um formato um bocadinho mais reduzido, cerca de dois terços ou metade do que é uma GR, o princípio de filosofia de uma GR, que é uma das grandes marcas da informação da SIC.

**RA:** Como é que caracteriza a RE relativamente ao formato?

**LM:** Quando nós temos um produto que passa mais do que dez ou às vezes vinte minutos em antena, convém diferenciá-lo dos outros. Num jornal de uma hora e meia, e sendo que a RE demora cerca de 15/20 minutos, em que se está sempre a falar do mesmo assunto, e por isso convém que tenha ali marcas que à primeira vista sejam perceptíveis pelo público como estando no ar um programa que é diferente dos restantes. A RE é sempre uma mais-valia em qualquer jornal que entre, e portanto convém chamar a atenção para essa mais-valia, convém dar-lhe uma marca própria. O facto dos oráculos e das frases serem diferentes dos da GR, é porque cada produto tem a sua marca própria, e isto é algo que faz parte da história da SIC. Sempre que aqui se faz um produto, ele tem um grafismo próprio, uns oráculos próprios, umas frases próprias, para também para se diferenciar dos outros, para também ser mais uma forma de mostrarmos que a marca SIC é capaz de fazer produtos diferentes, mas todos com a mesma qualidade.

**RA:** Há algum motivo para haver uma discrepância tão grande na duração das RE?

**LM:** Não há um motivo. Não se pode, claramente, identificar o motivo. Há constrangimentos próprios de cada assunto, há assuntos que merecem uma RE mas provavelmente não dão mais do que 10/12 minutos, 15 no máximo, há assuntos que merecem RE porque dá mais do que esses 10/15 minutos. Nós quando escolhemos um assunto e quando vamos para o terreno não conseguimos definir, à partida, quanto tempo é que iremos conseguir fazer de RE sobre aquele assunto, depende... Se um assunto for melindroso, às vezes não há muita gente que aceite falar. Recordo-me de no ano passado termos feito um RE sobre aplicações de namoro, no caso o

Tinder, e foi difícil arranjar quem falasse. Portanto, quando assim é, obviamente que uma RE não pode ter 25 minutos, se calhar tem de ter só 10 ou 12. Não há nenhum motivo que se possa identificar como sendo a causa de umas serem maiores e outras serem menores.

**RA:** Como funciona a RE no que diz respeito à periodicidade. O objetivo continua a ser que passe às quintas?

**LM:** Não. Agora já não há propriamente um dia específico para passar. Não há mesmo. Ela começou por passar às quintas, depois começou também a passar aos domingos. Basicamente é uma decisão tomada em função das necessidades de antena.

**RA:** Recordas-te de alguma RE que tenho tido um destaque especial ou uma repercussão maior por parte do público?

**LM:** A que a Raquel Marinho fez sobre os professores deslocados teve impacto, obviamente. Nós recebemos muitos mails de professores a felicitar-nos, por lembrarmos às pessoas do drama que é ser o professor nos primeiros anos, a andar de terra em terra, com a casa às costas, de ano para ano. Também um RE que a Madalena Ferreira fez sobre a desertificação da Serra da Estrela, agitou um bocadinho as consciências das entidades daquelas zonas que eu soube que já tomaram algumas iniciativas para tentar reverter essa desertificação. Uma que a Catarina Marques, que está de licença de maternidade, fez sobre esta geração de crianças que é dominada pelos *tablets* e pelas ferramentas informáticas, como é que elas aprendem e que aspetos negativos é que isso pode trazer no desenvolvimento, também teve boa aceitação e recebemos feedback de associações de pais até e que, de facto, valia a pena alertar consciências para aquilo que esta geração está a viver em termos de aprendizagem. E assim de repente são três exemplos que me lembro que possam ter tido uma maior influência.

**RA:** É uma preocupação perceber como são as audiências da rubrica? Há algum tipo de comparação de audiências de uma RE para outra RE?

**LM:** As audiências preocupam-me, sejam das RE, sejam as dos jornais, sejam as de uma entrevista no estúdio. As audiências preocupam-me, claro! As audiências, para mim, são o farol do nosso trabalho. O interesse do público não pode ser o nosso primeiro critério, o interesse público tem de ser o nosso primeiro critério. Mas obviamente quando pensamos em temas e em assuntos, tentamos conciliar o interesse público com o interesse do público. Ou seja, tentamos

escolher um assunto que seja importante analisar, levar à antena e debater, mas também um assunto que possa fixar o nosso público e possa trazer novos públicos para aquilo que possam ser as novas RE que serão emitidas no futuro. Agora, não é o primeiro dos critérios quando se toma uma decisão sobre que RE fazer, ou fazer ou não uma RE. Mas obviamente que no dia seguinte a elas serem emitidas vejo com atenção como é que elas se comportaram, até para que no futuro termos em atenção que tipo de temas abordar. Eu tenho acesso a todas as audiências das RE, e vejo quanto é que uma RE faz e quanto é que faz outra RE, mas não as comparo, porque tem que ver com a altura em que passa, porque se passar num fim-de-semana de verão com temperaturas altas, de certeza absoluta que vai ter menos audiência do que se passar num fim-de-semana de inverno com muito frio e chuva... Há menos gente em casa.

#### Apêndice IV – Entrevista Pedro Coelho – Autor da primeira RE “Um dia na prisão”

**RA:** "Um dia na Prisão", foi a Primeira Reportagem Especial, emitida a 2 de maio de 2007. Porquê esta a primeira?? Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**PC:** Na altura eu fui encarregado pela direção de coordenar a RE. A SIC tinha reportagens médias, de vez em quando, mas não tinha uma etiqueta para lhe dar. Ou seja, às vezes apareciam coisas maiores nos jornais, mas o género RE não existia. Existia sim a GR e as quotidianas, não havia nada intermédio. Na altura, o Alcides Vieira, que era diretor de informação, pediu-me para lançar esse produto, a RE. Fiquei a coordenar esse produto durante um ano e tal, em que eu era responsável por fazer uma RE de 15 em 15 dias. Depois entretanto pedi a uma pessoa para vir trabalhar comigo para fazermos uma por semana, sendo que eu fazia duas RE por mês, e a outra pessoa outras duas. Eramos só duas pessoas no arranque, o que resultava num esforço muito complexo. Tínhamos um produtor a trabalhar connosco, que nos ajudava bastante. Portanto, estávamos sempre a preparar coisas por antecipação. Eu quis começar com esta RE por uma razão muito simples: nós andávamos a fazer trabalhos em prisões, na sequência de uns trabalhos que eu tinha começado a fazer em 2005/2006 em cadeias. E este caso foi o último que fiz dessa série de cadeias. Achei que este era um bom arranque, por ser uma história relacionada com jovens altamente problemáticos, que tinham uma forma de vida rebelde e na altura, quando entraram na cadeia, perceberam que aquilo não era o mundo ideal como eles imaginavam, sendo que alguns deles tinham irmãos presos. Quando os miúdos chegam a cadeia percebem que aquilo afinal não era propriamente o melhor dos mundos, como lhes vendiam. E eu achei que era uma grande história para começar uma nova marca ou uma nova etiqueta da SIC. A partir daí surgiram temas diversos, também já tinha muitos em carteira, porque felizmente tenho sempre muitas histórias. Agarramo-nos muito à atualidade também, porque esta RE nasce por ser um produto ligado à atualidade, mas com um propósito de detalhar algumas marcas da atualidade daquilo que nós temos no dia a dia mas não podemos desenvolver porque os jornais não permitem. Nós éramos dois repórteres que ficávamos nos bastidores a observar a realidade e a tentar detalha-la naquilo que nós entendêssemos que deveria ser detalhado, eu e a Fernanda de Oliveira Ribeiro. Fizemos a RE, os dois, durante um ano. Depois fui chamado para outras funções aqui dentro e acabei a minha colaboração com a RE, mas a marca nunca mais acabou.

**RA:** Recordar-se da repercussão que essa RE teve na altura?

**PC:** Geralmente qualquer coisa que a SIC faça, que seja mais desenvolvida, tem sempre uma repercussão. Ainda hoje a RE que nós fazemos tem sempre, desde logo, mais audiências do que as restantes reportagens de jornal, e acho que a RE já se impôs como uma marca muito importante da SIC. Ainda esta semana houve duas, uma na segunda e outra na terça, e ambas tiveram ótimas audiências comparativamente à média do jornal, sinal que as pessoas estão interessadas na marca. A repercussão que essa teve em concreto, apesar de já não me lembrar bem, sei que teve muito boas audiências, o que prova que foi uma boa forma de lançar a RE, correu muito bem. Aquilo era uma RE já muito próxima da GR, porque tinha quase 30 minutos, tendo até sido dividida em duas partes, antes de entrarem na cadeia e outra com eles já na cadeia. Mas todas as histórias seguintes eram de 15 minutos apenas, não havia tempo de fazer mais.

**RA:** Quais as principais diferenças da RE e da GR, uma vez que lançaste a primeira e fazes agora parte da segunda?

**PC:** As diferenças são imensas. Há uma grande tendência para nós, muitas vezes, fazermos uma reportagem grande, e chamamos-lhe grande reportagem, mas não tem nada a ver. Uma reportagem grande é alguma coisa que nós esticamos para chegar a um tempo que nós queremos que chegue. Uma GR é um objeto estético completamente diferente, do ponto de vista visual, do ponto de vista do tratamento, é já uma história bastante elaborada com mais investigação associada, sendo que temos de pensar numa moldura visual muito diferente daquela que utilizamos no dia-a-dia e mesmo na RE. Eu agora fiz uma RE em 17 dias úteis com tudo, produção, estar no terreno e edição. Ora, eu para fazer uma GR preciso no mínimo de três meses, para fazer uma coisa em condições, porque há um grau de detalhe e de apuramento, quer estético, quer do tratamento jornalístico, que é muito superior ao da RE. A RE está muito agarrada, na maior parte das vezes, à atualidade, é uma notícia desenvolvida, mas em formato de reportagem. A GR é uma história, muitas vezes criada de raiz, é uma daquelas histórias que ninguém sabe que vai ocorrer e nós desenvolvemo-la até ao detalhe, até ao máximo onde podemos ir, desde que ela não perca o interesse jornalístico, e desde que ela consiga ter um público. Nós não trabalhamos para nós próprios, trabalhamos sempre com intenção de gerar audiência, indiscutivelmente. Agora, sabemos que para fazermos isto numa GR, a forma como nós tratamos o tema é completamente diferente. A GR é a prova provada de que alguma coisa

acontece, eu tenho que ir ao limite da prova, para demonstrar que aquilo é verdade, e às vezes vou ter de ter 50 coisas para me mostrar que aquilo é verdade, porque se é um assunto sensível e frágil, e se as entidades dizem que as coisas não existem, eu vou ter que provar que existem, não com um caso, mas com 50. Portanto, a abordagem é completamente diferente, porque o grau de detalhe e envolvimento do jornalista é muito maior e a prova, que é o elemento soberano do jornalismo é detalhado até ao limite, porque não podem restar dúvidas na cabeça de ninguém que aquilo é verdade. Na RE, às vezes, conseguimos compor a história com muito menos detalhe, na GR o detalhe é obrigatório.

## Apêndice V – Entrevista Catarina Lázaro – “Tinta Permanente”

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista ou das chefias?

**CL:** A iniciativa foi minha. A reportagem partiu de uma notícia, numa conversa informal com um dermatologista e ele diz-me que há alguns riscos associados às tintas usadas em tatuagens e que era importante que o país avançasse com aquilo que é o consentimento informado, portanto as pessoas não são proibidas mas serem informadas sobre os riscos associados a estar a colocar uma tinta na corrente sanguínea.

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**CL:** A partir desta conversa informal eu sugeri uma pequena reportagem à Catarina (subchefe da redação SIC Porto), mas entretanto, e perante a dificuldade de encontrar novos temas para a RE, e em conversa com o Luís Marçal, ela lembrou-se de sugerir essa minha ideia e transformar aquilo que seria uma notícia normal do jornal em uma Reportagem Especial. Isso obrigou-me a repensar tudo. O que eu fiz foi algum trabalho de pesquisa, tentar ver que notícias é que existiam sobre tatuagens, se havia legislação europeia sobre o assunto, mas não me focar apenas nesse lado que podia ser um bocadinho aborrecido para quem estava lá em casa e que também podia ser muito redutor, mas tentar olhar para os aspetos mais abrangentes desta que é uma realidade inegável. Ainda agora estive na praia e no Verão é que tu percebes, de facto, que é brutal a quantidade de pessoas que têm tatuagens. E foi em função disso que eu comecei a ver onde é que as pessoas faziam, que serviços é que existiam, se isto era uma coisa muito privada ouse já existiam lojas abertas, depois tentei também passar uma imagem das tatuagens ligadas aos militares que tinham estado no ultramar, e foi difícil, porque existem muitos grupos organizados de militares que lá estiveram e noutra guerras, que têm tatuagens feitas com tinta-da-china, que era o método tradicional, mas depois é difícil lembrarem-se de quem tem e quem não tem, de quem conhecem ou não, de quem pode ajudar. Portanto esse trabalho foi um bocadinho de passa a palavra e de contactar várias associações, porque nossa ideia era encontrarmos um grupo de pessoas para fazermos uma imagem que fosse igual em todos, ou seja, que tivesse o mesmo fundo, ter a mesma dinâmica, para depois criar ali um clip, que foi isso que depois acabou por acontecer. Num contacto com uma das associações, percebemos que eles se reúnem uma vez por mês aqui num restaurante, e improvisamos ali um cenário para os poder filmar com as tatuagens, na maioria no braço, e ter também o testemunho deles



porque são pessoas que tinham motivações muito diferentes daquelas que hoje são evocadas por quem tem tatuagens. Quisemos também ter famosos, alguém que fosse reconhecido por ter optado por ter o corpo assim “exageradamente” tatuado e tentamos várias pessoas, a Sónia Tavares dos *The Gift*, o Agir, mas nenhum deles estava disponível. Acabamos por falar com a Diana, que foi uma agradável surpresa, porque ela na entrevista até diz que isto se banalizou completamente e no mundo da moda já começam a procurar muitas pessoas com tatuagens, que para mim foi uma novidade, e tivemos também o Mundo Segundo, que é alguém ligado à música, que também procura cultivar esta cultura das tatuagens. Nós tentamos perceber diferentes realidades, por exemplo, nas prisões tentamos mostrar que esta é uma preocupação que há muitos reclusos que fazem tatuagens sem qualquer higiene, com doenças... Há um tipo que tem jeito e vão fazendo uns aos outros, e tínhamos um projeto inovador, no sentido em que procurava sensibilizar os presos para a importância de não partilhar as agulhas, para terem cuidado com o tipo de tintas, aconselhando mesmo a que não fizem tatuagens na prisão. Há muita gente que faz, como forma de marcar o momento na sua vida, e este projeto procurava desmistificar um bocadinho essa realidade. Isto para te dizer que não olhamos para a tatuagem só como aquela coisa de que isto é uma moda e anda toda a gente a fazer, mas tentar mostrar perspetivas diferentes.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**CL:** Eu não sou a melhor pessoa para fazeres essa pergunta, porque eu só fiz esta RE. Mas é assim, em Portugal este tema é muito pouco discutido e nós temos sempre os médicos que dizem mal e aconselham a não fazerem tatuagens porque é perigoso e depois temos outros que são completamente fãs e não estão muito preocupados com essas questões de saúde e que acham que a legislação que hoje em dia já existe na União Europeia permite acautelar essas situações. Neste caso nós não tínhamos propriamente uma notícia, e tivemos a dificuldade acrescida de avançarmos para a reportagem em pleno inverno, que se torna muito complicado, porque tu queres fazer imagens informalmente na rua para mostrares que de facto isto é uma tendência, e no inverno as pessoas andam sempre todas com roupa, o que é muito mais difícil. Se tivesse sido agora no verão teríamos grande facilidade.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial?

**CL:** Honestamente nunca fui ver audiências. E acho que essa não pode ser a preocupação. Como jornalista, não é isso que me preocupa. Eu dou o meu melhor em todos os meus trabalhos, mas genuinamente. Eu tento fazer sempre o máximo, e nem me preocupo com o calendário, se vai ser num dia ou no outro, eu quero é que a reportagem vá para o ar, que tenha um palco, que tenha visibilidade. Agora, é evidente que fico magoada quando vejo que uma reportagem que nos deu tanto trabalho e onde nós depositamos tanto carinho, tanto amor, e tantas horas, ficar remetida para um horário que ninguém vai ver. Quando me disseram que ia passar no dia em que jogava a seleção, eu percebi claramente que ninguém ia ver a reportagem, apesar de ser um tema, e tenho a certeza disso, em que as pessoas se revêm e que provavelmente, se ela passasse noutra horário teriam visto... a realidade é que isto é uma luta de “Davi conta Golias”. Não tens a mínima hipótese de lutar contra um jogo da seleção nacional, ainda para mais em sinal aberto, numa altura em que Portugal tinha sido campeão. Mas não é isso que me motiva, nem é isso que procuro. Tenho a certeza que se a reportagem passasse noutra horário teria uma audiência do caracas.

## Apêndice VI – Entrevista Amélia Moura Ramos – “Quebrar Silêncios”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**AMR:** Primeiro é um assunto delicado, é um assunto que nós vemos todos os dias a ser tratado nas notícias, nomeadamente na imprensa, que dá mais destaque a estes crimes e a este tipo de informação, de abusos sexuais de menores e que é difícil, em televisão, nós tratarmos isto todos os dias, porque a informação a seco é sempre a mesma. «Adulto abusa de menor» E portanto, transformar isto numa notícia diária é a mesma coisa que fazer uma notícia «Incendiário detido pela PJ», sendo que no Verão todos os dias temos um incendiário detido. O melhor é dar a informação geral, compilar a informação. Bom, se nós não tratamos isto no dia-a-dia, precisamente porque é uma notícia muito seca e porque entrar nos pormenores pode ferir não só a privacidade da criança, porque a natureza do crime é complicada de ser exposta publicamente, porque um abuso sexual é um abuso sexual, mas depois há muitas nuances dentro do abuso que estar a explicar em televisão é complicado. O que é que é melhor? É um assunto sério, que durante os últimos anos se tem revelado persistente nas notícias, ou seja, se nós aqui há 10 ou 20 anos atrás raramente ouvíamos falar neste tipo de situação, hoje em dia é diário. Todos os dias há uma detenção por suspeita de abuso, praticamente, não é todos os dias mas não falhará muito. O que é que acontece? É mais fácil tratar o assunto de uma forma séria, numa reportagem mais alargada, em que nós podemos explorar melhor o caso de A B ou C, mas partindo do particular, que a gente parte sempre do particular, generalizar e ir à procura de respostas mais amplas. Normalmente são escolhidos os temas que não se esgotam numa reportagem de um minuto e meio ou dois minutos de jornal. Por exemplo: aconteceu esta tragédia em Pedrógão, é uma notícia do dia, é atual e tem de ser acompanhada ao minuto, mas isso não impede que a fresco, ou até daqui a um ano, ou sempre que se justificar, se faça uma Reportagem Especial. Na altura foi feita uma a mostrar o filme dos acontecimentos, dar a visão geral do que é que aconteceu naquele dia, mas provavelmente vai acontecer outra, de certeza que vai, que será Reportagem Especial ou Grande Reportagem sobre o que aconteceu, respostas dadas ou o que falhou, como é que as pessoas e os casos estão... um ano, dois anos, três, dez anos depois. Tudo que é útil ao telespetador, que é do interesse público, muitas vezes até coisas mais ligeiras, mais curiosas. Ou seja, não é só assuntos sérios. Pode abarcar até RE internacionais, de desporto, sociedade, justiça, política, economia.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista ou das chefias?

**AMR:** Por acaso não partiu de mim. Partiu de uma reunião que nós tivemos de editoria em que me foi distúrbio esse trabalho. Na editoria de sociedade temos todos uma qualidade de trabalho muito equivalente, muito nivelada, e acho que a escolha de ser eu afazer esta reportagem foi ao acaso.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**AMR:** Claro que tenho. Aqui o valor-notícia é: por que razão é que nós temos mais abusos relatados do que tínhamos há 10/20 anos atrás. Vamos lá perceber porquê.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores?

**AMR:** Eu sei sempre quais são as audiências das minhas reportagens. É uma questão que me preocupa, porque eu acho sempre que as pessoas veem aquilo que se lhes dá, mas se nós tentarmos fazer um assunto sério de uma forma que as pessoas consigam perceber e digerir, elas veem-na mesmo.

## Apêndice VII – Entrevista Luís Garriapa – “Vistos Dourados mas Atrasados”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**LG:** Deu uma Reportagem Especial porque já tínhamos feito pequenas peças sobre este tema, que era os atrasos na atribuição dos vistos gold e entendeu-se que, havendo já uma série de casos que nós podíamos seguir, era possível. E tendo em conta o volume de negócio que está aqui em causa, que são quantias astronómicas, fazia sentido nós fazermos uma Reportagem Especial. Aquilo é uma reportagem alongada, digamos assim.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista ou das chefias?

**LG:** Isto foi por uma sugestão de um diretor da informação. Eu costumo fazer reportagens ligadas à justiça, e não sendo diretamente um caso de justiça, mas como envolvia também advogados e tinha esse aspeto jurídico da questão, entenderam que eu podia fazer.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**LG:** Eu acho que pensas sempre qual é o valor-notícia. Claro que quando partes para uma reportagem tens sempre de pensar se isto é uma coisa que interessa apenas a um nicho de pessoas ou se interessa a uma audiência mais vasta. Mas isso não quer dizer que não faças reportagens que não são para um público muito grande, reportagens específicas para um determinado público-alvo, mas claro que o que interessa é fazer uma reportagem que interesse ao maior número de pessoas.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores?

**LG:** Se nós fazemos um produto, queremos que as pessoas o vejam, não é? E ficamos interessados em saber se teve recetividade ou não. Logicamente que quando tu fazes um trabalho, gostas que esse trabalho seja bem recebido.

## Apêndice VIII – Entrevista Alberto Fragoso – “O Meu Lugar Não É Aqui”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**AF:** É à medida que vou trabalhando os temas que percebo se tenho matéria para uma reportagem simples, curta, ou para uma reportagem mais alargada. Foi o caso. Por um lado, o tema revelou-se muito complexo para ser tratado numa reportagem de 2 minutos; por outro, encontrei casos muito interessantes e que mereciam ser tratados com mais destaque.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**AF:** Foi uma proposta minha. Pareceu-me na altura um tema pertinente e um assunto pouco conhecido do público em geral, logo, um assunto pouco debatido. O facto de haver lacunas na lei que rege o ensino especial – normalmente entendido como o ensino para alunos que têm limitações, deixando de fora aqueles que precisam de atenções especiais por terem capacidades acima da média – deu força ao tema. Percebi que teria matéria para uma reportagem mais alargada à medida que avancei nas investigações. Descobri uma associação que tenta ajudar crianças sobredotadas, conheci investigadores que se dedicam exclusivamente a este assunto, tive contacto com casos dramáticos de crianças e famílias, que não quiseram sequer aparecer na reportagem, e investiguei a legislação que mostrou, para além das lacunas que já referi, o exemplo da Região Autónoma da Madeira, que tem uma legislação específica para estes casos, ao contrário do que acontece no território Continental. Portanto, material interminável que só poderia ser tratado devidamente numa reportagem mais alargada.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial?

**AF:** Na minha opinião, o valor-notícia está de tal forma enraizado em cada jornalista que surge naturalmente em cada processo de tomada de decisões. Neste caso, não tive que pensar especificamente em nenhum critério, porque o tema pareceu-me preencher desde logo um conjunto vasto de requisitos para se tornar uma reportagem com interesse para o público: era um tema relativamente novo e pouco tratado nos anos recentes; tinha o ângulo específico da legislação, pouco ou nada abordado; era próximo de quase todas as pessoas com filhos em idade escolar, porque trata da educação das crianças; etc.

**RA:** Consegue atribuir um valor-notícia a esta Reportagem Especial?

**AF:** Os valores-notícia são tão variados e dependem tanto do olhar de cada autor, que teríamos aqui uma longa análise para fazer. Mas, de uma forma geral, penso que esta reportagem consegue abranger os seguintes fatores: novidade/raridade, proximidade/impacto/interesse/drama pessoal, interesse nacional (por causa da legislação), atualidade (porque as alterações à Lei estavam a ser discutidas no governo), identificação social.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores ou de temas semelhantes? Considera mais importante perceber as audiências para o seu trabalho ou numa lógica de mercado?

**AF:** Não. Como jornalista nunca vejo ou comparo as audiências dos meus trabalhos. Considerei o trabalho pertinente e importante, independentemente das audiências que poderia atingir, embora considere que esse seja o “termómetro” inegável do impacto que o nosso trabalho consegue ter. Penso que a análise das audiências cabe mais à direção de informação e à administração.

## Apêndice IX – Entrevista Graça Costa Pereira – “ Amazónia: Plantar o Futuro” e “A Língua do Bacalhau”

**RA:** Quando foste para a Amazónia, o objetivo era reportares um assunto de cultura, certo?

**GCP:** Nós fomos para a Amazónia por causa da apresentação do projeto Amazónia Live, que é o projeto do Rock in Rio. O Rock in Rio criou desde sempre o “projeto social”, o que significa que criam fundos para apoiar alguma entidade ou alguma causa. Desde que eles estão cá em Lisboa, desde 2004, têm vindo a apoiar várias causas, tipo: casas de apoio a crianças com deficiências motoras, apoios a pessoas com cegueira... Ou seja, têm uma data de projetos, mais vocacionados para estas áreas sociais, mas também ligados à saúde e ligados, mais concretamente à cidade onde eles estão ligados. No ano passado eles decidiram fazer uma coisa mais ampla e pensar num projeto mais alargado, que se trata de plantar 1 milhão de árvores até 2019, no sentido de ajudar a reflorestar a Amazónia. Nós fomos lá à Amazónia, em Manaus, em Agosto do ano passado, durante a apresentação do projeto em si, onde foi montado um palco propositadamente, sobre o amazonas.

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**GCP:** Isto foi feito em várias vertentes. Ou seja, nós fomos lá com o objetivo de fazer reportagem durante o concerto, com o Plácido Domingo, Ivete Sangalo, entre outros, durante a apresentação do projeto. Fizemos, durante esses dias, reportagens diárias, montagem, sobre o concerto em si. O que é que aconteceu? Para eles nos explicarem o processo em si, como o projeto estava a funcionar, eles conseguiram levar-nos a vários sítios que faziam parte do projeto. E quando eu percebi que o material a que eu tinha acesso era tão bom e que não podia ser desperdiçado numa peça de dois minutos, eu achei que fazia sentido era pensar numa coisa mais alargada. Trabalhamos, em termos de terreno, a pensar nisso, o que foi muito complicado, porque a viagem teve no total 5 dias, andamos em 9 aviões, andamos em 10 ou 12 barcos... Ou seja, nós andávamos em trânsito a maior parte do tempo, o que significa que o tempo que tínhamos parados para filmar era muito pouco, sendo que fomos a uma aldeia de índios, que é sempre uma oportunidade única, porque não é uma aldeia visitável normalmente por turistas. É uma aldeia onde eles fazem algum acompanhamento e têm ali um acesso privilegiado apenas porque acompanham e ajudam os habitantes da aldeia. Fomos a duas fazendas, um bocado para explicar como funcionava agora quem estava nisto da reflorestação o que fazia, como funcionava



a questão da semente. Nos fomos então a alguns sítios para perceber o que era necessário acontecer para depois fossem plantadas árvores. Foi perceber a origem do problema, como as aldeias indígenas, onde não conseguem ter acesso à caça e ao peixe, da mesma maneira que tinham antes, porque à medida que há desflorestação eles vão tendo que se aproximar cada vez mais das árvores, o que significa que vão saindo das suas áreas primordiais e têm de ir mais longe para procurar comida. Para quem vive essencialmente do que a natureza lhe dá é mais complicado. Portanto, fomos perceber o problema, fora depois o problema do impacto ambiental. Fomos perceber o problema junto das populações que são as afetadas diretamente, e onde é mais fácil ver a forma como são afetadas. E depois fomos ver que caminho é que há para a solução, que é a questão das sementes, como a forma de preparar as sementes, as pessoas que depois vão fazer a plantação, o fazendeiro que antigamente até não se importava nada de mandar árvores a baixo para plantar soja ou algodão e depois percebeu que afinal havia um sentido e uma espécie de objetivo global em que ele também podia participar. Então, eu tenho acesso a tudo isto e quando eu, em termos de imagem, percebo que tenho coisas que nunca foram mostradas eu decido fazer uma coisa maior.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista ou das chefias?

**GCP:** A iniciativa é minha, eu tenho alguma mobilidade em termos de trabalho aqui e posso propor coisas, tenho algum à vontade e sei o que é que posso contar. Quando venho da Amazónia já tinha essa ideia. Aliás, eu acho até que quando vou á tinha a ideia que depois podia dar alguma coisa um bocadinho mais alargada, mas quando chego e vejo aquilo que eu consigo pôr na reportagem, é ótimo. Portanto, não podia deixar aquilo ir para o lixo. Ela depois só vai para o ar em Dezembro porque como sou editora de cultura, tive depois de ir para festivais de verão e assim, e os meus timings não eram compatíveis para agarrar naquilo naquele momento e também porque depois aproveitei aquilo a que nós chamamos uma espécie de “gatilho”, porque já tínhamos mostrado as imagens do concerto na altura e depois pensamos quando é que eles iam começar a plantar as árvores e naquele momento eles começaram a montar aquelas árvores, então o nosso ponto de partida foi “Já começou a reflorestação através do projeto Amazónia Live e é assim que se chega a isto”.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**CP:** Nós estamos aqui a falar de uma coisa que não é *hardnews*, não estamos a falar de uma RE sobre a Caixa Geral de Depósitos, estamos a falar de uma coisa que vive muito mais da história como ela se conta, do que da história em si. E portanto, quando eu estou no terreno, o meu olhar até é mais televisivos, porque quem trabalha em televisão tem de ganhar um olhar diferente no terreno enquanto jornalistas, isso é normal e natural. Por isso eu não te consigo responder bem a essa pergunta porque eu não entendo o que significa o valor-notícia, ou seja, para mim uma notícia é uma notícia, ponto. E eu não vejo que nós consigamos, aqui, tratar alguma coisa que não seja de uma forma jornalística e tenho uma teoria em que conta mais a forma como nós tratamos um tema do que o tema em si. Mas, neste caso e no caso da outra reportagem, são casos em que fazem com que as pessoas, eventualmente, aprendam e se interessem sobre uma área e sejam chamadas, no fundo, como no caso da Amazônia a pensar: 'Bolas, 1 Milhão de árvores e mesmo assim, apesar deste número, é insuficiente e é preciso muito mais?'. Portanto, não estamos aqui para levar bandeiras nem tentar educar as pessoas, não é esse o nosso papel, mas mostramos-lhes os factos e pelo meio dos factos mostramos coisas que até podem ser mais curiosas para elas verem e para captarem melhor a essência do facto. Mas não nos cabe a nós estar a definir o que é que a pessoa vai concluir dali. De resto, eu imagino que essa coisa dos valor-notícia seja uma coisa mais académica do que prática, se queres que te diga.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores?

**GCP:** Sim, tudo!! É uma coisa que nós não podemos achar que é indiferente. Podemos, às vezes, perceber por que é que não conseguimos bons resultados e entender que um mau resultado. Podemos tentar encontrar uma justificação, que até pode ter sido um erro nosso, porque não pegamos na coisa da maneira mais apelativa. A avaliação das audiências é quase insana, pela forma como isto tudo acontece, porque nós debatemo-nos muitas vezes com aquilo que nós queremos que as pessoas vejam, com aquilo que as pessoas querem ver e com aquilo que nós lhes queremos dar. E é muito difícil entrar neste debate de 'Vamos fazer isto porque vamos ter mais audiências?' mas depois 'Será que isto que estamos a fazer é aquilo que nós queremos que seja feito?' e ainda, 'Será que é aquilo que nós queremos que seja o nosso jornalismo?'. Neste caso, o meu cuidado a pensar nas audiências não foi tanto à priori. Aquilo que eu tentei foi pensar que uma grande reportagem não é a mesma coisa que uma reportagem

grande, é completamente diferente, e uma RE não pode ser Especial só porque tem lá um genérico a dizer Reportagem Especial e depois acaba com uma ficha técnica. Tem, de facto, de ser uma história contada de uma forma mais habilidosa e mais minuciosa, e tem mesmo de ser uma história, não pode ser uma reportagem de dois minutos. Obviamente depois quando estamos a ver as audiências, e nós vemos as audiências de minuto a minuto, eu percebo que uma Reportagem de 15 minutos pode começar com X de Share e depois desce, depois sobe e depois termina a subir, ou então está sempre a subir, ou então desce e mantém, depende de tanta coisa, como aquilo que os outros canais começaram a dar à mesma hora, como depende se começamos a RE a seguir a um break ou veio na sequência de umas outras reportagens, depende obviamente do conteúdo da reportagem, depende da altura do ano em que a colocamos no ar. Por exemplo, importa por uma reportagem de hard news no verão? A maior parte das vezes não, porque as pessoas estão nem aí, querem ver uma coisa mais leve, alegadamente. Portanto, nós não podemos ser indiferentes às audiências e, na minha opinião, quem acha que pode ser indiferente às audiências, de todo, ou não tem noção do tempo que estamos a viver, ou então não está a dizer a verdade.

**RA:** Relativamente à “Língua do Bacalhau”, porque é que este tema deu origem a uma RE?

**GCP:** Mais uma vez, foi pelo acesso que eu tive à coisas. Eu já fui à Noruega fazer reportagem umas oito ou nove vezes, e começou há uns anos com um livro que foi apresentado sobre receitas de bacalhau, com o Vítor Sobral, e é por isso que eu entro na coisa. Era um livro de receitas e fomos, na altura, a uma cidadezinha as 72° Norte na Noruega onde de repente raparei que havia uma percentagem enorme de portugueses lá a viver, sendo que tinha mil habitante e cerca de 20 eram portugueses, que na altura deu para fazer uma Grande Reportagem. Depois disso, eu continuei a ir fazendo coisas sobre o bacalhau, na Noruega, sobre o salmão e sobre a maneira como nos cruzamos com a Noruega por causa de uma coisa que nós comemos mais que eles, mas que vem de lá. E aqui, eu já tinha feito uma reportagem de dois minutos com este português, porque percebi que ele fazia um trabalho super interessante em termos de fotografia, porque eu tenho esta coisa de não conseguir não aproveitar o que tenho, e portanto quando vou para o terreno, para sítios onde vamos dificilmente, vamos poucas vezes, ou que só temas aquela oportunidade eu recolho material e tento encontrar uma forma de poder aproveitá-lo. Nós tínhamos a oportunidade de voltar a onde esse português vivia e eu pensei que podia haver ali uma ligação e tentarmos, e aí tínhamos sido convidados para ir lá no

arranque de Dezembro, usar a reportagem e contextualizar para o Natal. Aí, eu fui a pensar já desde cá, que fazia sentido construir uma coisa que depois fosse boa de ver, na semana do Natal e que tinha a ver com o bacalhau. Como é que eu ia misturar isto tudo? Eu ia basicamente juntar os dois portugueses, de maneira a que eles se cruzassem e de facto foi natural, porque eles não se conheciam, mas também par um dar a conhecer ao outro a sua realidade. Era tentar juntar a história de um português que de uma certa forma tem ligação ao mar por causa do trabalho que faz da fotografia, e o outro que tem a ligação ao mar apenas porque usa o produto do mar para cozinhar. E a coisa da ‘Língua do Bacalhau’ foi porque não tem só a ver com o aproveitamento desse pedaço do bacalhau que é a língua, mas sim porque, vamos lá ver que língua é que afinal o bacalhau fala... é uma língua universal, e no caso do português é completamente a nossa língua.

**RA:** Não imaginava que ia ter tantas RE sobre cultura. Há algum motivo para isso?

**GCP:** Isto é uma área que tem pano para mangas e com coisas apelativas para jornais que têm uma hora e meia, e é importante ter rubricas que deem um bocadinho mais força ao jornal. Mas a nossa área tem tendência para nós conseguirmos alguns conteúdos.

**RA:** E sobre a “Valquíria Ran”?

**GCP:** Nós fomos convidados para ir à inauguração na Dinamarca, e perante essa hipótese, eu pensei em dar alguma força a isto e em vez de irmos lá gastar dinheiro com uma equipa fora e fazer uma peça de três minutos sobre a inauguração de uma exposição, porque não perceber o trabalho que também é feito aqui no atelier dela e juntar tudo numa coisa com cor, alegre, com uma pessoa que tem sucesso dentro e fora de Portugal, com um histórico incrível no mundo das artes, e passar na altura do Natal... Pensamos nisto de maneira a construir a história e a aproveitar tudo o que tínhamos e o trabalho feito na Dinamarca numa peça de três minutos. Temos muito a tendência de não desperdiçar, tentar aproveitar as coisas boas que o terreno nos dá para transformar numa história melhor, em vez de as colocar no arquivo duas horas de imagem. Quantas pessoas tiveram a oportunidade de ir à exposição da Joana Vasconcelos em Portugal? Provavelmente pouquíssimas ou nenhuma. Então, esta foi a maneira de nós mostrarmos como aquela peça estava a ser feita, previamente, no atelier e depois a exposição.

## Apêndice X – Entrevista Catarina Neves -“O Saramago”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**CN:** Foi inicialmente pensado fazer-se um Perdidos e Achados. Depois, por uma série de razões, a começar no facto de José Saramago já não estar vivo, decidimos que entraria no espaço da RE. Deste modo, abriu espaço, por exemplo, para outras entrevistas que, no âmbito de um P&A, não fariam sentido. O P&A tenta ter um antes e um depois também em termos de imagem. 18 anos da morte do Nobel da Literatura podia ter dado origem a uma peça de dois ou três minutos. A decisão de a fazer maior é das chefias. Deste modo, podemos ter um "produto" com maior duração, podemos pensar em construí-lo de forma mais detalhada, com mais entrevistas, mais respirações, etc. Eu, como repórter, tenho interesse nestas temáticas e estive, desde o início, de acordo com o tema.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**CN:** Foi sugestão da coordenação do fim-de-semana.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial?

**CN:** Encontrar, todos os dias, em cada tema, que proponho ou que me é proposto, o valor-notícia é, para mim, uma tarefa tão obrigatória, importante e natural como deverá ser para um crente honesto a ida à missa ao domingo de manhã. José Saramago tem valor-notícia. O facto de se celebrar o aniversário da morte do Nobel da Literatura português tem valor-notícia. O pensamento e obra de Saramago analisados hoje tem valor-notícia. O papel do jornalista também é o de resgatar a memória, lançando bases para novas e diferentes interpretações do presente que cada um poderá e, na minha opinião, deverá fazer. Em nome do futuro.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores ou de temas semelhantes? Considera mais importante perceber as audiências para o seu trabalho ou numa lógica de mercado?

**CN:** A existência de audiências e a importância que lhes é dada no contexto jornalístico quase só obedece a uma lógica de mercado. O jornalista e a Direção de Informação de um órgão de

comunicação podem usá-las para tentar desenhar o perfil de quem procura os conteúdos por eles trabalhados, mas está sempre subjacente a ideia de uma ditadura de números e cifrões que considero ir além do que devia motivar, na base, o jornalismo. Nem tudo o que o jornalismo cria é grandemente entendido pelos públicos no momento em que é publicado. E, no entanto, ainda bem que foi feito numa determinada altura. As audiências estão longe de espelhar a diversidade de públicos e a, cada vez maior, multiplicidade de formas de chegar aos conteúdos, mas são o que temos e o que as chefias consideram, algumas vezes, para efeitos de escolha de temas. Por isso, sim, tento sempre saber as audiências que cada uma das reportagens maiores que faço conseguem ter ao longo dos minutos em que estão no ar. Ajuda-me a entender lógicas com as quais tenho de lidar mesmo nem sempre concordando com as mesmas.

## Apêndice XI – Entrevista Carla Castelo -“A Gigafábrica”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**CC:** Porque me pareceu uma história interessante, com relevância e eventual significado futuro a nível nacional.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**CC:** Foi iniciativa minha. Mas creio que as chefias também tinham pensado abordar o tema.

**RA:** Se a escolha partiu do jornalista, por que razão escolheu aquele tema? Pensou, na altura, que esse tema daria uma Reportagem Especial ou que poderia ser só uma reportagem do jornal?

**CC:** Inicialmente pensei numa reportagem mais curta. Depois pareceu-me ter material suficientemente interessante para fazer uma RE, ou seja, para contar uma história com mais tempo. Mas foi um trabalho feito em muito pouco tempo no terreno, por isso não o encaro como Reportagem Especial mas sim como uma reportagem mais longa.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial?

**CC:** Como jornalista penso sempre em contar histórias que considere terem valor-notícia.

**RA:** Consegue atribuir um valor-notícia a esta Reportagem Especial?

**CC:** Sim. Tem atualidade, pode ter impacto futuro sobre a economia do país, milhares de cidadãos portugueses juntaram-se num grupo de pressão com um objetivo comum, e envolve uma empresa (a Tesla) e um empresário de renome mundial (Elon Musk).

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores ou de temas semelhantes? Considera mais importante perceber as audiências para o seu trabalho ou numa lógica de mercado?

**CC:** Não me recordo, mas creio que neste caso não vi as audiências. Tenho interesse em ver as audiências sobretudo em trabalhos de maior fôlego. Noutras Reportagens Especiais e em

Grandes Reportagens já tenho visto as audiências e tentado perceber se as pessoas se mantiveram a ver até ao fim, se a reportagem foi ganhando ou perdendo público ao longo da transmissão, etc.



## Apêndice XII – Entrevista Nelson Mateus -“Estrada Sem Rumor”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**NM:** Não consigo recordar-me com rigor o que terá levado a que naquele momento se avançasse com a reportagem. Penso que terá sido alguma polémica sobre investimento noutras vias rodoviárias e não no IP3. Independentemente disso, a situação da estrada era do conhecimento de todos há muito, e havia a percepção clara de que se tratava de um tema com muitas facetas e, por isso, com muitos aspetos para serem explorados numa reportagem maior, como a Reportagem Especial.

**RA:** Em que altura é que foi gravada a Reportagem? Houve algum motivo para ela ter sido exibida naquele momento?

**NM:** O material foi gravado, se recordo bem, na segunda quinzena de novembro de 2016. A data inicial para a transmissão era o primeiro domingo de dezembro, mas depois sofreu vários atrasos, devido a questões de atualidade e a outras RE's já prontas a transmitir.

**RA:** A família que foi vítima do IP3 e o grupo de professoras que entrevistou foram procurados e escolhidos pela produção ou foi o próprio Nelson que já conhecia e entrou em contacto?

**NM:** Todo o trabalho de produção foi feito por nós, em Coimbra. O contacto com a família surgiu através de vários contactos que fizemos com pessoas ligadas a uma associação de utentes do IP3. Também procurámos pessoas que usassem a estrada diariamente e chegámos a estas professoras, sendo que eu já conhecia uma delas e sabia que vivia em Viseu e trabalhava em Coimbra.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias? Se a escolha partiu das chefias, houve algum critério na escolha do jornalista para tratar este assunto específico?

**NM:** A ideia da realização da reportagem partiu do coordenador da Reportagem Especial em Carnaxide. Não saberia dizer qual foi o critério da escolha do jornalista. Penso que a ideia foi entregar o trabalho a alguém da região do IP3. Poderia ter sido à equipa de Viseu ou a um dos dois jornalistas de Coimbra. A escolha acabou por a de uma equipa de Coimbra. Ainda assim, um tema com a complexidade do IP3 requer um espaço alargado de reportagem para ser

possível uma análise tão completa quanto possível de todas as questões. Ao longo do tempo temos feito muitas reportagens para os jornais sobre o IP3 mas, necessariamente, são sempre sobre aspetos específicos e não sobre toda a problemática.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial?

**NM:** O problema do IP3 tem muitas dimensões importantes. Em primeiro lugar, há a questão da proximidade: trata-se de uma estrada por onde passam diariamente milhares de pessoas de toda esta região e não só. Em segundo lugar, trata-se de uma via estruturante do país e, por isso, tem igualmente importância para o todo nacional. Em terceiro lugar, é também um reflexo do problema da coesão nacional, em que há um esquecimento indisfarçável de uma região do país em relação a outras áreas servidas por vias de comunicação de muito melhor qualidade.

**RA:** Consegue atribuir um valor-notícia a esta Reportagem Especial?

**NM:** Como já referi, trata-se de um tema que diz respeito há vida de muitas pessoas, além de ser um problema com relevo significativo a nível nacional.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores ou de temas semelhantes? Considera mais importante perceber as audiências para o seu trabalho ou numa lógica de mercado?

**NM:** Aqui não consigo ajudar. Aqui em Coimbra não temos acesso aos números das audiências. Não conheço os números das audiências e, como tal, também não tenho ideia do significado em termos comparativos. As audiências têm, sem dúvida, importância na medida em que permitem perceber a atenção que é dada a determinado trabalho ou tema, o que, conseqüentemente, também acabará por ter reflexos em termos de mercado.

## Apêndice XIII – Entrevista Sílvia Lima Rato – “O Natal Mágico na Disney”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**SLR:** Nós início estávamos a pensar fazer várias reportagens sobre os parques temáticos de Natal, e depois eu fui fazer esta da Disney e realmente havia tanta coisa, porque não bastava aquilo já ser um mundo mágico, no Natal ainda tem mais atrações, e há sempre os filmes da Disney que estreiam. Tinha tantas atrações, tanta gente e ainda fui encontrar imensos portugueses, que acabou por dar para fazer uma RE. Não fui lá com este intuito, acabou por acontecer, e depois quando cheguei cá vi que tínhamos tanto material, e a televisão vive da imagem e aquilo tem imagens tão bonitas, que aproveitamos para fazer.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista ou das chefias?

**SLR:** Basicamente eu quando cheguei falei com a minha chefe, a minha editora, que por sua vez falou com a coordenação do JN, e chegou-se à conclusão que dava para fazer uma RE. Até porque depois as RE têm um mínimo e um máximo de duração, e a minha nem foi uma das que ficou mais longa. Mas do material que tínhamos, entendeu-se que se podia fazer. Mas, de facto, quando fui para lá não foi com esse intuito. Se calhar se tivesse esse objetivo quando fui para lá ainda teria feito mais material. De qualquer forma também não estivemos lá muito tempo. Nós fomos em Novembro, chegamos lá à noite e já não fizemos nada, no dia seguinte fizemos o dia todo e depois ainda fomos a manhã seguinte tirar mais duas ou três imagens, mas pouco tempo, porque depois tínhamos de ir logo apanhar o avião. Não houve assim muito tempo, mas aquele dia que tivemos lá foi mesmo de manhã até à noite. Como nós estávamos no hotel da Disney, tínhamos a hipótese de entrar mais cedo no recinto, e fomos para lá logo às 8 horas da manhã.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**SLR:** Pois, sei lá. Não sei. Às tantas já está tão intrínseco que a gente quando vai nem pensa. Mas agora há uma coia que nós fazemos quando vamos para o terreno, que é olhar para todo o lado, tipo radar, para ver o que é que é interessante.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores?

**SLR:** É assim, eu gosto de saber se correm bem ou mal, mas eu não tenho acesso a esses números. Quem tem acesso é a minha chefe e outras pessoas, eu não tenho. Portanto, tenho de estar sempre a chateá-la, e ela tem mais em que pensar, não é? Mas claro que me importa, queremos saber se foi vista ou não, e fico um bocado triste quando às vezes não têm aquelas audiências que nós desejávamos. Não é isso o nosso primeiro objetivo, mas gostamos que as reportagens corram bem.

## Apêndice XIV – Entrevista Nuno Figueiredo – “Vida de Cão”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**NF:** O tema dos animais deu origem a uma Reportagem Especial por várias razões. Primeiro porque nós enquanto jornalistas, não queremos ser a voz de ninguém, percebemos que os animais não podem falar, e uns dias antes tinha sido aprovado um decreto-lei em que se aumentavam as penas de prisão e os castigos a quem fizesse mal aos animais. E foi também numa fase em que os animais deixaram de fazer coisas, que era assim que eles eram considerados, para passarem a ser tratados, quase como se de uma pessoa se tratasse, em termos criminais. E depois porque em Portugal há uma certa impunidade a quem faz mal aos animais. Eles não têm voz, e eu também não pretendi ser a voz dos animais, apenas pretendi foi alertar as pessoas para o que se faz diariamente, em cada esquina quase, aos animais. Então foi uma espécie de alerta para a realidade atual.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista ou das chefias?

**NF:** Partiu totalmente de mim. Dependendo do tema, as chefias costumam apoiar as iniciativas. A pro-atividade é muito importante na nossa profissão, e com o passar do tempo, enquanto jornalista, vais percebendo o que é que realmente é importante, e sobretudo o que é que realmente é notícia. E isto era, e claramente foi aceite.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**NF:** Depende. A maior parte das vezes, e é engraçado, porque enquanto jornalista, no teu dia a dia, tu já olhas para as coisas e não dá para as distinguir, já misturas aquilo que é mais apelativo com aquilo que é ou não é notícia. Com a prática e com a nossa vivência diária, por exemplo, nós vamos de férias ou vamos de fim-de-semana, já não temos nada a ver com o trabalho e é quase impossível deixar de ser jornalista em casa. Já olhas para as coisas e pensas: isto dava uma peça, dava uma reportagem, isto era notícia, vou ligar para a SIC porque está a acontecer isto. Portanto, quase que está tudo intrínseco. E é muito complicado fazeres essa separação hoje em dia. O que confunde um pouco é perceber aquilo que é notícia e aquilo que é do interesse público. E eu acho que no meu caso concreto, dos animais, era notícia e era do

interesse público. Mas eu acho que é muito difícil para os jornalistas hoje em dia separar as coisas.

**RA:** Consegue atribuir um valor-notícia a esta Reportagem Especial?

**NF:** Estamos numa época em que existem atentados terroristas, estamos numa época em que roubaram armas de uma base aérea em Tancos, estamos numa época em que há violência doméstica: É óbvio que a questão dos animais não está nesse patamar, feliz ou infelizmente, mas é igualmente notícia por uma razão. Existem, em Portugal, o equivalente a quatro cães (só falo em cães) por português, nós somos 10 milhões, imagina a quantidade de animais que existem... E em Portugal as pessoas só podem ter quatro. Resultado: A partir do momento em que um animal passa a fazer parte da vida de uma pessoa, a partir do momento em que há quase existem quase tanto animais como população portuguesa, ou mais, eu não sei até que ponto não será também relevante, porque faz parte do teu dia-a-dia... tu alimentas o teu animal em casa, ele é como se fosse da tua família, está quase ao nível de uma criança.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores?

**NF:** Nada. Não percebo patavina disso. Nada, zero. Normalmente vêm-me dizer o resultado, mas eu acho que este é o mal do jornalismo, e isto aplica-se a todos os meios de comunicação social, seja televisão, jornal ou rádio. Mau será o dia em que se trabalhar para a audiência.

## Apêndice XV – Entrevista Pedro Benevides – O Legado de Fidel

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**PB:** Eu vou-te contar primeiro como é que nós fomos para lá parar. Nós tínhamos estado em Cuba, no Brasil e na Colômbia, um mês antes, para acompanhar o Marcelo que tinha ido fazer uma visita de Estado e tinha estado com o Fidel. Portanto, no dia em que o Fidel morreu nós estávamos numa reunião de quadros da Impresa e direção mandou-me logo para Cuba, porque eu tinha o visto de lá ter estado um mês antes e fazia sentido que eu fosse. Na verdade o visto só dava direito a uma entrada, portanto na prática era indiferente. Em todo o caso, nós fomos e nestes eventos grandes e sem data marcada, o que acontece é que partes sem um plano pré estabelecido, não havia nada pensado sobre o que é que a gente vai fazer. Portanto, a RE foi decidida em Havana. Quando nós começamos os preparativos para a viagem, ainda nem se quer havia pormenores sobre o funeral do Fidel. E depois percebemos que ia demorar 9 dias e que as cinzas do Fidel iam percorrer a ilha toda. Nós vamos para Cuba com o visto de turista e lá, para trabalhar, é necessário o visto de jornalista e tens de ter uma credencial sempre ao peito porque a polícia está sempre a ver quem está lá em regime ilegal ou legal, e sobretudo quando tens câmaras de televisão, tens mesmo de ter a garantia de que estás regularizada no país a trabalhar. O primeiro dia foi passado no centro de imprensa internacional a tentar a acreditação e o visto de jornalista. Foram mais de 12 horas lá dentro a esperar. Quando vamos realmente trabalhar, já na reta final daquelas cerimónias iniciais, percebemos que as cinzas vão percorrer país e temos ali duas opções: ou vamos atrás das cinzas e enviamos uma reportagem diária ou não vamos com a preocupação dos diretos que eram muito complicados de fazer naquele percurso todo, e vamos sem compromisso fazer reportagens durante estes dias, vamos atrás das cinzas e vamos fazer uma reportagem maior. E foi em Havana que ficou fechado que o modelo ia ser uma RE, sendo que não sabíamos o tempo de duração. Tivemos a sorte de ser a única televisão portuguesa a fazer aquele percurso. Alugamos um carro, um guia, e partimos. Sabíamos aí que a nossa reportagem iria ser a SIC atrás das cinzas do Fidel, e foi assim que a coisa nasceu. Nós não conseguíamos prever com muita antecedência o que ia sair dali, e o próprio formato da reportagem que tu vais fazer, vai-se desenhando na tua cabeça à medida que tu vais trabalhando, e vais trabalhando com alguma distância, porque tu primeiro filmas, e vais fazendo o teu trabalho e depois cá, sentas e vais começar a construir a tua reportagem. O que era claro para mim é que eu ia aproveitar sempre aquela viagem e os locais, porque a caravana

do Fidel faz o percurso inverso àquele que tinha feito quando aconteceu a Revolução. Portanto, todos os sítios em que a caravana parava, eram marcos históricos que explicavam, não só a Revolução, como o pré e pós Revolução. Para mim era óbvio que a minha reportagem ia ser um “*roadtrip*”, mas ao mesmo tempo, sem fazer as coisas por ordem cronológica, ir explicando o que era Cuba antes e no que se tornou Cuba, para que as pessoas tivessem um retrato mais completo possível de uma realidade que eu acho que chega sempre de uma forma parcelar, acho eu, à Europa, EUA e tal. Quando chegas cá e comesas a fazer esse trabalho, tu vais percebendo o tempo que aquilo vai demorando a fazer e à medida que vais contando a história e vais montando, e aquilo demorou vários dias a montar, tu comesas a perceber a dimensão daquilo que tens nas mãos e quando passas dos 30 minutos tu pensas que aquilo devia ser uma GR e não uma RE. Formalmente decidiu-se que seria RE, porque uma GR requer outro tipo de cuidados, ou seja, se eu tivesse partido para Cuba sabendo que ia fazer uma GR, eu teria levado um outro equipamento, o cuidado que eu teria a filmar seria outro, porque nós estávamos ali com um registo muito próximo da reportagem diária, e portanto foi basicamente por uma questão de formalismo que não foi tornada numa GR, sendo que o grafismo teria de ser outro, o cuidado estético deveria, idealmente, ser outro. Como fizemos neste registo, e mesmo o tempo não ter correspondido exatamente ao tempo de uma RE, decidimos que aquilo seria uma RE.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**PB:** Tenho. Bem, para já, com os anos, tu vais interiorizando e a tua grelha de análise já está formatada para pensar isso. Neste caso concreto tu pensas sempre no valor-notícia desde logo que é o facto de tu saberes que de certa forma estás a testemunhar ali a história, não é muito difícil de perceber isso. Basta olhar para a quantidade de meios de comunicação que lá estavam, que tinham aterrado lá de todo o mundo, porque aquele é o evento histórico daquele período, porque o Fidel Castro, para o bem ou para o mal, foi um ícone da humanidade. Toda a gente, em todo o lado, reconhece a imagem do Fidel e aquilo que ele representa e aquilo que impôs e a forma como ele resistiu, apesar de tudo, e portanto é a morte de uma parte da história. E isso é um critério noticioso que tu não podes deixar de pensar nele. Há medida que vais fazendo aquele percurso, tu sabes que estás a assistir a um momento absolutamente histórico, e isto, só por si, já é um valor-notícia. Depois, vais pensando em algumas coisas, como a forma como vais fazer chegar esta proximidade. Quando tu fazes um ângulo dos jornalistas



americanos de Miami, que tem uma cultura muito antiga e castrista, isso chega-te muito mais facilmente a Portugal, do que o lado dos Cubanos, porque chega-te sempre os americanos, porque alguns são celebridades, porque têm um acesso livre aos meios de comunicação social e é fácil propagar o seu ponto de vista sobre aquilo que se passa em Cuba. Portanto, quando tu fazes o ângulo de uma jornalista de Miami cujos pais são cubanos e exilados e ela agora está ali a cobrir a morte do Fidel, eu acho que dá ali um ângulo de proximidade que é o facto de os portugueses conhecerem esta história de haver exilados cubanos em Miami, que não gostam nem do Fidel nem do regime que se instalou em Cuba, e portanto tens ali um ato de proximidade. Da mesma forma quando estás a entrevistar um dissidente e ele te fala dos países da Europa que deviam estar a apoiar a causa deles por estarem a lutar por aquilo que na Europa existe como um dado adquirido, que é a democracia e a liberdade. E quando fazer referência ao Marcelo na tua reportagem, sendo que ele esteve com o Fidel pouco tempo antes e fez questão de ser fotografado ao lado do Fidel, e fez questão de ir visitá-lo, estás a introduzir aquele critério de proximidade, o que também é importante quando estás a ver uma história que se está a passar tão longe.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores?

**PB:** Sim, claramente. Sobretudo porque isto tinha 34 minutos e não foi uma reportagem propriamente promovida, porque não era um GR, era uma RE dentro do jornal e é difícil agarrar a audiência durante 34 minutos, sendo que é preciso ter ali uma série de ferramentas que eu não tinha, porque como já referi eu não tinha pensado em ter algo desta dimensão. Agora, é claro que no dia seguinte fui logo ver quanto é que aquilo tinha feito! Fui perceber se tínhamos perdido muito, se tínhamos perdido pouco, onde é que tínhamos perdido, onde é que não tínhamos perdido, se aquilo tinha liderado em algum momento, se não tinha... claro que é importante. Não as comparo porque acho que não são comparáveis. Depende sempre dos temas. Este era um daqueles temas incontornáveis que tu tinhas de fazer, para já porque já tinhas feito aquele investimento todo, tinhas enviado para lá uma equipa, essa equipa decidiu que ia fazer aquele percurso e portanto essa era a tua história nova, a tua mais-valia tinhas de a fazer. Noutros casos, depende dos temas, porque há assuntos, que não sendo *faits divers*, são assuntos mais ligeiros, e tu sabes que quinze minutos de um assunto desses, tendencialmente, conseguem agregar mais audiência do que uma história de internacional, que ainda por cima

demora 35 minutos. Eu não faço esse comparativo com as minhas reportagens, porque isso depende do que tem no ar o canal ao lado, depende da altura do ano, porque esta RE passa na altura do Natal, que é uma altura meia atípica, depende de tanta coisa!! É como pões no ar um assunto muito pesado no verão, aquilo não fará tão bem, porque as pessoas vêm da praia e não querem ver coisas dramáticas e pesadas.

## Apêndice XVI – Entrevista Lúcia Gonçalves – “Vamos ao Espumante”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**LG:** Aquilo vem na sequência da rubrica *Famílias Vintage*, que é uma rubrica que está agora a fazer três anos e que na altura foi pensada para potenciar o lançamento da nova novela da SIC na altura, *Coração D'Ouro*, e a ideia foi ver histórias de famílias produtoras de vinho. Na altura foi só no Douro e com muito enfoque no vinho do Porto, só que as reportagens correram muito bem, toda a gente gostou, eu claro que também gostei, são coisas que todos nós gostamos de fazer e foi um conteúdo que ficou e que está a ser repetido todos os anos por esta altura. Isso deu-nos para perceber que há muitas histórias interessantes nas pessoas, nas famílias e nas empresas que produzem vinho. E o vinho é cada vez mais um setor muito importante na nossa economia. Nessa altura do Natal e Ano Novo, que é uma época em que as pessoas, por causa das reuniões de família e amigos, dedicam algum tempo e algum gosto a pensar na compra das bebidas que vão acompanhar os pratos típicos da época. Portanto, a ideia foi aproveitar a quadra de final de ano e natalícia e irmos à procura de histórias à volta disso. O espumante, para além do consumo durante o ano, grande parte do consumo é feito nas quadras festivas. Escolhemos quatro casos diferentes, porque a ideia era também mostrar a variedade das regiões do país, das castas, dos produtores, e contar essas histórias e o que é que os distingue. Porque é tudo espumante mas não é, porque têm perfis e sabores diferentes, e da maneira como são feitos, devido às castas, ao *terroir*, ao clima... há uma série de fatores. E fomos à procura da própria curiosidade que nós percebemos que as pessoas têm mais por este tema.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**LG:** Já não me recordo bem, porque como já faço muitas coisas na área deixo fugir, porque às vezes são sugestões minhas, outras são da coordenação, mas neste caso acho que foi a coordenação, porque nessa altura também há menos informação diária, de agenda, e temos de procurar conceitos um bocadinho diferentes. No caso, conceitos que caíam bem na altura que é.

**RA:** És a escolhida para tratar este tema por já estares muito por dentro do assunto dos vinhos?

**LG:** Sim, mas isso é normal, percebes? Quando andava a fazer muitas reportagens sobre saúde, com as reportagens do cancro, sobretudo sobre a área oncológica, tinha e ainda tenho muitos

contactos e referências e estava muito atenta, sabia as novidades, as técnicas... isto exige, seja qual for a área, exige um foco e uma leitura permanente do que o que se está a passar naquela altura, seja na área da saúde, seja do vinho, seja na área do desporto, tu tens de estar sempre em cima. A área da saúde é uma área que eu continuo a acompanhar, mas não tanto, porque as funções que ocupo agora são mais exigentes, e agora estou um pouquinho mais viradas para os vinhos. Sabes que isto depois começa e umas coisas vêm atrás das outras, porque comesças a fazer reportagens nessa área e depois começam-te a chegar propostas e ideias (umas interessantes, outras nem tanto), e depois o próprio tema começa-te a cativar e comesças ler... o que eu acho que tem de interessante na nossa profissão é isso. Imagina, tu estás durante uns anos virada, por exemplo, para a área da saúde, como foi o meu caso, e agora estou a descobrir a área da gastronomia e dos vinhos, que também é uma tendência, muito por causa do turismo no nosso país. E isso é interessante porque nunca te cansas, no fundo. Tens sempre as coisas do dia a dia que tens de fazer, mas se quiseres, nem que seja por *hobbie*, podes acompanhar e ler mais sobre um determinado assunto. E isso é bom porque, por exemplo, tens aquele tema de que estás mais por dentro, como política, ou desporto, ou ambiente, e se houver uma coisa polémica e tu gostares do tema, tu podes sugerir, podes arranjar fontes, podes arranjar histórias, não estás só dependente da agenda, podes propor coisas que também te dão gozo fazer. E isso é bom, porque podes estar a trabalhar numa redação generalista, como nós aqui somos, nós fazemos tudo, mas se tu vires, há aqui pessoas que estão mais à vontade numa área ou mais à vontade noutra. Isso é bom para elas, e também é bom para a empresa e para a redação, porque tens pessoas que, se eu tiver uma dúvida enquanto coordenadora, posso ir perguntar se acham que determinado assunto é notícia. Eu às vezes, por causa dos vinhos, já me pergunto se determinada questão é nova. Lá está, eu vou acompanhando, vou vendo, vou lendo, vou estando atenta. É como na área da oncologia, porque é preciso estar muito no terreno, sabes? A Cristina Freitas também já está muito por dentro disto, porque fez comigo o “Vencer o Cancro” e ficou daí o bichinho, sendo que é uma área que eu continuo a gostar e em que as pessoas me continuam a chamar para participar e para acompanhar, porque eu gosto também.

**RA:** Procuraste perceber as audiências da Reportagem Especial? Esta é uma questão que te preocupa?

**LG:** Sim, preocupa-me. Preocupa-me, quer dizer, nós não somos definidos por isso, mas é claro que se fizermos um trabalho que pouca gente vai ver, a nossa autoestima, pelo menos, não sai

muito valorizada com isso. Se percebemos que estamos todos envolvidos, porque isto tem valor, pelas pessoas que estão envolvidas, pelo tempo, pelo equipamento, e se de facto percebemos que é um investimento, um esforço, um trabalho, que vale a pena, a maneira de perceber isso, para além do resultado final, de gostares ou não, a única maneira que tens de auferir isso é através das audiências. E as audiências, obviamente, pesam nisto, porque são trabalhos longos, que exigem muito empenho e muito esforço, e se nós percebermos, como percebemos, que isto é uma rubrica com reportagens que têm audiência que as pessoas gostam, claro que isso incentiva ainda mais.

## Apêndice XVII – Entrevista Cristiana Reis – “Valquíria na Dinamarca”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**CR:** Pela relevância da artista. A Joana Vasconcelos tem muita notoriedade, não só em Portugal, mas também (e diria, sobretudo, até) no estrangeiro. Esta foi uma das maiores obras da Joana compradas por um museu de fora de Portugal.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**CR:** Partiu da minha editora, Graça Costa Pereira.

**RA:** Houve algum critério na escolha do jornalista para tratar este assunto específico?

**CR:** Sim. Há sempre critérios na distribuição do trabalho. Todos, da equipa da cultura, temos, obviamente de fazer um pouco de tudo, mas há assuntos dos quais gostamos mais ou estamos mais por dentro.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial?

**CR:** Temos sempre de os ter em conta. Neste caso, está relacionado com o facto de ser uma artista portuguesa "a singrar" no estrangeiro e de uma das maiores obras da carreira dela.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores ou de temas semelhantes? Considera mais importante perceber as audiências para o seu trabalho ou numa lógica de mercado?

**CR:** Sim, procurei. Até porque foi a minha primeira Reportagem Especial. Mas não diz nenhuma comparação, apesar de considerar que as audiências têm muita importância, acho que, em alguns casos, também temos de fazer reportagem com assuntos que não sabemos que são uma aposta ganha. Porque, às vezes, o público também não tem conhecimento de certas coisas e é uma forma de o passar a ter. E informação também pode (e deve) ser educação.

## Apêndice XVIII – Entrevista Susana Bastos – “A Gripe e as Urgências”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**SB:** Porque na altura havia um surto de gripe. É normal, todos os anos, mas entendeu-se que seria importante explicar por que motivo as urgências entopem.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**SB:** Partiu das chefias.

**RA:** Se a escolha partiu das chefias, houve algum critério na escolha do jornalista para tratar este assunto específico? (Principalmente porque, neste caso, há uma série de jornalistas envolvidos e tu acabas por juntar todo o material e constróis a reportagem final. Explica também um pouquinho as possíveis dificuldades de escrever um texto que foi feito no terreno por outros jornalistas.)

**SB:** Não sei qual o critério utilizado na escolha do jornalista. O prazo era muito apertado: três dias para fazer uma reportagem especial. Com material de arquivo e material novo. Era impossível um único jornalista fazer tudo: sair em reportagem várias vezes para ir a hospitais diferentes, fazer várias entrevistas, visionar tudo, pesquisar no arquivo, escrever e editar. Daí ter-se dividido o trabalho por vários jornalistas. Como foi tudo planeado e conversado foi fácil escrever com base nas entrevistas feitas por outras pessoas. A dificuldade foi apenas a falta de tempo.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial? (Com esta questão pretendo não só perceber se pensaste em critérios de noticiabilidade nesta Reportagem em particular, mas também se no teu dia a dia isto é algo em que pensas ou se, porventura, já está intrínseco na tua prática do jornalismo.)

**SB:** O objetivo foi explicar por que motivo há, todos os anos, caos nas urgências devido à gripe. Creio que esse objetivo foi alcançado.

**RA:** Consegues atribuir um valor-notícia a esta Reportagem Especial?

**SB:** Consigo. Creio que depois de se ver esta reportagem se percebe quem tem culpa no congestionamento das urgências hospitalares e de que forma isso pode ser evitado.

**RA:** Procuraste perceber as audiências da Reportagem Especial? Comparas essas audiências com audiências de RE anteriores ou de temas semelhantes? Consideras mais importante perceber as audiências para o teu trabalho ou numa lógica de mercado?

**SB:** Não sei que audiências teve. Não procuro nunca saber. Por uma razão simples: não acredito nas audiências, na forma como são medidas, nos critérios utilizados.



## Apêndice XIX – Entrevista Raquel Marinho – “Longe de casa”

**RA:** Esta reportagem é exibida em janeiro. Mas não faria sentido ter sido exibida em setembro, por exemplo, na altura da colocação dos professores?

**RM:** Não. Não fazia. A razão pela qual nós nos lembramos de fazer a reportagem foi porque houve um jantar de professores deslocados no Alentejo e eles mandaram-nos um mail, com uma nota de agenda a informar que aquele jantar ia existir. Nós nem íamos fazer essa peça, mas pensamos logo que este tema daria uma Especial. Até acho que os nossos colegas correspondentes foram lá para fazer uma peça para o jornal desse jantar, mas eu depois fui fazer a Reportagem Especial.

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**RM:** Porque é um tema que afeta milhares de pessoas e que têm uma vida virada do avesso há muitos anos. A escolha daqueles professores foi feita através de investigação da produção. Menos o Manuel, que eu já conhecia e sabia que ele tinha uma vida de professor deslocado há muitos anos. Ele até já viveu em Coimbra, viveu em muitos sítios, e eu conhecia-o à margem daquilo que ele faz, porque é professor mas também é poeta.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista ou das chefias?

**RM:** Partiu da editoria. Bom, nós temos uma equipa de fim-de-semana relativamente pequena e eu tenho-me dedicado sobretudo à Reportagem Especial. E quando se falou dessa coisa dos professores e disse logo: “Pá, eu gostava de fazer isso!”. Eu gosto destes temas, gosto de temas sociais, gosto de os tratar.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial ou já é intrínseco no jornalista a ideia daquilo que é notícia?

**RM:** Claro, mas neste caso era óbvio. Claro, claro que penso nos valor-notícia. Mas neste caso, como nos outros, é muito óbvio. Este caso tem a ver com uma série de pessoas, muitas, que não conseguem estabilizar a vida por força da forma como o sistema está organizado para a profissão delas. Portanto, apesar de nós pensarmos que a notícia é o que é novidade e o que é mais recente... pode não ser! A notícia também pode ser alguma coisa que está errada e está

instalada e não se altera. E está instalada há anos, e isso também pode ser notícia. O nosso trabalho de jornalistas também é denunciar essas coisas e falar delas.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores?

**RM:** Não, eu não pergunto. Mas dizem-me e normalmente correm muito bem. O Jornal da Noite vai sempre a subir (audiências) quando elas (RE) estão no ar. O coordenador quando me vê no dia seguinte diz-me logo que correu muito bem. Não comparo RE e audiências, de todo. Eu gosto muito de cada trabalho que faço, mesmo. Portanto, há aqui um empenho profissional, mas também pessoal, porque eu gosto muito de fazer a maioria das histórias que eu faço. Então estas especiais são coisas que me dizem alguma coisa enquanto jornalista, mas também enquanto pessoa. Portanto, há uma enorme dedicação e não trabalho nessa lógica de mercado. Eu acho que se tu fizeres bem o teu trabalho, e para o fazeres bem tens de estar de facto empenhada e gostares daquilo que estás a fazer (porque é um privilégio, nem toda a gente tem isso), se o fizeres com sobriedade, que é uma palavra aqui muito importante, mesmo que sejam temas muito difíceis, se contares bem uma história, as pessoas veem. E também se não virem não é por aí. Viram as que viram.

## Apêndice XX – Entrevista Madalena Ferreira – “Aqui Também Se Vive”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**MF:** Em primeiro lugar porque a Serra da Estrela só tem sido notícia por causa da neve ou dos incêndios e, na verdade, a Estrela tem muito mais para além disso. Tanto que a riqueza geológica e cultural do território em causa será alvo de uma candidatura a Geoparque da Unesco. E esta questão em particular imprimiu novo relevo ao tema e à própria reportagem especial.

**RA:** Em que altura é que foi gravada a Reportagem? Houve algum motivo para ela ter sido exibida naquele momento?

**MF:** A recolha foi feita entre setembro de 2016 e janeiro de 2017. Houve no entanto um engano na legendagem e apareceu sempre 2015. A culpa foi minha. Foi exibida naquele momento porque estávamos no início do ano e 2017 é de facto decisivo para a tal candidatura à UNESCO. Preparamo-nos aliás para seguir para a ilha de São Miguel. Açores, onde o dossier de candidatura vai ser formalmente entregue.

**RA:** As pessoas que entrevistou foram procuradas e escolhidas pela produção ou foi a própria Madalena que já conhecia e entrou em contacto?

**MF:** O trabalho de produção no terreno foi tudo feito por mim.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**MF:** A iniciativa foi desta equipa de correspondentes da Guarda que propôs, tendo sido aceite naturalmente pelas chefias.

**RA:** Se a escolha partiu do jornalista, por que razão escolheu aquele tema? Pensou, na altura, que esse tema daria uma Reportagem Especial ou que poderia ser só uma reportagem do jornal?

**MF:** Quando parti para a reportagem foi já com a ideia do formato de reportagem especial.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial?

**MF:** Neste caso, a reportagem visa muito particularmente o interesse de dar relevo mundial à Serra da Estrela que se percebe despovoada e envelhecida. Julgo por isso que o alerta para a necessidade de dar outra vida a estas terras de montanha é em si mesmo um valor.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores ou de temas semelhantes? Considera mais importante perceber as audiências para o seu trabalho ou numa lógica de mercado?

**MF:** Na altura tive curiosidade em saber e percebi que a reportagem teve um grande impacto (não retive as percentagens). E, claro que sim, é importante que uma determinada reportagem seja vista por um grande número de telespectadores. É importante para tal lógica de mercado a que a SIC dá evidente relevo e muito satisfatório para quem realiza o trabalho em causa.

## Apêndice XXI – Entrevista Hugo Alcântara – “Haja Saúde”

**RA:** Por que razão este tema deu origem a uma Reportagem Especial?

**HA:** Porque a falta de médicos, principalmente no interior, é bastante preocupante e tem vindo a agravar-se nos últimos tempos. Quisemos perceber como estão e funcionam os planos especiais de incentivos para a fixação de clínicos nas regiões mais deprimidas. Além disso a ideia era fazer um retrato do interior e das necessidades das pessoas.

**RA:** A iniciativa à realização desta Reportagem Especial partiu do jornalista, enquanto sugestão, ou das chefias?

**HA:** A ideia foi minha aprovada pelas chefias.

**RA:** Por que razão escolheu aquele tema? Pensou, na altura, que esse tema daria uma Reportagem Especial ou que poderia ser só uma reportagem do jornal?

**HA:** Para mim foi sempre claro que seria uma reportagem especial, pela extensão do tema.

**RA:** Teve em consideração um valor-notícia específico no momento da realização da Reportagem Especial? (Com esta questão pretendo não só perceber se pensou em critérios de noticiabilidade nesta Reportagem em particular, mas também se no seu dia a dia isto é algo em que pensa ou se, porventura, já está intrínseco na sua prática do jornalismo.)

**HA:** Não há jornalismo se não se colocar o valor notícia como prioridade. No caso concreto parti do valor notícia intrínseco ao tema para uma abordagem de reportagem com mais tempo, respiração, sensação e, principalmente, boas estórias.

**RA:** Consegue atribuir um valor-notícia a esta Reportagem Especial?

**HA:** Sim. Óbvio. Mostramos os números, as dificuldades, os fracassos da política e os novos caminhos para mitigar um problema nacional.

**RA:** Procurou perceber as audiências da Reportagem Especial? Compara essas audiências com audiências das RE anteriores ou de temas semelhantes? Considera mais importante perceber as audiências para o seu trabalho ou numa lógica de mercado?

**HA:** Sim procuro sempre e as audiências ajudam a medir a própria eficácia da reportagem e a corrigir, futuramente, eventuais fragilidades ou problemas de abordagem.